



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

PAULO SÉRGIO DA SILVA SANTOS

**“PENITÊNCIAS, PERFORMANCES E SANGUE”:
REFLEXÕES SOBRE OS
PENITENTES AURORENSES DA ORDEM DA SANTA CRUZ
NO TEMPO
PRESENTE**

**CAMPINA GRANDE–PB
2024**

PAULO SÉRGIO DA SILVA SANTOS

**“PENITÊNCIAS, PERFORMANCES E SANGUE”: REFLEXÕES SOBRE OS
PENITENTES AURORENSES DA ORDEM DA SANTA CRUZ NO TEMPO
PRESENTE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do Título de Mestre em História. Área de Concentração: História, Cultura e Identidades.

Orientador: Prof. Dr. José Pereira de Sousa Júnior

CAMPINA GRANDE–PB
2024

S237p

Santos, Paulo Sérgio da Silva.

“Penitências, performances e sangue”: reflexões sobre os penitentes Aurorenses da Ordem da Santa Cruz no tempo presente / Paulo Sérgio da Silva Santos. – Campina Grande, 2024.

113 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação: Prof. Dr. José Pereira de Sousa Junior".

Referências.

1. História Cultural. 2. Identidade e Religiosidade. 3. História – Performances – Penitentes. I. Sousa Junior, José Pereira de. II. Título.


CDU 930.85(043)

PAULO SÉRGIO DA SILVA SANTOS


**“PENITÊNCIAS, PERFORMANCES E SANGUE”:
REFLEXÕES SOBRE OS
PENITENTES AUORENSES DA ORDEM DA SANTA CRUZ NO TEMPO
PRESENTE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do Título de Mestre em História. Área de Concentração: História, Cultura e Identidades.


O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 26/03/2024 pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Documento assinado digitalmente
 **JOSE PEREIRA DE SOUSA JUNIOR**
Data: 29/05/2024 20:48:15-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientador Dr. José Pereira de Sousa Junior
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

Documento assinado digitalmente
 **JOSE OTAVIO AGUIAR**
Data: 04/06/2024 11:39:52-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Membro interno: Prof. Dr. José Otávio Aguiar
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

Documento assinado digitalmente
 **MARIO RIBEIRO DOS SANTOS**
Data: 05/06/2024 21:37:31-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Membro externo: Prof. Dr. Mário Ribeiro dos Santos
Universidade de Pernambuco - UPE

CAMPINA GRANDE – PB, 2024.

Dedico à Dona Anita do Sítio Tipi, minha amada bisavó e ao meu bisavô, Seu Sebastian, um ótimo vaqueiro e dono dos mais lindos aboios e conselhos (*In memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao dia 18 de dezembro de 2019, pois sobrevivi, apesar de ser um eterno refém e penitente desse dia.

Tenho um enorme agradecimento a todos os professores que encontrei na vida. Estendo meus agradecimentos a minha família, ao meu excelente e primoroso orientador, o senhor Prof. Dr. José Pereira de Sousa Júnior. Ademais, agradeço aos penitentes da Ordem da Santa Cruz.

E por fim, expresso meus agradecimentos ao Prof. Me. Roberto Viana de Oliveira Júnior, um grande amigo. Tenho também grande gratidão pela Universidade Federal de Campina- UFCG e todos seus funcionários, principalmente ao Campus de Cajazeiras-PB.

Isto é o meu sangue da aliança, que é
derramado em favor de muitos, para perdão de
pecados. (Mateus 26:28)

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1 - Penitentes em oração.....	29
Figura 2 - Penitentes em oração com a cruz: prelúdio dos benditos	31
Figura 3 - Sangue dos penitentes na parede de taipa resultado da autoflagelação.....	32
Figura 4 - Autoflagelação da ordem da santa cruz	52
Figura 5 - A caminhada dos penitentes	53
Figura 6 - Penitentes no fim de um “alerta ¹ ” em Aurora-CE	54
Figura 7 - Penitentes perante o altar	62
Figura 8 - Sangue dos penitentes numa parede, após ritual de autoflagelação	80
Figura 9 - Imagem de um altar na casa do Decurião.....	86
Figura 10 - Imagem de um ritual da autoflagelação antes da pandemia	87
Figura 11 - Registro após fim da autoflagelação	88
Figura 12 - Registro de autoflagelação de um historiador local	89
Figura 13 - Cortina que separa os penitentes das mulheres da casa	94
Figura 14 - Penitentes na performance da autoflagelação.....	95

¹Ritual de rezas constantes que adentram as madrugadas entoadas com súplicas de perdão.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	13
2 ENTRE ORAÇÕES E PENITÊNCIAS: A PESQUISA QUALITATIVA, A CULTURA VISUAL E A EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA	25
2.1 MINHAS ENXADAS E FLAGELOS: CAMINHOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS.	25
2.2 O CORPO, A DEVOÇÃO, A ENTREGA, O PLANTIO E A COLHEITA	21
2.3 A PESQUISA HISTÓRICA E A ETNOGRÁFICA	37
2.4 A PESQUISA QUALITATIVA E A CULTURA VISUAL.....	39
2.5 USO DE FOTOGRAFIAS COMO FONTES: UMA CULTURA VISUAL.....	43
2.6 AURORA: ENTRE A NOVA JERUSALÉM E SUAS ESTRADAS DE TERRAS	45
2.7 A MÍDIA E O PENITENCIALISMO: UM TEMPO NÃO NEGOCIADO	46
3 DA ENXADA AO FLAGELO: O PENITENCIALISMO PRATICADO PELA ORDEM DA SANTA CRUZ E A SUA RELAÇÃO COM O TEMPO	49
3.1 CORPOS COMO TEMPLOS: O PENITENCIALISMO E AS SUAS PRÁTICAS	49
3.2 OS CORPOS E SEUS “DITOS”	51
3.3 OS PRINCIPAIS RITUAIS DOS PENITENTES	54
3.4 OS PENITENTES E AS “IDENTIDADES”	58
3.5 O TEMPO NEGOCIADO COM O SAGRADO: ENTRE A DIACRONIA E A SINCRONIA	60
3.6 OS VELHOS E OS NOVOS PENITENTES: O TEMPO COSTURADO E O TEMPO PLANTADO.....	64
3.7 O TEMPO DO FIM DO MUNDO.....	67
3.8 O TEMPO DO PE. IBIAPINA E DO PE. CÍCERO	70
3.9 AS INTENCIONALIDADES DO USO DO TEMPO E O TEMPO ESCRITO: OS MANUAIS DOS PENITENTES	74
4 A COSMOGONIA, OS SÍMBOLOS E AS PERFORMANCES DOS PENITENTES	80
4.1 PERFORMANCE E RELIGIOSIDADE: A TEATRALIZAÇÃO DA FÉ DOS PENITENTES	80
4.2 OS CORPOS E AS DORES: UMA TEATRALIDADE CARNAL E ESPIRITUAL	83
4.3 A SUBLIME DOR: A PERFORMANCE DA AUTOFLAGELAÇÃO	89
4.4 A FORÇA DOS SACRIFÍCIOS NO PENITENCIALISMO	96

SUMÁRIO

4.5 SACRIFÍCIOS COMO PAGAMENTO: NEGOCIAÇÕES E BURLAS	98
4.6 SACRIFÍCIOS COMO ALIMENTO, OS OBJETOS DE SACRIFÍCIOS E OS SACRIFICANTES.....	99
4.7 RITOS E SUAS EMULAÇÕES: CORPO, ÊXTASE E PERFORMANCE	101
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
REFERÊNCIAS.....	107

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma premissa simples e ao mesmo tempo aprofundada, no âmbito da epistemologia histórica, pois possui a função de compreender no tempo presente como as práticas, performances e simbologias da Ordem da Santa Cruz em Aurora, na região do Cariri cearense, elaboram e significam o tempo, a cosmogonia e a religiosidade penitente. Destarte, as categorias de temporalidades e de performances são fundamentais na análise desta religiosidade e seus meandros, interfaces e especificidades culturais. Doravante, a História e sua conexão com a Antropologia (o aporte teórico da História Cultural) auxiliam e costuram esse texto juntamente com uma metodologia de análise de fontes imagéticas por meio da “cultura visual” e fontes jornalísticas. Portanto, esse texto tem em sua funcionalidade apresentar narrativas, tempos, crenças, corpos, sangue, performances e principalmente história(s).

Palavras-chaves: História. Performances. Penitentes.

ABSTRACT

This dissertation has a simple and at the same time enriching premise, within the scope of historical epistemology, as it has the premise of understanding in the present time how practices, performances and symbologies of the Order of the Holy Cross in Aurora, in the Cariri region of Ceará, elaborate and signify time, cosmogony and penitent religiosity. Thus, the categories of temporalities and performances are fundamental in the analysis of this religiosity and its intricacies, interfaces and cultural specificities. Henceforth, history and its connection with anthropology help and weave this text together with a methodology for analyzing imagery sources through visual culture and journalistic sources. Therefore, this text has in its functionality to present narratives, times, beliefs, bodies, bloods, performances and mainly history(s).

Keywords:

History.

Performances.

Penitents.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A imagem do Sr. Geraldo, Decurião² da Ordem da Santa Cruz³, ecoa no espaço sacro da sua casa de taipa à beira da pista, desafiando o tempo, a poeira da estrada, a fé e o meu ofício de historiador. Doravante, quando a escrita começou a ganhar seus contornos e essa introdução foi surgindo na tela do computador à figura do líder da irmandade não sumia da minha mente, pois o velho penitente e os demais membros da irmandade estavam em minhas memórias como um aurorense e como historiador.

Tais concepções, experiências e memórias tornaram-se as sementes deste texto. Dessa maneira, essas palavras têm suores, crenças, vidas e sangues de penitentes que atravessaram o tempo, uma dura vida na roça e tradições que elaboram cosmogonias, pontes com divino e bulas com coetâneo.

A figura do simpático decurião no alpendre é uma imagem que constrói uma estrada, senão, a travessia, entre o meu ser (menino) na casa dos avós, ou seja, do meu “lugar social” e a minha profissão de historiador. O penitencialismo⁴ sempre despertou um encanto, uma sedução e uma aproximação com essa religiosidade perante esses homens, que persistiram ao longo de um tempo e carregam consigo simbologias, singularidades e apropriações próprias de uma cosmogonia única.

Conheci⁵ seu Geraldo Caboclo desde a minha infância e com a pesquisa na graduação e na pós-graduação “reconheci” o “decurião” e “acessei” esse senhor, como um líder de um complexo grupo de agricultores e seus simulacros com a sua religiosidade, suas relações socioculturais e um complexo mundo mágico-religioso. Em meu constante processo de diálogo e escuta, por meio da expertise da cultura visual e um contato pautado na etnografia perante a História Cultural, assim foi apurado uma proximidade relevante com os penitentes.

Essa dissertação é pautada na análise da performance visual calcada numa religiosidade delimitada em perspectivas de identidades, suor, sangue e fé. Como um tecido que precisa ser costurado, essa pesquisa buscou no entendimento e amplitude da teatralização da fé, do sagrado e na religiosidade os signos e simulacros do penitencialismo praticado pelo Sr Geraldo, vulgo “Caboclo” e sua irmandade de penitentes. Em síntese, a figura desse líder penitente demonstra uma égide de uma cultura presente na comunidade e no imaginário

²Líder da irmandade da Ordem da Santa Cruz dos penitentes do Sítio Salgadinho.

³Comunidade de penitentes da zona rural de Aurora no Cariri cearense.

⁴Esse termo é utilizado na historiografia sobre essa temática como um conceito teórico e metodológico capaz de abraçar as dimensionalidades das práticas, costumes, crenças e vivências dos penitentes.

⁵Peço sinceras desculpas às normas acadêmicas formais e aos pares, pois usarei em precisos momentos algumas colocações pessoais. Esse texto não é uma autópsia fria e laboratorial.

aurorense.

Outra categoria de análise que costura esse tecido é a noção de “tempo” ou temporalidades entrelaçado aos penitentes e para isso um texto jornalístico⁶ que alcunha o tempo medievo como explicação para os penitentes do Cariri cearense foi mais uma fonte de entendimento dessa costura. Pois de São Pedro a São Francisco, do começo ao “fim do mundo”, a imagem imponente dos penitentes fazem da memória um imenso quebra-cabeça e a noção de tempo, origem e diacronia são postos no discurso jornalístico e historiográfico de uma forma problemática.

Suas vestimentas, seus suores, alegrias, dores, sangues e olhares presentes em fotografias demonstram e deixam acessar muitas dimensionalidades de sentidos, interpretações e reflexões. Por isso que as fotografias não são apenas ilustrativas e unidimensionais. Essas fotografias são escolhidas com cuidado e apuração com o mesmo esmero de um penitente escolhe as suas sementes no roçado terreno e supraterrano. Em sua maioria são do acervo pessoal proveniente das pesquisas da graduação e pós-graduação juntamente com produções de pesquisadores locais.

Pois o uso de fotografias acarretam cuidados e devemos suplantar a característica de complementar ou ilustrativa das imagens:

No campo da historiografia sabemos que os documentos escritos eram as fontes privilegiadas, senão as exclusivas da disciplina. A imagem, mesmo a fotografia, mantinha-se em segundo plano e, em alguns nichos historiográficos, como veremos, havia o espaço da mistura da realidade e da ficção. O valor da prova ou testemunha da fotografia, quando lastreada pelas fontes textuais, servia de documento complementar para a construção de uma narrativa positivista, baseada no encadeamento factual e biográfico (...) (Carvalho e Lima, 2009, p. 35).

Dessa forma, as historiadoras frisam no trecho que o papel comum dado às fotografias era como fontes complementares ou de cunho biográfico em algumas correntes da historiografia. As fontes visuais eram renegadas ou vistas como inferiores numa pseudo-hierarquização de fontes históricas. Esse caráter secundário não será palco nesta dissertação, pois este texto é pautado na dita “Nova História”, em específico da história Cultural, e não iria usar a herança dos metódicos e positivistas na construção desse texto perante uso de fotografias, pois o entendimento mister é que as imagens dos penitentes são imponentes.

O arquivo pessoal, acervos públicos, virtuais entre outros repositórios fazem parte de um “cultural visual”, ou seja, um complexo imagético. Essa pesquisa buscou respeito máximo

⁶Texto: Penitentes tem atos medievais. Reportagem do jornal Diário do Nordeste. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/penitentes-tem-atos-medievais-1.658794>. Acesso: 18/02/23.

aos códigos internos dos penitentes para não transformar suas práticas em objetos de uma pesquisa laboratorial, mas uma experiência etnográfica, cultural e histórica pautada no respeito, admiração histórica, historiográfica e epistemológica sobre essa religiosidade viva e complexa.

Ademais, são homens simples que já foram pesquisados por inúmeros trabalhos acadêmicos locais, regionais e até midiáticos que usaram estranhamente e erroneamente a história oral, as oralidades ou o processo de escuta como fontes primordiais e menosprezaram os detalhes pertinentes a cultura visual, como: as performances de seus atos, seus olhares, simbologias místicas e ritualísticas.

Portanto, visto que os próprios penitentes estão exaustos de pesquisadores da história oral, repórteres, pesquisadores longínquos e suas entrevistas longas, desrespeitando o princípio ético do grupo de “resguardar as identidades” associadas até mesmo o medo do uso, ou mau uso, de suas falas e ainda com receio da velha historiografia ou mídia em que persistem usar adjetivos como “fanáticos, ultrapassados, loucos, exacerbados, exóticos, medievais, excêntricos entre outros”, diante disso que esta pesquisa se atenta ao acervo pessoal e de pesquisadores da religiosidade produziram sobre os penitentes locais e textos jornalísticos como fontes históricas basilares.

No entanto, o processo de análise de imagens, vestimentas, altares, expressões faciais e discursos midiáticos são também importantes, o que não retira a imponência de um bom trabalho pautado na história oral com ética. No pós-pandemia de Covid-19 estes senhores ficaram mais reclusos, fechados e receosos, assim foi importante respeitar esse posicionamento como historiador e comunitário. Ademais, um texto frio, metódico, descritivo pode funcionar como uma “autópsia” ao qual sempre que não envolvem na análise e na escrita o próprio escritor e as suas intencionalidades, torna-se um texto “raso”.

Por isso que foi acertado e ficou crível nesse texto a colocação do historiador de forma clara e concisa na compreensão dos penitentes, por uma série de justificativas acadêmicas, e entre elas, repousa o fato que este estudo sobre essa irmandade deteve um tempo longo de acompanhamento etnográfico juntamente com as justificativas pessoais como o sentimento de pertencimento a comunidade aurorense e também um crente dessas religiosidades locais.

Essas colocações pessoais não empobrecem ou tão pouco retira a cientificidade, rigor técnico, metodológico, analítico e teórico. E para compreender a “Ordem da Santa Cruz” e suas narrativas próprias que são repletas de simbolismos e nuances que justificam suas práticas ao remontam a uma gênese mítica, suas justificativas e perseveranças perante aos

tempos e suas elaborações de tempo. Dessa forma, essa dissertação não foca em gênese da irmandade, pois as dimensões de tempo cronológico e científico não são correlatas por uma origem entrelaçada a Padre Cícero, Frei Damião, Padre Ibiapina, São Francisco, as narrativas bíblicas e para o Decurião, suas origens, suas práticas, suas vestimentas e suas religiosidades provêm de um passado tão místico quanto sua missão.

Igualmente, o tempo presente é o recorte dessa pesquisa em virtude de uma teoria da história cultural que favorece esse diálogo com etnografia e estudos das culturas presentes, além de uma escolha própria do historiador. O próprio tempo é um objeto de penitência, de sacralidade e de apuração histórica, pois não podemos separar penitentes do tempo presente nesta pesquisa calcada em performance, cultura e ritualísticas.

Antemão, posto os recortes temporais e espaciais torna-se relevante uma breve explanação sobre a irmandade estudada e suas particularidades. Esses religiosos aurorenses formam comunidades de homens agricultores que seguem uma conduta moral rígida e possuem uma fé repleta de especificidades com suas cosmovisões sobre o mundo, as experiências e suas identidades.

O estudo é direcionado ao grupo de agricultores da zona rural aurorense, em específico do sítio Salgadinho próximo da Vila Tipi⁷, que ecoam benditos e sangues em nome de uma fé que vem de um tempo não cronológico, pois os penitentes comungam um tempo sagrado.

Essa pesquisa tem como fundamento usar a categoria do tempo presente não apenas como um modismo acadêmico corriqueiro e como única ferramenta possível mediante ao uso da cultura visual, mas com uma ferramenta de análise que contribuem para entendimento, elaboração ou reelaboração e a costura entre tempo, objeto de pesquisa e epistemologia da história. Mas o que é tempo presente:

Mas, o que podemos considerar contemporâneo a nós? Rousso e Hobsbawm parecem considerar que a História do Tempo Presente é aquela que corresponde ao tempo de vida do próprio historiador, isto é, ela ocorre quando o historiador escreve sobre um período que a sua memória viva alcança (Neto e Ramos, 2014, p. 18).

É tão importante quando o historiador assume as rédeas de sua escrita e do seu papel como agente de memória, de vivências e de experiências. O tempo presente facilita essa aproximação entre história e historiador. Outra consideração necessária repousa na concepção de que tempo presente aqui não é um tempo do “agora, ou seja, tempo do

⁷Zona Rural aurorense em direção ao estado da Paraíba e a cidade do Barro - CE, uma pequena comunidade permeada por uma estrada estadual que dá rumo a Br-116.

coetâneo”, todavia, é uma espécie de recorte que recorre às duas primeiras décadas do século XXI uma vez que próprios penitentes elaboram tempo em diacronia e sincronia.

Consequentemente, o recorte petrificado de um tempo presente e uma imagem de tempo cravado em certezas teóricas e metodológicas não se encaixa nem na cosmogonia dos penitentes que compreendem e elaboram um tempo próprio, ou tempos, como suas bulas de negociações com sagrado tão pouca com a escrita desse texto. Entretanto, inclui também que o tempo presente não é um lugar seguro, mas é uma interface entre o penitente do tempo ainda presente e com sua cultura viva, dinâmica e concreta.

Essa análise que tem como intuito percorrer os caminhos, assim como os penitentes percorrem as estradas de terras com sua cruz e penitências, para chegar às negociações do tempo do hoje, com as temporalidades de outrora sem datações, a exemplo, do tempo divino para os penitentes do fim e começo do mundo. Essa costura é rica e está interligada à concepção de mundo, que usualmente ao longo do tempo será chamado de “cosmogonia dos penitentes”.

Mesmo percorrendo as vias do ir e vir nessas duas décadas o tempo presente de acordo com uso das fotografias e das fontes jornalistas uso desse recorte não é por causa exclusivamente desses valores ou por ser considerar a priori uma categoria fácil, ao contrário requer muitos cuidados do historiador, porém é essencial essa categoria de tempo como uma “cola” que sustenta discussões como performance e identidades.

É imprescindível também negociar esse tempo com presente com um passado próximo e longínquo como um serpentear e uso do tempo como uma ferramenta de diacronia e sincronia, destarte, esta dissertação atenta ao uso mais expansivo da ideia de um tempo presente ou curta duração, sem negar esses processos cosmogônicos de cronologias dos penitentes. É também crucial buscar tecer uma rede de conversas, aproximações etc.

As interseccionalidades entre campo da antropologia e da história para perceber como o tempo é uma ferramenta predominante nos estudos de caráter etnográfico. Todavia, essa dissertação também atenta aos maus usos dos tempos como recursos narrativos e construções de um imaginário ultrapassado como os signos de fanáticos, excêntricos e exóticos. Esses adjetivos são esquecidos ou retornados para fundamentar a correta abordagem da história cultural ou tecer posturas críticas com as fontes e como nos últimos anos ao qual o termo “tempo” é recorrentemente usado como atributo de caracterização errônea ou constroem pontes anacrônicas com o passado e assim desrespeitando as culturas vivas e presente.

Outra possibilidade do tempo presente é o caminho em sintonia com as abordagens metodológicas e teóricas como uso da cultura visual, uso dos textos jornalísticos e uma

compreensão sobre identidade e performance mediante a interpretação da mídia e da historiografia. Assim, o uso do tempo presente também é um mecanismo do historiador se impor como ente comunitário e não um alienígena a essa cosmogonia e religiosidade.

Por isso que uso do tempo presente funciona como uma carruagem que percorre as primeiras décadas deste século e olha especificamente para as delimitações do historiador ciente que essa cultura persiste e adentra as suas madrugadas, as estradas e o próprio tempo. Seria um pecado recortar o tempo esquecendo-se das minhas vivências, memórias e contato com penitentes da Ordem da Santa Cruz ou negar a existência de um tempo do padre Cícero, da bíblia, do começo e do fim do mundo, ou negar as bulas dos penitentes.

Os penitentes aurorenses são grupos de agricultores, que possuem um laço forte (e a sua maneira) com o divino por meio de um catolicismo não laico. Além dessa irmandade há grupos em zonas rurais diferentes e também remanescentes na zona urbana com diferentes vestimentas e costumes diferentes e convergentes. A região do Cariri é repleta de penitentes e todos possuem seus contornos próprios e traços em comum.

Percebe-se que o estudioso desses penitentes tem no seu vocabulário expressões como penitencialismo, religiosidade, catolicismo popular, catolicismo rural, não laico etc. Essas expressões serão analisadas com cuidado no decorrer desse texto. São terminologias caras em bagagens teóricas metodológicas e construtos históricos e historiográficos. Estas palavras detém inúmeros significados em sua essência e sua delimitação errante a cosmogonia dos penitentes.

Assim sendo, é importante deixar ciente da existência de alguns grupos no município de Aurora⁸, outras irmandades ricas em suas particularidades, culturais e cosmológicas, mas por uma questão de recorte nessa dissertação e interesse do historiador esse texto focaliza-se na Irmandade da Ordem da Santa Cruz, pois há uma abertura à pesquisa e um diálogo constante deste pesquisador com esses agricultores.

Cada “Ordem”⁹ Possui um “Decurião”, um líder, que tem um envolvimento marcante no grupo e tem uma grande influência interpessoal entre eles, seja como parente, vizinho, colega ou compadre. Todavia, o líder da “Ordem da Santa Cruz” é o senhor Geraldo Caboclo do sítio Salgadinho (em torno de 85 anos), o único entre os penitentes que assume a centralidade das práticas e porta-voz dos demais membros.

Em linhas gerais, esse grupo de penitentes é formado por homens de idades díspares e

⁸Penitentes em regiões diversas como sítio Espinheiro e demais regiões, além dos resquícios de irmandades na zona urbana.

⁹São vistos internamente como “Ordens”, Centurias, Decurias entre outros, ou seja, como um exército romano.

que congregam em suas práticas diversos rituais que serpenteiam no tempo, tais como: autoflagelação, jejuns, promessas, alertais¹⁰, renovações do sagrado coração de Jesus, peregrinações, terços etc. Essas práticas não apenas explicam o termo penitencialismo ou personifica os atos dos sujeitos como demonstra as simbologias.

Sobre essa religiosidade Carvalho (2007, p. 63) diz:

O catolicismo diferenciado é a categoria que mais se destaca por apresentar um número significativo de adeptos e pelos rituais que estão inseridos nessa ordem: procissões, romarias, trezenas, novenas, renovações, festas dos santos padroeiros, sacrifícios, autoflagelação, pagamento de promessas, irmandades de leigos penitentes ou não, entre outros.

Esse catolicismo que permeia a religiosidade dos penitentes na região do Cariri cearense mistura-se nos cultos aos mártires, beatas, santos populares e uma significação macro religiosa das práticas. O penitencialismo entra nesta seara de um catolicismo diferenciado, de acordo com conceito citado acima, mas não se encerra ou se faz unicamente preso a essa categoria.

Os penitentes da comunidade do sítio Salgadinho denominados “Ordem da Santa Cruz” agregam um total de doze homens, agricultores semianalfabetos, entendedores do mundo religioso e dessas crenças populares. São cultivadores de almas, de perdões e de cronologias, ou seja, são agricultores de Deus.

Eles possuem um código próprio de ética (manter suas identidades resguardadas e não adotar vícios como bebidas entre outros), uma postura católica cristã e uma leitura da sua cosmogonia repleta de símbolos e representações que transitam entre múltiplas formas de crer e manipular o sagrado. Esse texto tem como objetivo central realizar uma reflexão histórica sobre as práticas dos penitentes de Aurora (CE), suas performances e a relação desses sujeitos com os desafios do “tempo presente”.

Para além dessa questão central, pretende também investigar e compreender os elementos que fundamentam a religiosidade dos penitentes em três esferas: a problematização do penitencialismo e suas performances, análise do uso do tempo para mídia e para as bulas dos penitentes e imagens de sublimação das práticas dos penitentes. E para isso devo percorrer estradas de terras em peregrinações epistêmicas com os ethos da história e suas faces. Esse texto busca por meio do uso de imagens significações sobre cultura visual.

A proposta deste texto é analisar a experiência histórica dos penitentes da Ordem da Santa Cruz na cidade de Aurora, interior do Ceará, no tempo presente por meio das

¹⁰Ritual de sucessivas repetições de clamores de piedade e perdão realizado em pontos fúnebres como cruzeiros e cemitérios com intuito de rogar pela alma dos mortos.

simbologias imagéticas. Essa investigação pauta-se principalmente na tentativa de entenderas formas/táticas que esses sujeitos usaram e usam para lidar com determinados elementos de performance, sejam nas vestimentas, ritos, preces, bastidores, palcos sagrados ou nas práticas registradas.

Os rituais dessa irmandade de penitentes abarcam uma variedade religiosa e cultural que abrem espaços para discussões que englobam tanto questões místicas como também as dinâmicas internas. Para analisar essas questões foi usado ferramentas como etnografia ao qual possibilitou uma vivência junto a essa irmandade por meio de uma “arte do olhar e registrar” que não tem como função apenas inquirir os sujeitos sobre suas práticas e fotografar, mas também ser atravessado por essas imagens e visualizar simbologias materializadas nesse percurso de viagem, ou seja, uma escrita da história.

Nas estradas de terras, no meio das matas ou cemitérios abandonados nas madrugadas de dias santos da igreja católica na zona de Aurora você encontrará certamente os penitentes ecoando seus benditos e rezas. Caminhar faz parte da penitência, assim como escrever faz parte do ofício do historiador. A princípio, a performance do penitente e do historiador ultrapassam e manuseiam tempos, simbologias, técnicas de entender o mundo e os processos de pertencimentos.

Respeitando as devidas particularidades, pois o penitencialismo é uma prática religiosa e a historiográfica um ofício científico, porém em searas subjetivas de entendimento da cosmogonia local se aproximam. Os penitentes entendem e elaboram uma explicação mágico-mística sobre tempo, fé e sobrenatural. Esse historiador vai elaborar uma explicação analítica, histórica e metodológica sobre o penitencialismo.

Certeau (1982) alega em seu texto clássico sobre a operação historiográfica que o trabalho do historiador envolve três elementos: pesquisa, escrita e lugar social. Usando essa premissa, essa dissertação percorre as performancidades, identidades e práticas dos penitentes permitindo compreender o lugar social deles e construir um texto calcado em análises profundas em subjetividades, entendimento, respeito e uso correto de teoria.

Atualmente usamos muito a história cultural e sua conexão nítida com a antropologia nos estudos de história oral, oralidades e escritas tocantes aos estudos históricos que operalizam o tempo presente. E para isso é necessário que o historiador etnográfico surja. O entendimento da importância do uso da etnografia e o consorte entre história e antropologia é um aparato rico em perspectivas e elementos analíticos.

Dessa forma, Silveira (2007, p. 37), tece alguns comentários sobre o que denomina de “historiador etnográfico”:

Essas transformações, no campo da produção do conhecimento histórico, sobretudo com a influência da Antropologia, têm configurado um novo perfil de historiador: o historiador etnográfico. Robert Darnton, em *O grande massacre de gatos*, utiliza a expressão-conceito, dizendo que “o historiador etnográfico estuda a maneira como as pessoas comuns entendiam o mundo”. Nessa citação, percebemos uma das dificuldades da Nova História Cultural no seu alargamento de fontes: a diversidade de conceitos. Quem são as pessoas comuns? O que é ser comum? É o mesmo que perguntar: quem é povo? O que é cultura popular?

Nessa modalidade de historiador que usa por interdisciplinaridade técnicas antropológicas como a etnografia cabe salientar que abre um leque rico de possibilidades analíticas e aproximação entre fontes, profissional e pessoas. Torna-se a ciência história mais humana, pois nesse caso não poderia analisar friamente documentos em arquivos ou bibliotecas sabendo que nas madrugadas da comunidade do Tipi¹¹ ecoa benditos dos penitentes. A cidade de Aurora possui em sua atmosfera um repertório enorme de relações socioculturais, experiências religiosas e uma rica identidade cultural.

Esta cidade também necessita de uma análise para além de uma terra fértil ou berço cultural dos penitentes. No entanto, essa pesquisa buscou respeito máximo aos códigos internos dos penitentes e não transformar suas práticas em observações em um microscópio. Mas pautado nos detalhes ricos pertinentes a cultura visual, as performances de seus atos e aos discursos das mídias como os jornais ou mesmo uma análise das produções acadêmicas atuais.

Essa dissertação buscará desenvolver reflexões sobre uma experiência histórica da Ordem da Santa Cruz cidade de Aurora (CE) no tempo presente tomando como base as relações desses sujeitos com a modernidade, a tradição, os tempos, as bulas e as práticas em performance que ajudam a constituir a sua crença.

Todavia, apesar dessa premissa a pesquisa também fomentou quatro capítulos atravessados por questões em torno do conceito de penitencialismo, catolicismo, laicidade, religiosidade entre outros operacionalizados na fundamentação teórica e estrutural da escrita.

Contudo, mesmo sendo uma pesquisa em construção sobre tempo presente, de uso das concepções teóricas e metodológicas do campo da antropologia e da história aliada ao uso da etnografia. A pesquisa histórica terá seu serpentear entre tempos no movimento próprio da pesquisa historiográfica: uso e reuso da diacronia e sincronia perante o tempo e a cultura.

Dessa maneira, o primeiro capítulo denominado: **“Entre orações e sangues: a pesquisa qualitativa, cultura visual e uma experiência etnográfica”** é uma produção textual focada na análise e nas possibilidades teóricas e metodológicas em torno de uma

¹¹Vila da zona rural aurorense próximo do Sítio Salgadinho ao qual reside a Ordem da Santa Cruz.

pesquisa de mergulho etnográfico por meio da cultura visual.

Ademais, trata-se de uma pesquisa que percorre vias de transição entre história e antropologia. Outra costura dessa produção trata-se do caráter de revisão literária sobre o tema da pesquisa qualitativa e sobre as particularidades em torno das práticas religiosas dos penitentes da “Ordem da Santa Cruz”. Portanto, a essência é basicamente discutir métodos, técnicas da pesquisa qualitativa perante essa proposta com essa religiosidade no tempo presente.

O presente texto tem como funcionalidade ser um pontapé, pois edifica um diálogo epistemológico, teórico-metodológico e historiográfico pautado na pesquisa etnográfica sobre a “Ordem da Santa Cruz” uma irmandade de penitentes de Aurora- CE, no tempo presente. Trata-se de um texto pautado na discussão sobre os caminhos e possibilidades analíticas na pesquisa com essa religiosidade. Outrossim, como os atores e peças chaves dessa “experiência etnográfica” são em suma agricultores, ao longo do texto solicito uma licença “acadêmica” aos meus pares e permito-me utilizar uma linguagem direcionada a “lida na roça” aos rumos desse texto¹².

Todavia, no segundo capítulo com título: **“Da enxada ao flagelo: o penitencialismo praticado pela Ordem da Santa Cruz e suas práticas e simbologias”** tem um mergulho em simbologias, pois serão discutidas as particularidades no campo simbólico e das práticas, pois será um capítulo que usa de maneira demasiadas as fontes visuais e bibliográficas, pois intuito será adentrar a cosmovisão dos penitentes pelas imagens para assim entender os simulacros entre práticas e simbologias. Esses homens que enxergam suas práticas e ritualística refém de um mandado de Deus.

Destarte, do arcabouço da pesquisa e da breve revisão literária sobre os conceitos que orbitam essas discussões e tudo que vem avançando e sendo produzido na academia de história interior do Ceará sobre penitentes. Diferentemente do primeiro capítulo, nesse momento a escrita será mais direcionada às questões mágicas simbólicas.

Pois entre muitas simbologias, visualizam o sagrado como um patrão ou mandatário e eles seus agricultores, servos e discípulos. Os atos dos penitentes estão em torno dessa mítica e sagrada relação terrena correlata com a divina, costurada pelo aspectos sócio-religioso experimentados em suas labutas como agricultores e penitentes.

A necessidade dessa discussão surge sempre quando a própria mídia local ou regional usa o tempo medieval como sinônimo de passado longínquo e como uma herança ou legado

¹²Será recorrente a licença a formalidade da escrita acadêmica e o uso da primeira pessoa com o intuito de demonstrar o historiador ativo e etnográfico.

para os penitentes da Ordem da Santa Cruz. Não há um cuidado com o manuseio do tempo como narrativa mediática quando falam dos penitentes. O tempo é uma categoria elaborada pelos penitentes como mágico-místico. Os próprios penitentes entendem o presente e o futuro como depravações e tem uma idealização perfeita do passado, pois era mais próximo possível da origem do cristianismo, do mundo e da “pureza”.

O futuro é o tempo das bulas dos meados do fim do mundo e o presente é visto como uma esteira de estagnação e imoralidades. Para isso alegam uma série de atributos do tempo que foge de datações cronológicas e colocam tudo em único “balaio de concepções” ditas modernas ou vistas por nós historiadores como modernidades ou pós-modernidades, uma vez que todos esses elementos estão em tempos não posto em uma reta linha.

A cosmovisão desses agricultores é influenciada por narrativas, tradições, vidas e memórias recriadas em torno dos ensinamentos dos antepassados. E uma reflexão sobre os penitentes no tempo presente e perante o tempo divino.

O terceiro capítulo: **“A cosmogonia, símbolos e performances dos penitentes, por meio da cultura visual”** tem como premissa o uso do conceito teórico da "performance" e a teatralização dos penitentes através do uso da cultura visual. Outrossim, retorna-se nesse texto ao protagonismo dos penitentes em torno de suas práticas, rituais e simbologias.

Dessa forma, é apresentado, a performance, como um ente de observação, apuração e deslumbre e como ferramenta de teórica e metodológica funcional no entendimento do fazer-se penitentes. Contudo, trata-se de um capítulo que utiliza demasiadamente o apelo visual, por isso fará uma análise da cultura visual entrelaçando as fontes jornalísticas sobre a prática da autoflagelação.

Todavia, não será apenas um capítulo descritivo ou voltado aos pormenores, pelo contrário, pois é uma reflexão intensa sobre simbologias que cada um desses elementos constitui o ser penitente, por exemplo, a autoflagelação da sexta-feira santa.

Outra indução desse texto é produzir análise que também fuja dos rituais e dos corpos dos penitentes e direcionar olhares ao que estão nas paredes das casas de taipas repletas de santidades, as gotas de sangue, as cortinas e como funciona o culto dos penitentes com aspectos da religiosidade local.

Dessa maneira, este capítulo edifica-se como um espaço de desenvolvimento de uma visão mais místico e sagrado dos penitentes por meio de análise dos rituais da Ordem da Santa Cruz, as paredes das casas de taipas às sangrias, espaços de sacralidades, religiosidade local, a cosmovisão dos penitentes em torno de suas funcionalidades na comunidade e a autoflagelação.

Essa dissertação é um passo na escrita que se debruça sobre uma investigação das negociações dos penitentes com alguns elementos da modernidade e como entram em conflito com suas crenças e práticas. Por isso, também é necessário discussões mais aprofundadas sobre religiosidade, catolicismo, performances, tempo entre outras costuradas pelas imagens, pelo detalhamento de práticas e rituais.

Portanto, aos longos dos capítulos são analisados os aspectos que discorrem sobre a cosmogonia, simbologias e performances religiosas dos penitentes, a partir de suas vestimentas, rituais, concepções temporais, imagens, misticidade e catolicismo. Dessa forma, o campo da história é usado aqui como um caminho ou estrada de terra de penitência, ou seja, como algo necessário ao rito da historiografia em sua labuta. O trabalho do penitente com manuseio dessas enxadas místicas não pode ser esmiuçado apenas em um texto de pós-graduação, mas este proporciona performances importantes na historiografia uma escrita pautada nesses recortes, pautas e delimitações.

2 ENTRE ORAÇÕES E PENITÊNCIAS: A PESQUISA QUALITATIVA, A CULTURA VISUAL E A EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA

“Pois a vida da carne está no sangue, e eu o dei a vocês para fazerem propiciação por vocês mesmos no altar; é o sangue que faz propiciação pela vida” Levítico 17:11.

2.1 MINHAS ENXADAS E FLAGELOS: CAMINHOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Essa primeira discussão é focada na análise e nas possibilidades teóricas e metodológicas em torno de uma pesquisa de mergulho etnográfico, uma análise de imagens e a cultura visual, pois se trata de uma pesquisa que percorre vias de transição, interface e simulacro entre história e antropologia.

As ferramentas teóricas e metodológicas são caminhos, assim como as “estradas de terras” percorridas pelos penitentes. Por isso, analisar os penitentes requer um manuseio de cuidados, direcionar olhares atentos e saber que os corpos, as performances, as identidades e a fé são mecanismos que constroem a dimensionalidade do “penitencialismo”. A metodologia, a teoria funciona como enxadas e flagelos na construção desse texto/arado historiográfico.

Os primeiros passos tratam-se do caráter de revisão literatura sobre o tema do penitencialismo, catolicismo popular (sem hierarquizar o catolicismo ou seus conceitos) e sobre as particularidades em torno das práticas religiosas dos penitentes da “Ordem da Santa Cruz” da cidade cearense de Aurora em algumas místicas “sexta-feiras santa”.

Portanto, a essência é basicamente discutir métodos, técnicas da pesquisa qualitativa, etnografia e conceitos perante essa religiosidade no tempo presente. Entre muitas outras delimitações este texto tem em sua dinamicidade um caráter pautado na elucidação ou apresentação da cosmogonia em tornos dos penitentes e nos penitentes. Para isso, busca entender os códigos e negociações entre corpo, sagrado e tempo.

Por certo, a base funcional é edificar um diálogo epistemológico, teórico-metodológico e historiográfico pautado na pesquisa etnográfica por meio da análise de uma Cultura visual e a utilização de um conceito não tão usual na historiografia como “performance¹³” consoante com a “Ordem da Santa Cruz”.

Dessa forma, esta irmandade de penitentes que resiste e persiste no tempo presente

¹³Conceito de performance é uma ferramenta teórica e metodológica muito importante nesse texto. Trata-se de um conceito não muito usual na historiografia, mas condiz com problematizações em torno de corpos, ritos, manifestações, teatralizações etc.

amarrados a uma cosmogonia, signos religiosos e performancidades próprias e que possuem inúmeras formas analíticas para a historiografia são inesgotáveis em análises. Diante disso, a metodologia científica imposta nessa análise bebe de fontes interdisciplinares como a cultura visual e etnografia, porém, é importante entender sobre a discussão sobre os caminhos e possibilidades analíticas na pesquisa com essa religiosidade.

Ademais, é relevante direcionar a discussão como uma experiência com penitentes de uma comunidade rural do município da região do Cariri cearense de acordo com as ricas perspectivas teóricas e metodológicas frente à pesquisa qualitativa e suas técnicas de análises. Denota-se, assim, uma terra fértil.

Antemão, é importante apresentar os esses homens que praticam alguns rituais de penitências, benditos, orações e autoflagelação. Estes agricultores de idades distintas compõem uma "irmandade"¹⁴ masculina de faixas etárias diferentes e que têm em comuns laços sociais como a comunidade, a família ou relações de "compadres" e de consonâncias com catolicismo visto como popular, ou seja, não oficial.

O grupo atua na zona rural do município de Aurora e ao mesmo tempo não é o único grupo de penitentes da cidade¹⁵. São homens que buscam na sua religiosidade “colher e livrar” do plantio dos pecados, assim como Cristo. Usam para tal labuta seus “corpos, crenças e sangue”. Por certo, os penitentes usam as suas vidas e crenças como uma terra arrendada para Deus.

Posto essas especificidades, a necessidade de uma discussão sobre práticas e performances frisam e buscam entender o campo da análise desses homens via da experiência etnográfica, sua elaboração de tempo e da cultura visual associada às técnicas e métodos consorte com temática. Por isso a utilização da análise de fontes como fotografias e fontes jornalísticas é relevante nessa labuta. Outra ferramenta nessa labuta, como uma enxada ou foice.

É uma breve revisão bibliográfica sobre penitentes e as questões teóricas, metodológicas e técnicas em torno da pesquisa qualitativa e a cultura visual. Portanto, trata-se uma compreensão pautada na análise de uma experiência com o penitencialismo da Ordem Santa Cruz e seus caminhos teóricos e metodológicos ao quais são usados nessas imersões nas noites de “sextas-feiras santas” ou noites da “paixão de Cristo”. Tais noites são pontes com o divino, com a comunidade e com as missões destes homens, ou seja, são sacralidades em

¹⁴Irmandade é um termo corriqueiro condizente com ordem, conjunto ou comunidade de penitentes.

¹⁵Há uma diversidade de grupos de penitentes com vestimentas e práticas distintas, mas comungam perspectivas religiosas como a penitência.

forma de noite e performances.

2.2 O CORPO, A DEVOÇÃO, A ENTREGA, O PLANTIO E A COLHEITA

Para comentar sobre a autoflagelação dos penitentes e outras práticas à luz de uma experiência etnográfica nas datas míticas das “sexta-feiras santa¹⁶” é necessário mencionar alguns bastidores, procedimentos metodológicos e as técnicas de análises da pesquisa. Primeiramente, o motivo de analisar essa performance nessa data estava pautado no âmbito do simbolismo colossal em torno da aura da semana santa e o peso místico em torno da semana santa e rituais desse tempo sagrado.

Dessa maneira, com aviso e o convite da filha do decurião (o líder da irmandade) sustive uma primazia conversar com o líder sobre esse ritual ao qual foi feita uma permissão e explicação da pesquisa, posteriormente ao diálogo foi necessário fazer leituras acadêmicas e bibliográficas sobre essa religiosidade. Novamente em outro encontro solicita-se à luz da ética a produção de fotografias do ritual.

E mergulhei naquela performance, “quieto e instigado”, estudando cada minúcia daquele momento. Todavia, sair daquela noite com uma conversa aprofundada com decurião e com um rico acervo de imagens, ou seja, com sangues nas vestimentas e imagens que não eram fáceis de manipular sem outras aproximações e amadurecimento teórico.

Acompanhei inúmeros rituais como “alertais”, espécie de rezas constantes com súplicas de perdão geralmente praticado em lugares distantes ou discretos, e ainda continuou em percurso a irmandade denominada de “Ordem da Santa Cruz”. Sempre foi necessário nessa labuta ter um compromisso de pesquisador em ir nesses rituais como observadores e atentar aos em tornos, bastidores e simbologias e não “ir” como sujeito passivo e admirador, mas como um pesquisador que procura em suas observações por em sentido historiográfico um pouco dessa religiosidade.

Dessa forma, o plantio da minha roça (pesquisa) tornou-se cíclica e constante, pois funciona como um espelho entre agricultura servil ao homem e a agricultura servil ao divino, da mesma forma que os penitentes elaboram o mundo e suas funções sociais este texto condiz com estes signos e entende-se como um agricultor da historiografia.

Em síntese, para Oliveira Júnior (2016, p. 389), os penitentes possuem entre muitas dimensionalidades uma característica peculiar de “chegar ou adentrar” no tempo presente com seus ritos, práticas e ritualísticas com significações reaproveitadas e adaptadas à nova

¹⁶Estive na primeira sexta-feira santa datada em: 30/03/2018.

cosmogonia. Os penitentes usam o tempo como relicários de cosmogonia e de elaborações da realidade e de suas práticas.

Assim ele afirma que:

Tais manifestações não se mantêm intactas, obviamente sofreram transformações, adaptações, supressões, acréscimos, mas suas matrizes não foram totalmente alteradas e, de certa forma, persistem. Uma destas manifestações exemplares é o caso dos penitentes (Oliveira Junior, 2016, p. 389).

Como realça o pesquisador, os penitentes são dotados de particularidades que tornam sua relevância religiosa repleta de consonâncias e suas práticas são significadas nessa outra realidade longe dos tempos outrora não alcançados. Para o historiador essas práticas logicamente têm em si permanências e rupturas, ou seja, algo que serpenteia o tempo, as tradições, práticas e identidades.

Esses rituais são como uma terra que constantemente é usada para o plantio e mesmo assim continua fértil. Por meio das imagens é possível atentar naquela sexta-feira santa alguns pormenores simbólicos, a exemplo, do altar com Padre Cícero, as vestimentas parecidas, os três penitentes mais próximos do altar, a distribuição dos demais na sala, a casa de taipa, atmosfera de preparação ritualística entre outros.

As imagens dos penitentes fogem aos registros fotográficos e entram na seara da imaginação, fascinação, medo, distanciamento e inúmeras outras concepções nas vivências da comunidade. Os penitentes estão numa congruência entre signos de respeito, desconhecimento e admiração, pois seus atos significados, usados e requeridos na comunidade do Sítio Salgadinho, assim como em todo o município. Essa fé só resiste, persiste e existe em torno de um povo que também fomenta a crença em torno desses homens. Em toda fotografia dos penitentes surgirão os signos em menor ou grande tamanho da cultura da comunidade como demonstra a imagem a seguir:

Figura 1 – Penitentes em oração.



Fonte: Acervo pessoal (Santos, 2018).

Nota-se nas imagens os mais velhos penitentes perto do altar e todos vestidos com mantos brancos com cruces vermelhas. A cruz é um símbolo imponente na irmandade, pois eles a carregam na cor do sangue nas vestes há uma cruz de madeira que geralmente carregam em peregrinações e com rosários ou/e terço católicos. Observa-se com atenção as orações direcionadas a cruz e capuzes com cruces vermelhas na cabeça.

O penitente no centro dos três frente ao altar que reza perante a vela acesa é o decurião. Após compartilhar essa primeira imagem é preciso afirmar que a minha experiência naquela noite não foi uma “noite” apenas, pois houve e há intenso trabalho reiterado com essa irmandade de penitentes, pois foram muitos encontros, observações e imersões.

No entanto, essa madrugada oportunizou a produção de muitas fontes históricas que fundamentam muitas pesquisas, como esta e poderá fundamentar outras ou/e pode atizar outros pesquisadores debruçar com essa religiosidade. Dessa maneira, é tão nítido nas imagens, mas só com uma análise mais aprofundada como esses rituais têm seus significados condizentes com aparato de vivências e entrega desses agricultores com as performances e experiências com catolicismo. As práticas são em torno da fé na religião católica e usam seus signos e dogmas.

Ademais, são também importantes que os penitentes possuam em cada irmandade, comunidade e espaços suas significações, posturas e compilados de bulas de penitência. Por isso que as vestimentas e a forma de postar-se frente à cruz, aos santos e a distribuição dos penitentes da Ordem da Santa Cruz tem suas singularidades.

Para Oliveira Filho (2013, p. 5), a penitência tem um leque de diversidade, pois:

Os rituais de penitência modificam-se no tempo, contexto e localidade. Alguns se flagelam com objetos cortantes enquanto cantam, outros carregam objetos pesados em longas caminhadas, dançam exaustivamente, privam-se de bens materiais e confortos “terrenos”.

Conforme o que o historiador afirma, os rituais modificam e ganham contornos próprios dependentes dos fatores ao qual salienta como tempo, contexto e lugar. E a próxima imagem também percorre um olhar voltado mais ao exterior e ao clima em torno da aura mística da cena.

Contudo, o penitencialismo, ou seja, um conceito entendido como um repositório de uma macro identidade de “penitente” por meio de rol de premissas, crenças, catolicismos, práticas e aspectos mais cosmogônicos que costuram e serpenteiam a diversidade de penitentes. Como demonstra a primeira imagem há o uso do catolicismo, leque de santidades populares e ritos que singularizam cada irmandade.

Um dos aspectos mais relevantes dos penitentes do sítio Salgadinho, ao qual está bem amostral nas imagens, é a imponente do símbolo da cruz presente na nomenclatura dos penitentes, nas vestes, nas peregrinações ao qual carregam uma cruz de madeira, no ritual da autoflagelação pelo qual simulam a dor de Cristo nas suas carnes e nessas cruzes ressaltam a cor vermelha como uma ligação com símbolo do sangue do cordeiro, pois sangue, cruz, dor, paixão e êxtase permeiam as performances penitentes.

Nota-se na próxima imagem que decurião continua em reza para o Padre Cícero, a casa de taipa, o altar com uma diversidade de santidades nas paredes e a veneração dos demais penitentes à cruz. Esta cruz é sobreposta com terços, rosários, pano branco, fitinhas de romaria e está na cor verde. Nas paredes notam-se esses elementos dessa religiosidade da região do cariri cearense.

O próximo registro foi o prelúdio dos benditos depois do terço e alertais. Em performance, os demais membros da ordem beijam a cruz. Entre o pe. Cícero e demais santidades do pequeno altar um direcionamento a estes entes como uma réplica de um exército desses santos, seus “centurias”. Percebe-se a concentração dos penitentes e o foco no sacrifício juntamente com ambiente repleto de santos nas paredes:

Figura 2 - Penitentes em oração com a cruz: prelúdio dos benditos.



Fonte: Acervo pessoal (Santos, 2018).

Na imagem percebe-se muitos elementos como as cruzes vermelhas, um altar dedicado a uma diversidade de santos, imagens nas paredes e o decurião orando em direção ao pequeno Frei Damião, padre Cícero e Nossa Senhora Aparecida acima se encontra a imagem na parede de outra de Nossa Senhora. Não há hierarquia entre as santidades oficiais e não oficiais da igreja católica, pois todos cabem e ganham a fé do homem penitente. Ainda, observam-se, além de capuzes cobrindo os rostos dos penitentes, estes segurando a cruz em rito de passar as mãos de cada penitente.

Outra análise pertinente está perante o lugar da sala ao qual os religiosos montam seus altares: na sala, na porta de entrada da casa, como uma espécie de escudo, proteção, barreira contra o mal. A sala é o espaço de sociabilidade, onde todos se reúnem para conversar, rezar.

Destarte, essa fotografia denota como as crenças do penitencialismo estão em simbiose com catolicismo. Certo catolicismo compreendido e distante da oficialidade dos templos e dogmas atuais da igreja, mas um catolicismo das rezas, das crenças populares e condizente com atos como rezas duras madrugadas inteiras, romarias, peregrinações, alertas, os flagelos e demais penitências.

Na próxima imagem verifica-se uma parede com gotas de sangue na parede e não os corpos, pois perante a toda historicidade que carrega a autoflagelação como fruto e produtos de termos como fanatismo em torno desse ritual. É mais respeitador e condizente com o protagonismo das simbologias iniciarem essa discussão pelas paredes que também são

testemunhas dessa fé, pois refletem a penitência como resultado de uma doação do seu sangue em sintonia do dia da entrega do corpo e sangue de Cristo e os aspectos sociais como moradias simples de casas de taipas.

O sangue na parede é muito simbólico, místico e performático. O sangue funciona como a comprovação do selo entre corpo, deus e missão. Além de ser um poderoso símbolo de representação da performance e sua imitação do sacrifício ou sua perpetuação da dor como chave de acesso a Deus e representa o sofrimento necessário para acessar o divino. Típico das religiões cristãs.

Essa imagem da parede proporciona, além dessa visualização primária de bastidores e um olhar conduzido por um pesquisador como fontes históricas, mas também como um elemento que facilmente pode ser visto pelo prisma do campo do simbólico. Dessa maneira, essa próxima imagem é fonte histórica tão valiosa quanto à própria imagem do flagelo, pois representa o diálogo da autoflagelação perante corpos, sangues e seus lugares.

Figura 3 – Sangue dos penitentes na parede de taipa resultado da autoflagelação.



Fonte: Acervo pessoal (Santos, 2018).

Essas gotas de sangues nas paredes nessa casa de taipa na beira da pista é um repertório de simbolismos, de subjetividades místicas do papel de uma crença que o sangue limpa, liberta e de um ritual que perpetua uma penitência que envolve carne e sangue. Assim como na missa há o momento da eucarística, esses homens emulam uma própria leitura da entrega de Cristo. A parede denota em si áurea mística e humilde desses homens que

carregam em seus atos e suas crenças pesos importantes dentro de suas leituras sobre o mundo, a realidade, a religiosidade e para a humanidade. Dessa forma, tais gotas representam mais do que paredes sujas, corpos em sangria, uma forma de entender, ler e compreender o mundo, por meio do penitencialismo e da crença de um livramento de pecado.

A extração do próprio sangue é um ritual, mas simboliza a aproximação pela performance de uma dor divina. A carne e a parede são testemunhas desse rito e dessa aliança. É intrigante como esse ritual emula na carne algo tão imponente na simbologia da ritualística católica, como a homilia, pois representam em atos as súplicas de perdão ecoadas naquela madrugada, uma comunhão. As gotas de sangue na parede desta casa de taipa representa o acúmulo de inúmeros fatores: a fé expressa na carne, as paredes de taipa que simboliza a vivência social desses homens, as cosmogonias e tudo aquilo que não está na imagem explicitamente como a performance concomitante dos corpos em sangria.

Assim, essas imagens são apenas um dos elementos de um quadro enorme de religiosidade diversa em suas nuances, sejam penitências, martírios e promessas. O sangue é um fio condutor na religiosidade do catolicismo popular. Expressão que hierarquiza o catolicismo. Como se um fosse menor e o outro mais importante.

Outrossim, não apenas funciona como uma base condutora de singularidades como pureza, sacralidade, performatividade, religiosidade, não é um signo só dos penitentes, pois perpassa a fé cariense deste o milagre de Juazeiro do Norte, pelo sangue na hóstia da beata Maria de Araújo, pelas mártires regionais e os flagelos dos penitentes.

A cultura visual possibilita ao historiador compreender por meio de uma pesquisa qualitativa as perspectivas que fugiram diante de outra metodologia ou fontes preteridas. Completa-se a essa parede a veste do historiador também repleta de sangue que gotejava da autoflagelação destes homens. Essas imagens da parede dizem muito mais que simples ato de chocar com fotos de sangue escorrendo. Observa-se nessas imagens a devoção ao catolicismo nas paredes, nos atos e também nas posturas.

Uso da cruz no ritual é uma marca simbólica da representação do sacrifício maior do cordeiro que será também (re)dito constantemente nos benditos e clamores de perdão seguido a madrugada afora até ao flagelo. As imagens são ricas nessas simbologias e na construção de uma visualização que admira os aspectos culturais, dos signos, das feições dos rostos e até nos “não ditos ou não vistos” como a imagem acima que não precisa demonstrar autoflagelação para demonstrar o peso desse ritual.

Todavia, o pesquisador que lida ou não com a historiografia deve lidar com tempo atual e sua diacronia e sincronia, pois há uma concepção do tempo religioso, ao qual emerge

a importância da igreja católica nas origens desses atos e às questões das significações dessas práticas no hoje e nas suas convergências e divergências com o catolicismo. Os penitentes seguem o calendário litúrgico da igreja católica e delimitações próprias de tempos, cenas, motivações etc. Este catolicismo revestido de uma roupagem de “não oficial”, é facilmente visualizado como um catolicismo para além da missa da matriz e capelas, ou seja, da oficialidade, pois simboliza um distanciamento da igreja dessas práticas ditas como um “outro catolicismo”.

O penitencialismo é um tecido enorme de retalhos e estampas diversas que remonta ao desembarque no Brasil colonial de um catolicismo que adentra as vidas e perpassa os séculos até o tempo presente e dentro de aparatos de performances, ritualísticas, simbologias próprias, significações regionais e locais entrelaçado a uma interpretação própria da fé católica. Mas não podemos negar ou afastar essa certa influência do catolicismo português, pois nas palavras de Macedo (2008, p. 1), “O próprio catolicismo português já era delineado como sincrético. Ele era caracterizado como um catolicismo de forte apego aos santos e a eles nomeando forças da natureza”.

Dessa forma, observando, respeitando e não apenas afastando essas raízes europeias e medievais, igualmente, é importante compreender que o catolicismo dos penitentes como demais práticas resistentes não são o catolicismo dos tempos medievais, da matriz europeia, da roupagem oficial, nem mesmo do Brasil colonial, pois ele é no coetâneo aquele do cotidiano da proximidade, das cosmogonias conhecidas, dos espaços de memórias, de quem habita as margens, as regiões interioranas de interpretações do tempo, da tensão do moderno versus a tradição e das vivências senão experiências das localidades.

Todavia, sobre esse desembarque do catolicismo no Brasil, diz Chahon (2014, p. 86):

Assim, quanto mais o olhar do historiador se distancia da instituição eclesiástica e de seus mais destacados representantes em solo brasileiro, na direção de uma vivência religiosa encenada, no dia a dia, por toda a multidão de fiéis espalhados pelo território ultramarino, mais esse olhar se depara com outro catolicismo, cuja riqueza e variedade de manifestações, em permanente adaptação às circunstâncias aqui encontradas, parecem desafiar os objetivos de ordenamento e de padronização propostos pelo papado romano para todo o orbe católico. Plástico e mutável, esse catolicismo vivido pelo conjunto dos fiéis tende a acompanhar de perto o desenho hierárquico da sociedade colonial, fruto de um processo de formação histórica transcorrido ao longo de seus primeiros séculos de existência. Adquire, assim, ao longo do tempo, um “sabor” local que o diferencia de seus pares em outras partes do mundo, graças ao tempero fornecido pela convivência de “irmãos em Cristo” divididos entre si de acordo com critérios econômicos, políticos, jurídicos, étnicos e culturais.

Dessa maneira, essas crenças ganham contornos e especificidades dos lugares e

contextos que adentraram, assim emerge um catolicismo mais próximo. Assim, o catolicismo dos penitentes é um rol de ritualísticas vivas por si mesmo, ou seja, uma performance do tempo, da relação agricultores e Deus, de uma relação entre teatralização crenças e construções de uma cosmogonia. O catolicismo dos penitentes da Ordem da Santa Cruz tem em si mais uma especificidade relevante, pois trata-se de um catolicismo rural. Entende-se que:

Desse modo, o catolicismo local se apresenta como um catolicismo rural e rústico, mas de um tipo híbrido que varia pela própria natureza de sua construção, de uma sociedade que vive e habita num espaço rústico, mas que, a todo o momento se reinventa com base nesse intenso contato que mantém com a religiosidade dos centros urbanos (Chaves, 2013, p. 206).

Esse termo catolicismo rural é aplicado nos estudos da irmandade da Ordem da Santa Cruz uma vez que todos integrantes são senhores que vivem no sítio Salgadinho ou região do Sítio Cobra ou Vila Tipi, ou seja, uma região rural aurorense. A comunidade rural proporciona o isolamento, salvaguarda de suas identidades e uma comunidade que reitera suas crenças desses homens tão acessíveis, tradicionais e próximos entre o divino e o local. Essa perspectiva não cai na armadilha do olhar romântico e conservador de alguns folcloristas que veem o rural, o interior, como reduto de brasilidade, longe das rupturas e contato com o tempo presente.

São senhores que buscam na fé, a chuva, buscam também na fé, o perdão dos pecados e encontram no catolicismo do penitencialismo uma singularidade, um contato maior com suas vidas com o sagrado. Costumo visualizar esse catolicismo como aquele dos alpendres, mãos calejadas da roça, das brechas das janelas, casos e causos de misticismo e do catolicismo de casa de taipa.

No entanto, há uma interação entre o “rural e o urbano” que trazem nuance de especificidades dessa irmandade perante outras de aurorenses, pois a cidade possui outros grupos de penitentes no tempo presente, no entanto, alguns são mais fechados nesta ruralização, todavia, a Ordem da Santa Cruz em certas ocasiões vão aos centros urbanos, distritos e bairros da cidade.

A ruralidade não define a atuação ou espaços de práticas da fé, mas representa uma territorialização de homens que não condiz com apenas com mais uma particularidade desses penitentes, pois são pluralidades e hibridismos de si. São rurais, católicos, agricultores, homens, humildes, mas complexos em cultura e tantas outras diversidades de adjetivos.

A própria cunha de catolicismo “popular” tem sua historicidade na historiografia,

possuem seus contornos e necessidades epistemológicas na seara da história como uma necessidade dos historiadores de conceituar as práticas das religiosidades não oficiais.

Especialmente a partir da segunda metade do século XX, abordagens das Ciências Humanas e Sociais propuseram-se a classificar a prática católica do Brasil. No campo historiográfico, Hoornaert (1991) denominou de popular o catolicismo que se constituiu a partir das demandas socioculturais próprias do povo. Também se situa neste raciocínio o estudo antropológico de Mott (1997), que reproduz a ideia de um catolicismo popular originado a partir das particularidades presentes na vivência religiosa da Colônia (Sousa, 2021, p. 725).

Assumindo que o termo catolicismo popular possui na historiografia uma posição de criação, historicidade e pressupostos. O catolicismo rural surge como uma categoria associada ao catolicismo já dito e muito dito na historiografia como catolicismo popular. Essa construção de conceitualizações esquece por menores, por exemplo, como essas peregrinações aos espaços urbanos, adaptações de um calendário católico oficial dentro das práticas, próprio ritual da autoflagelação ocorre nas sextas-feiras santas e esses homens em sua maioria vão às missas, velórios e demais vivências da religião católica. Não são apartados da oficialidade, só vivem e performance suas cosmogonias e essas sim, revestidas de uma fé mais carnal, visceral, rural, popular, tradicional e de tempos.

Outro meandro desse texto é a “performance” que como uma máquina de costura une esses tecidos modulados pelas linhas da história e da antropologia, assim como o conceito de catolicismo, seja ele dito como popular, rural, diferente, não oficial ou do catolicismo dos penitentes entre outras concepções teóricas e metodológicas existem em torno dessa crença há outras categorias de conceitos caros nessa costura epistêmica. Esse texto é uma encruzilhada de muitos conceitos sujeitos a um estudo de caráter de cultura visual antropológicos, histórico e etnográfico.

E sobre esse contato da antropologia e o conceito de performance, Hartmann e Langdon (2020, p. 1-2) dizem:

Na encruzilhada (lugar de cruzamentos, influências, divergências, cisões, fusões, rupturas, multiplicidades) entre Antropologia e formas expressivas em performance, danças, cantos, músicas, narrativas, jogos, brincadeiras, procissões, dramatizações, festas e festivais, manifestações sociais e políticas, rituais de vida e de morte recebem especial atenção, não apenas pelas interpretações ou pelas leituras do social que possibilitam, mas, sobretudo, pelos aspectos simbólicos, expressivos, poéticos, estéticos, políticos e reflexivos que evocam e que produzem.

A visualização do penitencialismo como uma categoria de estudo de tríade “histórica, antropológica e de performance” atribui e enriquece a esse texto as características, inclusive, ditas na introdução, que respeita, observa e estuda os corpos, suores, memórias, sangues e

experiências como sagrado, com o mundo e com as manifestações do corpo.

Esse encontro entre antropologia e performance acarreta em imensas possibilidades epistemológicas como análise de rituais, imagens e vidas. Existe um misticismo mágico em torno da figura dos penitentes que apenas o conceito de “performance” consegue traduzir em ritualismos.

É necessário, comentar que essa religiosidade não é apenas utilizada como um repertório ou acervo, mas como ferramenta. Destarte, sobre os rituais cabe também mencionar que há uma necessidade de todo pré-preparo, pois os penitentes fogem dessas fotos através das conversas entre "compadres", lanches servidos após fim da cerimônia religiosa, porque não há uma supervalorização ou isolamento da autoflagelação, mas para os próprios penitentes é apenas configuração de mais um ato simbólico entre muitos de uns exercícios contínuos de clamor por perdão entre outras particularidades.

2.3 A PESQUISA HISTÓRICA E A ETNOGRÁFICA

A pesquisa histórica tem seus encargos e seus contornos, alguns pares dessa área admitem que haja limites e especificidades da epistemologia científica histórica, a exemplo, da importância do uso das fontes históricas como fundamento para aquilo que está sendo analisado seja questões de conteúdos, retóricas, imagens etc.

É sabido que existem todas essas questões que formam uma identidade própria da história, como ciência. Por isso que muitos historiadores ainda estão em discussões acaloradas sobre o terreno da História e sua interdisciplinaridade. Digamos que seja uma roça bem produtiva e trabalhosa. Essa roça é o campo de compreensão dos penitentes a luz da compreensão por meio e dentro da história, antropologia, etnografia e a história cultural.

No entanto, todos esses aparatos teóricos, metodológicos e históricos tornam o conhecimento e a pesquisa histórica como alvo de perspectivas próprias que mesmo em contato com outros ramos científicos, a exemplo, da antropologia proporciona um consorte entre duas áreas, no entanto, é necessário respeitar seus espaços e lugares de atuação. Elas estão em um diálogo plausível e necessário. E por isso que há muitos olhares na via da história em direção à antropologia Pedro e Verson (2012, p. 133), chamam atenção quando falam que é plausível nesse caminho a possibilidade inversa:

Outro campo de convergência da história e da antropologia se configura nos estudos biográficos. Aqui, a antropologia deixa bastante evidente a incorporação de uma variedade de conceitos historiográficos no exercício etnográfico e na definição dos objetos de pesquisa, aprofundando suas relações com a história.

Dessa forma, não é possível desconsiderar o caminho que envolvam história e antropologia. E mesmo que esse estudo não trate de uma análise biográfica é importante ter essa “incorporação”. E dessa conversa híbrida nascem possibilidades analíticas incríveis. A dita Escola dos Annales¹⁷ entendiam o valor dessas ressonâncias e incorporações, seja no âmbito da interdisciplinaridade e isso desde a sua primeira geração, pois o próprio Bloch (2018), “conversava” com antropologia na sua clássica obra “Os reis taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio”.

Há terrenos férteis que só serão bem arados se as ferramentas forem necessariamente emprestadas à sua maneira para outro terreno. Desta forma, antropologia e história produzem roçados colossais e de uma multiculturalidade. Nesse caso, a pesquisa de cunho etnográfico, pautado na expertise de apuração e consorte entre “performance e imagens” em torno da experiência vivenciada por este historiador naquela fatídica “noite de sexta-feira santa” e demais contatos com os penitentes foi uma escolha acertada.

Ademais, foi por meio das leituras sobre a etnografia, história, cultura visual e a importância das fotografias como fontes históricas que semearam este texto sobre penitentes da Ordem da Santa Cruz. O historiador sem essas leituras estava possivelmente desnudo do seu ser e fazer de historiador.

Entretanto, estive em inúmeras noites e rituais dos penitentes e a presença naquela sugestivamente madrugada de autoflagelação e de um contexto de religiosidade a florada pela aura mística dos mistérios da morte de Cristo foi essencial compreender a força motora na construção das escolhas refletidas na pesquisa, na metodologia, na teoria, na vida do historiador e na escrita.

Mesmo compreendendo que cada prática ou ritual e performances não são de modo algum desmembrados ou isolamento entre estes homens e suas experiências sagradas detinha em mente que estava presenciando algo significativo, repleto de simbologias e misticismos e era preciso, antemão, entender de conceitos teóricos e metodológicos, como a história do tempo presente, a história cultural e o matrimônio entre história e antropologia, como um preparo com as leituras aprofundadas desse momento. E tais conhecimentos sobre essas bagagens epistemológicas são frutos fundamentais de uma bagagem de discussões e leituras sobre essas interseccionalidades.

Dessa maneira, não tem como mencionar caráter metodológico e as técnicas utilizadas que resultaram em outras pesquisas como esta. Além disso, análises de cunho discursivas, de

¹⁷Movimento historiográfico do século XX importante para a construção de uma nova história e novas abordagens.

imagens, de fontes jornalísticas e de conteúdo são relevantes, todavia, são possibilidades igualmente ricas em ganhos epistemológicos e historiográficos em torno dos penitentes. Apenas a história e seu operário são delimitados por escolhas, ferramentas e campos de análises.

A análise de imagem é necessária em muitas esferas como as vestimentas, as práticas, os símbolos, das performances de perdão ao Deus e análise desse conteúdo é debruçar no acervo de imagens e em cada fotografia e atentar às minúcias em torno destas. Oliveira Junior (2016, p. 389), também relata em fez uma imersão etnográfica com intuito de produção de pesquisas documentários. Menciona que entre as dificuldades mais nítidas foi como usar seu equipamento de pesquisa, por ele mesmo chamado de parafernália.

Ao qual salienta que:

Câmeras, cabos, luzes, microfones, rebatedores, grua, dolly, steadycam, técnicos... Nenhum elemento estranho à vida cotidiana dos entrevistados deve ser velado. Toda ilusão pseudorrealista e objetivista deve ser evitada. Evidenciar o processo é também evidenciar interferências, limites, perdas e ganhos naturais e inevitáveis em qualquer modo de registro etnográfico (Oliveira Junior, 2016, p. 389).

O pesquisador compartilha conosco os bastidores de sua pesquisa dita “etnográfica” ao qual apresenta sua entrada na vida dos penitentes e até faz sua meia culpa, pois na visão dele é justificável retratar, mencionar e problematizar o uso desses equipamentos. É certo ao admitir limites, ganhos e perdas na pesquisa perante uso de equipamentos demasiadamente estranhos à vida daqueles homens.

É notável que nesse caso trata-se de algo invasivo a introdução de toda aparelhada perante os penitentes. Minhas visitas aos penitentes da Ordem da Santa Cruz foram mantidas constantes e ao mesmo tempo nessa experiência relatada da sexta-feira santa apenas levei meu modesto celular. Neste caso uma boa experiência etnográfica não é apenas colher fontes e retirá-las ou ter ótimos equipamentos, mas ter imersões e deslumbres.

No caso desta pesquisa de caráter etnográfico via análise de fontes visuais e jornalísticas, não são elementos alheios ao pesquisador, pois aquilo que Certeau (1982) denominaria de “lugar social” faz total sentido uma vez próprio historiador faz parte da comunidade e muitas vezes antes ser pesquisador já tinha contato sobre o imaginário em torno dos penitentes por meios dos “causos”, benditos e relatos sobre os penitentes da Ordem da Santa Cruz.

2.4 A PESQUISA QUALITATIVA E A CULTURA VISUAL

Aquilo que propõe-se discutir sobre como esse tipo de pesquisa ajuda como ferramenta na construção epistemológica na história, pois a pesquisa qualitativa tem suas delimitações, contribuições e atribuições cruciais na sua abordagem. Demo (1998, p. 92), frisa a importância da dimensionalidade “qualitativa”, pois “Com efeito, na maioria das vezes assumimos qualidade como aquela dimensão essencialmente vaga que representaria o contrário de quantidade, ou que estaria além da quantidade”.

Para ele devemos ultrapassar essa dicotomia limiar e adentrar na discussão da pesquisa pautada na qualidade no mergulho de seus meandros. Dessa maneira, a dicotomia entre quantitativo e qualitativo não auxilia ou encerra a dimensão de cada modalidade. A pesquisa qualitativa tem seus contornos além de uma mera contraposição a pesquisa quantitativa. Ela representa um arsenal de pesquisas pautadas na subjetividade, na valorização da qualidade das fontes e não na sua dimensionalidade analítica de quantidade como dados.

E sobre uso de fotografias, vídeos ou filmes para Loizos (2002, p. 137), é de suma importância e plausível seu uso numa pesquisa qualitativa. Por ter algumas dimensões analíticas que vão além das aparências superficiais. Ele elege três razões, entre elas características como: “(...) A primeira, é que a imagem, com ou sem acompanhamento de som, oferece um registro restrito, mas poderoso das ações temporais e dos acontecimentos reais - concretos, materiais” (Loizos, 2002, p. 137).

Dessa forma, não trata-se de análises de imagens por imagens, mas de uma narrativa imagética, senão um discurso visual atrás ou através das fotografias, de acordo com a minha interpretação extensiva em torno de Loizos (2002, p. 137). Por isso, assumo que essa “experiência” etnográfica foi essencialmente percorrida nas suas entranhas por uma dimensão da pesquisa e da escrita por uma cultura visual.

Outra dimensionalidade dessa experiência em torno dos penitentes dessa comunidade em específico ritual da autoflagelação foi respaldada em uma revisão literária que requereu todo um aparato teórico, fundamentação metodológica e epistemológica sobre a historicidade do grupo em questão.

No entanto, o ganho em capacidade analítica reflexiva foi estendido com a minha recente leitura em torno da pesquisa qualitativa e sua aplicabilidade no campo da atuação do pesquisador. Tal ramo da pesquisa possibilita um leque incalculável de possibilidades reflexivas e atuações na praticidade metodológica, técnica e analítica. Por meio da pesquisa qualitativa pode primeiramente identificar a identidade primária da pesquisa em si e com essa

categoria proporciona ganhos na escolha de ferramentas.

Destarte, esse texto também tem suas intenções perante os pares com aquilo que na área acadêmica da história é vista como “história pública” ou “história pública digital” e assim disponibilizar aos meus pares minhas fontes fotográficas¹⁸. Assim contribuir para futuras pesquisas acadêmicas em torno dessa temática e deixar o terreno pronto para novos plantios e ajudar outros historiadores na árdua tarefa de bons roceiros.

A partir dessas questões orbitam a esfera da pesquisa dita qualitativa, outrossim, foi escolhida essa modalidade de pesquisa por causa da sua capacidade analítica imagética, de reflexões do campo simbólico das imagens, sobretudo, no auxílio na produção cautelosa e precisa das fontes e futuramente continuarei nos percursos dos penitentes da comunidade da “Ordem da Santa Cruz” e toda essa carga de aprendizagem vai proporcionar muitas pesquisas, textos e diálogos epistemológicos embutidos de seu uso concreto. Como esse texto também é uma conversação com possíveis pesquisadores sobre a área da religiosidade, deixa-se como exemplo essa experiência etnográfica e histórica.

Com uso da categoria de tempo presente com outras perspectivas somadas a minha constituição como historiador, a exemplo, das minhas escolhas teóricas oferecem: “roçadeiras, enxadas e sementes” para plantio dessa dissertação e discussões tão instigantes. Esse texto funciona como texto, contexto e intertexto, pois intuitivamente os penitentes são identidades pertencentes ao historiador como ente aurorense. Tais homens sacros pertencem ao relicário de personagens típicos da religiosidade local. Diante disso, é preciso entender a metodologia como um campo fértil, uma terra a ser arada para realizar-se o plantio. No primeiro momento para acontecer o cultivo, o agricultor assim como o pesquisador vai à busca do terreno e das sementes mais propícias.

No caso do historiador a pesquisa deve ser fundamentada em boas sementes (as fontes), a escolha e o plantio delas requerem cuidados. A escolha das fontes para esta experiência foi uma tarefa árdua assim como será o uso delas. Partindo do pressuposto que as fontes também poderão mostrar explicitamente de determinadas especificidades de cada ordem de penitentes, cabendo a esse historiógrafo direcionarem seu olhar, da mesma maneira que agricultores penitentes preparam o solo antes do plantio.

Portanto, a análise das fontes facilitará a compreensão das particularidades e os aspectos sociais, cosmogônicos e performáticos desses agricultores aurorenses, o que configura como os objetivos basilares desta pesquisa. Num primeiro momento esta

¹⁸Apenas solicite por e-mail. Todavia, sobre História pública e a história pública digital mesmo que não sejamos carros-chefes dessa dissertação são essenciais e fundamentaram essa pesquisa.

experiência foi pautada na busca e coleta das fontes. Na segunda etapa as fontes visuais foram analisadas e discutidas de acordo com os anseios ou objetivos traçados pela pesquisa. Na terceira etapa a escrita dessa experiência fundamentada nas escolas e recortes proferidos. No entanto, era também submetido que essa sequência poderia ser maleável, entendendo que uma pesquisa age como um ser mutável.

Como uma plantação após arar o solo, lançar as sementes e plantar, cabe ao penitente agricultor e ao historiógrafo esperar o momento da colheita. A pesquisa foi fundamentada na preparação do solo (fundamentação teórica), no plantio das sementes (metodologia) e da colheita (a pesquisa em si). Esse plantio foi num momento essencial para a construção da pesquisa, lidar com as fontes e conceitos teóricos proporcionou um estudo importante dos penitentes de Aurora-CE, por meio da análise e experiência etnográfica e histórica na noite da sexta-feira santa.

Por isso, foi relevante conseguir por meio do acervo fotográfico perceber para além das imagens do sangramento da autoflagelação as imagens que retratam coisas mais simples como espaço ter altar dedicado ao Padre Cícero e santidades católicas, as idades dos penitentes ser tão díspares, a entrega desses homens a uma concepção de missão sagrada etc. Como também não posso ficar refém das fotografias e nessa seara entra a técnica da análise das imagens e textos podem recorrer às fontes jornalísticas. Assim, adentrando no roçado da pesquisa qualitativa como um ambiente ao qual bem semeado obtêm-se ótimo plantio e colheita.

Dessa forma, essa escrita percorreu os caminhos em torno do terreno pronto para ser semeado. Não se trata apenas de mais um ensaio acadêmico que relata uma experiência etnográfica usada numa pesquisa histórica e que usa conceitos teóricos e metodologias com suas técnicas, provindo da pesquisa qualitativa.

Para além dessa essência de abordagem de preceitos metodológicos e sobre a questão da comunidade penitentes da “Ordem da Santa Cruz” na zona rural da cidade de Aurora-CE e suas práticas religiosas vislumbradas por este historiógrafo no dia da fatídica noite analisada nessa produção de forma mais incisiva por meio das fontes visuais e o caráter de referências bibliográficas. Trata-se na sua ontologia como um espelho princípio a realização de outras pesquisas seja com penitentes, benzedeiros, rezadeiras, cultos populares e demais religiosidades.

Igualmente, outra especificidade da minha escrita ser um pouco “menos” acadêmica e mais “livre” foi porque tive que utilizar as aproximações com a cosmogonia dos penitentes com a pesquisa e a vida na roça, ou seja, as experiências como estes agricultores e suas

missões religiosas são frutos de uma mescla com o divino na vida cotidiana. Pretendo também pontuar que esse lado poético não diminui o teor teórico e metodológico dessa pesquisa de história, pois apenas torna essas questões mais didáticas.

2.5 USO DE FOTOGRAFIAS COMO FONTES: UMA CULTURA VISUAL

Quando “comecei” traçar os caminhos dessa pesquisa e “fui” observando a problemática fundamental pautada na reflexão em torno da significação, permanências e elaboração da cosmogonia dos penitentes de acordo com suas práticas e performances obtive plena convicção que as imagens seriam a força motriz de uma boa pesquisa e texto.

E sobre o uso de fotografias, assim dizem Carvalho e Lima (2011, p. 27) “para compreender a fotografia como fonte histórica é importante levar em conta os usos sociais que agenciaram o invento da fotografia aos longos dos séculos XIX e XX e consolidaram acervos importantes para a pesquisa”. Por isso que foi importante a compreensão e a utilização desse papel das fotografias como elementos fundamentais nas pesquisas e sua historicidade de usos sociais como frisam as pesquisadoras.

O uso das fotografias como fontes históricas foi ganhando seus espaços e delimitações epistemológicas ao longo da construção dessa ferramenta como um recurso que não apenas ilustram ou complementam, mas pelo contrário que dialoga com texto ou funciona como um subtexto ou intertexto. Por exemplo, as imagens dos penitentes da Ordem da Santa Cruz constroem por si só uma dissertação à parte e por meio das minhas observações.

Dessa maneira, as imagens dizem coisas tão simbólicas, subjetivas, diretas e concretas como qualquer outra fonte e o entendimento que os acervos e arquivos com imagens dos penitentes da Ordem da Santa Cruz eram colossais e diante das dificuldades do acesso à história oral, tornou-se relevante analisar a cultura visual. Usos de fotografias nesta dissertação obedecem a uma conversação com dito e não dito.

Dessa forma:

Para os autores que trabalham com Cultura Visual as imagens importam, pois, em vez de simplesmente refletirem a realidade ou um contexto (como costuma entender o senso comum), nossa relação com as imagens afeta/constrói percepções sobre o mundo e sobre nós mesmos, influenciando nossas ações (Sérvio, 2014, p. 197).

A cultura visual não só é importante, conforme o pesquisador afirma, mas também é uma delimitação teórica, metodológica e analítica, pois é relevante no campo da pesquisa e não pode ser banalizada ou posta como inferior numa pseudo-escala ou hierarquização de

fontes, assim como ocorre com muitos dos meus pares ao qual usam fotografias como uma fonte auxiliar, inferior ou mera ilustração.

Outra especificidade, é a delimitação do uso de fotografias de forma fundamental na percepção das categorias teóricas apresentadas, a exemplo, do conceito de “performance”, “práticas”, “identidades” e os demais. As imagens não são meras ilustrações ou utensílios de um trabalho fácil.

As imagens, a priori, precisam de uma literatura base de entendimento destas como fontes e um traçado de caminho ao qual favoreça a sua melhor colocação, a sua melhor resposta, sua melhor observação e intuição. Cabe ao historiador nesta pesquisa também propor ao seu leitor os caminhos que não foram percorridos e lançar sementes para outras pesquisas. São lacunas, são não ditos respeitados nesse texto como possibilidades para outros textos e outros pesquisadores.

Destarte, a cultura visual é um “balaio” de percepções e uso das imagens perante o entendimento das fotografias ou demais ilustrações como mecanismos de fontes históricas e que sempre deixam em sua essência novos olhares, olhares que foram escapados, percepções que o historiador não percebeu.

A fotografia primeiramente não é um registro sem intenção e isso é nítido e dito na própria literatura base sobre essa temática, ou seja, um consenso que trata-se de uma produção com intuítos e aponta e diz muito sobre seu produtor.

Segundo Sérgio (2014, p. 197):

A maioria das pessoas concebe o olhar como sendo neutro, uma janela transparente para o mundo, para o real. No entanto, há muito tempo, a ciência empirista descreve em pormenores o fato de que não enxergamos com os olhos, mas, principalmente com o cérebro, e que este órgão tem extrema influência no modo como imaginamos e registramos as aparências do mundo. Sabe-se, por exemplo, que pelas características fisiológicas dos olhos, a percepção do ambiente ao nosso redor apreende as imagens de cabeça para baixo, em grande parte sem cores, e com dois pontos cegos. Se virmos da maneira como vemos, é porque o cérebro atua sobre as informações que nossos olhos conseguem codificar.

Para o pesquisador, até mesmo o ato de olhar (e não olhar) não possui neutralidades, pois tem suas intencionalidades e possibilidades. Neste entendimento, visualizar é antemão fazer uma leitura de cosmogonia. A fotografia “fala” do objeto, da situação e da produção ou deixa-se serem “falas”. E às vezes nós historiógrafos caímos no erro e na prepotência de encerrar discussões a partir da nossa contribuição ao assunto.

Por isso, um bom texto ele não se encerra em uma discussão ou é esquecido em acervos digitais ou prateleiras das bibliotecas. O penitencialismo tem uma cultura visual

complexa e repleta de possibilidades. Cada fotografia usada nessa dissertação certamente daria novas dissertações. Por isso essa dissertação tem como fio condutor apresentar análises e nunca esgotar assuntos, pois a temática possui incontáveis vieses de compreensões acadêmicas.

2.6 AURORA: ENTRE A NOVA JERUSALÉM E SUAS ESTRADAS DE TERRAS

A cidade de Aurora está embutida num cenário de amplas, regionais, pois a região sul cearense, denominada de Cariri, é palco de inúmeras culturas, religiosidades, identidades e sociabilidades. A região em torno da cidade de Juazeiro do Norte inclui-se Aurora, é delimitada por mártires, beatas, penitentes, romeiros, rezadeiras etc. E geograficamente falando, o município está:

A localização geográfica Localização [...], unidade federativa: Ceará, mesorregião: sul cearense (IBGE/2008), microrregião: Barro (IBGE/2008), municípios limítrofes ao Norte: Lavras da Mangabeira e Ipaumirim, ao Sul: Barro, Milagres e Missão Velha, a Leste: Cachoeira dos Índios (PB), e a Oeste: Caririagu, distância até a capital: 476 km] (Batista, 2020, p. 132).

Todavia, a cidade dos penitentes da Ordem da Santa Cruz, possuem em sua cosmogonia, suas próprias delimitações em torno da religiosidade local ao qual converge com essa aura mística, macro-religiosa e micro-religiosa. As cidades em torno do “polo” do padre Cícero respiram e transpiram essa religiosidade presente no cotidiano e nos lugares socioculturais. A religiosidade é vivenciada em suas dimensões para além das romarias, mas também vislumbram esse rito como uma sacralidade importante, ademais, os próprios penitentes são devotos do sacerdote cratense.

Destarte, a cidade fica a cerca de 70 km da cidade do padre Cícero e está muito distante da capital cearense. Outra delimitação, relevante sobre essa territorialidade é como a cidade tem um contato mais íntimo com o estado da Paraíba, seu vizinho e com demais cidades em torno. Sobre essa característica comum, entre a cidade do Cariri cearense, Batista (2020, p. 25), especifica que:

Não bastasse a importância da região do Cariri cearense para o próprio estado do Ceará, ela também influenciou outros estados com quem divide fronteira, Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. E justamente pela proximidade, sofreu forte influência da capital pernambucana, Recife, por essa ser um centro político e econômico na região do Nordeste do Brasil. Esse centro geográfico tornou-se um polo atrativo para várias correntes políticas, econômicas e religiosas na região do Cariri cearense. A região do Cariri é muito rica, em vários aspectos, inclusive, no histórico [...].

Essa região tem um polo magnético em torno da esfera religiosa e mística, entre o nordeste a terra do padre Cícero é um consenso como território exemplo da religiosidade popular nordestina. E essa região estende sua influência para demais estados, assim como a cidade de Aurora consegue edificar correlação entre Paraíba e Ceará. As romarias, as tradições e as crenças andam nesses limites territoriais sem nenhuma restrição.

A história e historiografia aurorense é ainda fruto daquele repertório de herança positivista, com mesmos vícios, direcionamentos e concretudes em torno de escritas calcadas na análise sociopolítica. A cultura é, por muitas vezes, posta em livros desenhados por esses signos metódicos e positivistas. A escrita da história aurorense possui dois grandes livros: “A venda Grande d’ Aurora (2012)” de Calixto e “Aurora: História e folclore (1999)” de Tavares. O primeiro livro conta de forma cronológica a historicidade do município rica em descrição edocumentação e a segunda obra, a luz de seu tempo, descreve as manifestações culturais do lugar como entes folclóricos, e entre esses seres da religiosidade estão os penitentes.

Enfim, além dessa renovação historiográfica em torno das grandes possibilidades analíticas sobre a cidade Aurora no tempo presente é gritante a ampliação de debates em torno da cultura, seja dos próprios penitentes, ou da Mártir Francisca benzedeiros, rezadeiras, cemitério da bailarina, covas dos anjinhos relações de matizes africanas, a capela da moça, o fim dos reisados locais, a malhação do Judas, os carretas entre uma infinidade de possibilidades, pois a cidade de Aurora é uma nascente não apenas em seu nome, mas de culturas e uma diversidade ímpar.

A cidade está numa encruzilhada entre penitentes, beatas, romeiros e manifestações que resistem ao tempo, à modernidade ou pós-modernidade. São entes que percorrem a cosmogonia entre a ideia do tempo e do lugar de Juazeiro como terra da Mãe das Dores e da Jerusalém do padre Cícero e uma dinamicidade própria, a aurora das estradas de terras, das peregrinações penitentes, do catolicismo ruralizado e das penitências diversas.

2.7 A MÍDIA E O PENITENCIALISMO: UM TEMPO NÃO NEGOCIADO

[...] A tradição do autoflagelo é medieval. Na região do Cariri cearense, devido à forte influência do Padre Ibiapina na segunda metade do século XIX, a prática ganhou adeptos com mais facilidade. Os jornais da época noticiavam que o religioso chegava a arrastar verdadeiras multidões em missões que não raro duravam mais de duas semanas, com missas, procissões e penitências públicas. No final do século, um forte surto de cólera reforçou ainda mais a tradição da penitência na região¹⁹ [...].

¹⁹Trecho do jornal: Diário do Nordeste reportagem da redação de 22 de março de 2008. “**Penitentes tem atos medievais**”. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/penitentes-tem-atos-medievais-1.658794>. Acesso: 22/02/23.

A reportagem do renomado “Diário do Nordeste²⁰” tem esse texto disponível em forma digital em sua página que atrela o ritual da autoflagelação com o diretamente com medievo²¹. O texto não se preocupa nesse momento em pontuar que esse ritual é algo do tempo presente, mas em ressaltar as raízes medievais. Todavia, posteriormente, a reportagem nesse mesmo parágrafo explica a historicidade do penitencialismo do Cariri cearense não ao medievo, mas ao próprio contexto regional do século XIX: sacerdotes imponentes religiosamente no âmbito popular, a cólera etc.

A noção da reportagem é de fato traçar uma linha cronológica que evidencia esses atos como rituais tão fascinantes e estranhos à modernidade. O texto não flexiona o verbo ser, no caso apenas denota a sua variável no presente. E isso gera um grande estranhamento e vocativo aos seus leitores. E como se o medievo fosse à explicação concreta para um ritual tão estranho ao tempo presente.

O redator ainda entrelaça o ritual específico com da autoflagelação ao medievalismo sem nenhum cuidado ou mesmo tem a premissa que esclarece que essa tradição do penitencialismo tem raízes medievais, mas é um ritual resistente e repleto de nuances da modernidade, especificidades históricas e sociais de cada localidade e que esses rituais serpenteiam o “Cronos” entre o tempo do Padre Ibiapina e o Padre Cícero até mesmo com medievo ou mesmo a gêneses bíblicas.

Para Carvalho (2003, p. 01):

A construção do mundo religioso das Irmandades de Penitentes é marcadamente baseada numa cultura bíblica introjetada no sertão nordestino desde sua colonização, permeada por crenças, valores e princípios morais absorvidos pela cultura popular a partir de elementos europeus, negros e indígenas e propagados especialmente pela tradição oral. Estas cosmologias ganham visibilidade apresentando-se enquanto formas específicas de responder às demandas cotidianas pelo sagrado. Os valores e idéias desta determinada visão de mundo abrem um campo de compreensão que transcende a visão mítica, superstição ou forma primitiva de experiência fundada numa mentalidade mágica.

Não é a toa que a historiadora Carvalho (2003, p. 02), é a referência de estudos sobre catolicismo e penitencialismo no Cariri Cearense, pois suas palavras são assertivas ao criar a cosmogonia dos penitentes para explicar suas práticas e não recai na premissa simplista de buscar no medievalismo as origens de um arcabouço nitidamente só floresceu no sertão nordestino diante dos fatores que a pesquisadora salienta na citação acima.

²⁰Grande jornal de circulação no Ceará na atualidade.

²¹Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/penitentes-tem-atos-medievais-1.658794>. Acesso: 22/02/23.

O penitencialismo é um conjunto de uma variedade de práticas e identidades. Dessa forma, o norteamento do penitencialismo, ou melhor, a autoflagelação ao medievalismo é uma categoria que não negocia com tempo presente. Este texto traz em todas suas discussões a importância da diacronia na concepção de um grupo que tem suas performances ligadas sempre ao passado. Falar, escrever, pensar e analisar o fenômeno dos penitentes do Cariri cearense é antemão compreender que ontem, hoje e amanhã são categorias negociadas. São bulas.

O penitencialismo é fruto de um presente que ainda vive de tradições, memórias, identidades e signos de uma cosmogonia que não está no passado, aliás, ao contrário é diante dessas divergências históricas que construímos as negociações e distanciamentos das modernidades. Neste momento vamos também participar dessas feitura do tempo por meio da cultura visual que costura todo esse texto, mas principalmente contextos jornalísticos e uma bibliografia sobre o assunto que fazem teceduras mais profundas ou dignas que essa aqui proposta. Cabe ao historiador aqui usar sua maior ferramenta de trabalho: o tempo. Dessa maneira, com sua enxada em mãos e com apoio da história cultural, o historiador irá semear essas terras.

3 DA ENXADA AO FLAGELO: O PENITENCIALISMO PRATICADO PELA ORDEM DA SANTA CRUZ E A SUA RELAÇÃO COM O TEMPO

“Para tudo há uma ocasião certa; há um tempo certo para cada propósito debaixo do céu: Tempo de nascer e tempo de morrer, tempo de planta” [...].Eclesiastes 3:1-8.

3.1 CORPOS COMO TEMPLOS: O PENITENCIALISMO E AS SUAS PRÁTICAS

Para compreender como os penitentes vislumbram e semeiam o tempo presente e como suas práticas são significadas e requeridas no meio social é fundamental entender os meandros religiosos do catolicismo, suas cosmogonias, signos e simbologias. Destarte, pensar nos penitentes é também pensar em suas práticas, suas performances, as suas identidades e código de condutas.

E sobre suas práticas o historiador Oliveira Filho (2002, p. 38) diz que:

Tendo em base as narrativas dos P.P.P22 e a definição de Carvalho, observo ser intrínseca a vivência cristã, os grupos que se organizam ao redor desse elemento devocional elaboram práticas diversas. Ao construir esses elementos diferenciadores, cada um desses grupos concebe pequenas comunidades dentro da devoção mais geral na comunidade cristã [...].

O historiador Oliveira Filho (2022, p. 38-39) foi muito assertivo ao afirmar que a imponência e a diversidade dos penitentes no Cariri cearense recaem na dimensão da pluralidade de práticas e nas concepções de comunidades cristãs. Assim, a própria cidade de Aurora tem três grupos distintos de penitentes em comunidades rurais distantes e um subgrupo na zona urbana e cada irmandade tem seus códigos de práticas, vestimentas, rituais e rezas. Há simbioses, encontros e desencontros entre esses penitentes.

No entanto, todos esses grupos, mesmo com suas especificidades são penitentes. A identidade do penitencialismo costura esses tecidos tão diversos e multicoloridos. Oliveira Filho (2022, p. 39) foi um dos poucos historiadores da religiosidade do penitencialismo que entendiam essa dimensão da especificidade. Esse historiador tem um trabalho em longo prazo com os penitentes peregrinos de Juazeiro do Norte. O grupo de sua pesquisa é direcionado a uma irmandade de penitentes com outras regras ou condutas, porém existem esses fios condutores entre o penitencialismo que tornam os penitentes juazeirenses ou aurorenses condutores dessa religiosidade ímpar.

No entanto, os penitentes aurorenses, por exemplo, estão esgotados de pesquisas que

²²Sigla do autor para: Penitentes Peregrinos Públicos de Juazeiro do Norte CE.

apenas retiram suas falas e nunca retorna aos mesmos por isso toda a minha dificuldade com a proposta de uma história oral e foi posto que as fotografias fossem meu único arcabouço e porisso essa dissertação direcionada a pesquisa de fonte da cultura visual e uso dos discursos da mídia.

Outrossim, Oliveira Filho (2022, p. 39), ainda é mais assertivo quando na mesma a página menciona que “[...] certifico que, mesmo tentando apontar essas particularidades de cada grupo, sempre sobrar um não dito [...]. O historiador usa a referência clássica ao texto de Certeau (1982) para apontar tanto de brechas e não ditos que existem na complexidade de estudar uma prática que usa como arado para sua agricultura o tempo presente, práticas e religiosidade. Dessa forma,, como diz meu par irei ao longo desse tempo e texto também apontar muitos “não ditos” que fugiram à escritura.

Esse texto todo tem como premissa entender o manuseio do tempo, dos corpos e dos conceitos em torno dessas práticas. E para isso algumas técnicas metodológicas, nesse texto consoante com as práticas desses homens agricultores aurorenses, serão utilizadas. O plantio, a semente, a colheita, o dono das terras ou supra-terrenos e a safra. Dessa maneira, essa linguagem e técnica estão presentes no suor, no sangue e nas mãos desses senhores que também resistem e persistem no tempo presente.

Dessa maneira, compreende-se que a dimensão dos corpos desses penitentes como uma boa terra que por “ordem” de um dono ao qual está emprestada, ou seja, por um “mandato” deve ser arada. Todos os rituais dos penitentes seus corpos são templos. Na concepção desses homens, o dono desse templo ou terra de plantio é “nosso senhor Jesus Cristo”.

Esses homens carregam na pele, nas penitências, nos olhares, nos clamores estrada a fora e nessas fotografias simbólicas que fogem qualquer texto sobre esses mandatos divinos. Esse texto busca em sua inocência epistemológica entender esses meandros desse tripé: tempo, corpo e performancidades.

O tempo dos penitentes nunca é o tempo cronológico, digital, mecânico, do capitalismo entre outros, mas é o tempo da vinda de Deus, tempo do Padre Cícero, tempo do Padre Ibiapina, tempo que Frei Damião andou ou “sobrevooou” por essas terras do nordeste. O tempo dos penitentes são todos incalculáveis remetendo ao gênese bíblico, a São Francisco ou mesmo ao início da colonização.

Um historiador que ama origens tem uma terra fértil caso queira buscar tais nascimentos dessas práticas, ou seja, mais um “não dito” dessa escritura, mas aconselho ir por meio das concepções e elaborações dos penitentes e não por um cronos oficial.

Atualmente Historiador não trabalha com origens. Isso denota que todos os grupos foram oriundos de um mesmo processo.

Dessa maneira, entender o corpo como templo é assimilar que usam o que eles têm para cumprir o mandato de Deus, ou seja, seus "eu 's". Por isso os corpos, sangues e clamores são suas ferramentas para este plantio. E por causa e por meio dos corpos que as práticas se manifestam em suas variedades sejam por penitências, sangrias, sacrifícios, noites em orações, andanças e manifestações fervorosas.

3.2 OS CORPOS E SEUS “DITOS”

Retornado a dimensão dos corpos e tempo, essa simbiose, pois todos os penitentes são agricultores que passam dias expostos ao sol, manuseiam a terra e vislumbram a vida de agricultura como espelho para com a missão divina. Os penitentes de Aurora não usam seus corpos para pedir perdão de seus pecados, mas para com toda a comunidade do seu sítio Salgadinho e muitas vezes em nome da humanidade.

O tempo de Deus é por coincidência o tempo da terra, da agricultura e do mandato divino. O tempo dos penitentes é marcado pelas comemorações e datas sagradas da igreja católica por isso que essa simbiose carregada de simbologias e um repertório de certezas. Por exemplo, o ritual da autoflagelação registrado nessa cultura visual entre vídeos, fotografias, materiais da mídia tendenciosa e sensacionalista e por pesquisadores, enfim, recai sempre na sexta-feira santa um período de chuvas e um período que sacrifício dos sangues que também “pingam” ou “chovem” no chão aurorense ou nas paredes das casas de taipas.

Sangue que lava os pecados, assim como a água “lava” a terra agrícola. Para Carvalho (2011, p. 14-15), os penitentes “[...] praticam um catolicismo e são agentes de um campo religioso que confessa uma determinada visão de mundo: a salvação pela mortificação corporal e/ou espiritual”. Dessa forma, a historiadora delimita e associa diretamente as práticas dos penitencialismos a ideia e ao uso do corpo “mortificado”, porém corpo não representa apenas a morte de Cristo ou sua paixão, pois os penitentes usam uma noção de corpo como templo ao qual usam a noção de imitação da dor e paixão de Cristo para a vida e o milagre da dor.

As imagens dialogam com as práticas além de demonstrá-las, pois tem um papel do registro de algo simbólico. O sangue exposto da fotografia não remete a dor ou sensação de horror pelo historiador, pois para o penitente é algo benéfico e sagrado essa sangria como penitência já para o historiador é vislumbrar com o tempo presente de uma longa

permanência histórica de uma cultura.

Figura 4 - Autoflagelação da ordem da santa cruz.



Fonte: Acervo pessoal (Santos, 2018).

Observa-se nas imagens e na cultura material especificidades dessa fé. Uma fé está nas carnes de homens, signos do catolicismo e da aproximação com Deus. Nota-se nas fotografias os capuzes que distanciam o homem do penitente uma vez que o palco é o sacrifício e não a demonstração de dores, nas vestimentas eles carregam representam diretamente o sacrifício de Cristo. A autoflagelação da imagem percorre caminhos entre estranheza, fascínio, misticismo, êxtase e entrega, mas sempre costurado pela noção de uma performance ao qual o corpo é o palco, o monólogo e o protagonista.

Em síntese, o corpo e espírito são inseparáveis para os penitentes ao qual a noção de dor não existe no ritual de autoflagelação, mas de um êxtase por está agradando ao mandatário divino. Esses associam corpos como entes espirituais, como tal não são carnes, mas morada divina. Essa concepção lembra a uma imagem que remete diretamente à escultura clássica de Gian Lorenzo Bernini de Santa Tereza (1646-52) ao qual espírito santo transpassa seu corpo como uma flecha e a santa entram em êxtase de felicidade e não de dor, pois a experiência não lhe causa sofrimento.

Todavia, a dor é afastada seja pelos capuzes, olhares direcionados ao chão ou mesmo não aceitação desse sentimento humano em algo tão divino. A imagem a seguir é do historiador local professor José Cícero e demonstra a caminhada como penitência na

madrugada aurorense. Um registro de entrega, mistérios, pavor e fascínio, pois é assim que aurorenses são acordados de seus sonos com o escuta do caminhar e bendito dos penitentes no decorrer da madrugada.

Figura 5 – A caminhada dos penitentes.



Fonte: Registro de José Cícero. Disponível em: <http://blogdaaurorajc.blogspot.com/2012/01/penitentes-de-aurora-um-exemplo-de.html>. Acesso: 23/02/23.

Como demonstra a imagem a caminhada na escuridão e nas madrugadas são rituais comuns nessas comunidades de penitentes e para os comunitários que estão inseridos como sujeitos que experimentam essa religiosidade sejam nos olhares distantes, no respeito, nos olhares discretos, nas brechas de portas e janelas sempre encantados, pois ser aurorense é ser acordado por penitentes uma vez na vida. Eles sempre vão a quatro destinos da urbe: capela de São Francisco; estátua do padre Cícero, estátua do Frei Damião ou capelinha da mártir Francisca.

Nota-se na imagem desfocada, sombreada corpos que emergem em peregrinação nas ruas desertas das madrugadas. Observa-se que na escuridão os penitentes se postam como entidades de respeito, de medo e de uma áurea de misticidade. Outra especificidade trata-se quando a Ordem da Santa Cruz está em ritual na zona urbana os outros demais penitentes de grupos remanescentes juntam-se ao ritual. Observa-se que há na próxima imagem um penitente com as vestimentas destoantes.

Figura 6 – Penitentes no fim de um “alerta²³” em Aurora-CE.



Fonte: Registro de José Cícero. Disponível em: <http://blogdaaurorajc.blogspot.com/2012/01/penitentes-de-aurora-um-exemplo-de.html>. Acesso: 23/02/23.

O penitente de vestimentas pretas pertencia a um antigo grupo urbano, mas com o passar do tempo foi se desfazendo por falta de novos integrantes e assim eles sempre retornam “ser penitente” nessas oportunidades de outros grupos bem estruturados da zona rural vão fazer algum ritual na urbe. Há uma receptividade entre os penitentes, negociações e uma diversidade de penitentes, aliás, no contexto aurorense é um fenômeno observável ao qual eles conduzem suas tradições em laços de irmandades e aceitam penitentes de outras ordens em seus rituais.

Infelizmente, essa mesma valorização da carne na religiosidade, do sofrimento e da mortificação reflete na religiosidade como signo forte no catolicismo popular e ultrapassa a questão dos penitentes da região e chegam a esferas como o grande leque de mártires mulheres, beatas e benditas popularmente de mulheres que foram vítimas de assassinatos cruéis e são elaboradas na fé local como santidades, um exemplo está em Aurora, referente ao caso da mártir Francisca. Destarte, é recorrente nas religiosidades a associação entre dor, sangue e o sofrimento como elevação da alma à santidade.

3.3 OS PRINCIPAIS RITUAIS DOS PENITENTES

A temática do penitencialismo na historiografia da região do Cariri cearense,

²³Ritual de rezas constantes que adentram as madrugadas entoadas com súplicas de perdão.

aurorense e até nível regional tem um vasto lastro de discussões consonantes com diversos recortes, fontes históricas e meandros analíticos. Atualmente muitas pesquisas sobre a categoria de tempo presente, uso da história cultural, da metodologia da etnografia e outras abordagens teóricas estão ganhando mais corpo.

No entanto, é importante compreender como diversas pesquisas visualizaram, entenderam e escreveram sobre os penitentes, pois é uma esteira de produções riquíssimas em suas especificidades. Todavia, entre muitos pesquisadores, o conceito de penitentes sempre foi relacionado às suas práticas e para isso é importante tecer uma costura sobre identidade, comunidade, irmandade, ordem, penitencialismo, religiosidade e demais termos que orbitam esses homens e suas crenças.

Sobre esse “ser penitente”, diz:

Caracterizados muito superficialmente, a Irmandade de Penitentes Peregrinos Públicos (conhecidos e autodenominados por Aves de Jesus) vivem da mendicância e seus rituais religiosos estão atrelados à peregrinação por espaços sagrados da cidade de Juazeiro do Norte. A Roda de São Gonçalo reúne “trabalhadores” que praticam a dança votiva como meio de cumprir acordos entre o promesseiro e o Santo que atende as suas necessidades. As Irmandades de Penitentes dos Sítios Cabeceiras e Lagoa, ambos em Barbalha-CE, têm nos rituais de autoflagelação com pequenos chicotes contendo lâminas em uma das suas extremidades e/ou com o cilício uma marca associada à identidade coletiva dos grupos (Oliveira Filho, 2012, p. 2).

Percebe-se que Oliveira Filho (2012, p. 2), tem a preocupação epistemológica, teórica e metodológica em seu texto de pontuar as especificidades desses penitentes, mas o pesquisador também adentra no campo da explicação por suas práticas, ritual e identidade coletiva. Mesmo assertiva de compreensão dos penitentes em seus graus de especificidades que fogem as espacialidades é muito importante. Em outra citação, Oliveira Filho (2012, p. 2) visa também apontar o perigo ou perdas na construção e delimitações homogêneas sobre os penitentes. Percebe-se neste trecho que ele realmente busca nos detalhes, nas particularidades e nas cosmogonias propor explicações não genéricas, mas condizente com cada grupo de penitente.

Seguindo o mesmo autor:

De imediato, somos confrontados por um olhar que agrupa um conjunto heterogêneo de sujeitos sob a denominação comum de penitentes e percebe em meio à diversidade “estruturas religiosas homólogas”. Mas, de onde surge essa classificação? Quais os resultados da sua adoção? (Oliveira Filho, 2012, p.2).

É relevante esse questionamento que este pesquisador lança na historiografia clássica sobre o assunto e demais pesquisadores. Acrescenta-se outra indagação que dialoga muito

esta citação. Como não errar também apenas focando nas diferenças, ou seja, como podemos conciliar a abordagem dos penitentes em comum a todos e ao mesmo tempo analisar as especificidades de cada irmandade? Por isso que é importante conduzir esse dilema adentrando nas especificidades e no penitencialismo como um conceito amplo e abrangente.

Assim, Ginzburg (2006) fez com seu Menocchio e sua prática de micro-história, ou seja, perfazendo o caminho do todo para meandros dos por menores, microcosmos juntamente como o mesmo caminho que o historiador que utiliza-se do tempo presente faz ao qual dá passos entre diacronia e síncrona. O macro e o micro conversam como diacrônico e sincrônico. Assim, uma abordagem não anula a outra.

As características homólogas são importantes no entendimento do fenômeno do penitencialismo, compreendo que o conceito funciona como um guarda-chuva teórico que petrifica esses rituais, crenças e cosmogonias como um ente que serpenteiam o ato da penitência e o catolicismo católico. No entanto, apenas valorizar ou tecer teses sobre esse “olhar” de cima não ajuda na compreensão dos pormenores, das particularidades.

Ademais, outro historiador explica os penitentes que estuda, ou seja, os penitentes de Juazeiro do Norte conhecidos como penitentes peregrinos públicos como: “Em linhas gerais, esse grupo de penitentes, tem como meta a redenção dos pecados e a salvação a partir da mendicância, peregrinação e privação dos bens materiais” (Oliveira Filho, 2017, p. 3).

Essa explicação me fascina, pois em poucas palavras o historiador consegue explicar não os rituais e nem precisa da palavra autoflagelação, por exemplo, pois apenas utiliza uma explicação focada na concepção da complexidade laborativa desses homens e sua relação com o divino como a meta de salvação.

Outra definição de penitentes que traz um alento epistemológico e dialoga com minhas aspirações teóricas e metodológicas e, inclusive, provém da pesquisadora sobre a temática dessa religiosidade no Cariri cearense, poi para Carvalho os penitentes são apresentados como: “Caracteristicamente estas Irmandades são rurais, seus integrantes são agricultores analfabetos, são liderados por um Decurião que possui sobre seus integrantes além da autoridade religiosa, a autoridade moral” (Carvalho, 2003, p. 2).

Neste trecho sobre os penitentes é valorizado suas sociabilidades e rede de interações com líder, com demais membros, os seus lugares sociais, suas vivências etc. A expertise da pesquisadora repousa na delimitação dos penitentes a partir da construção de uma identidade de seres sociais e não apenas seres religiosos. Outra abordagem sobre um grupo de penitentes é também construída por um pesquisador que buscou entender as peregrinações e deslocamentos.

Campos (2008, p. 148), frisa que:

A partir da etnografia sobre a Ave de Jesus – um grupo de penitentes em Juazeiro do Norte, Ceará – pretendo explorar como o deslocamento (peregrinação) se combina com a fixação (territorialização de uma tradição religiosa através de um processo simbólico de sacralização do espaço na cidade do Juazeiro do Norte), em ambos os aspectos espacial e simbólico (o processo de sacralização do espaço e peregrinos/romeiros que se tornam moradores locais).

Essa perspectiva de abordagem é muito rica em ganhos epistemológicos, pois valoriza os penitentes como entes de transição territorial. Os penitentes da Ordem da Santa Cruz, a luz de suas especificidades, também são seus deslocamentos, peregrinações e elaboram significados místicos, mágicos, religiosos aos espaços aurorenses, por exemplo, das estradas de terras percorridas nas madrugadas, a ida ao cemitério da bailarina²⁴, rituais nas estátuas de Padre Cícero na sede e na vila Tipi, visitas à capela da mártir Francisca²⁵ etc.

Essas transições são denotadas de simbologias que vão além de meros deslocamentos. Todavia, diferentemente dos penitentes públicos de Juazeiro do Norte ao quais as identidades, os rostos e os rituais não são cobertos de mistérios e segredos, em contrapartida a Ordem da Santa Cruz tem essa dogmática do resguardo.

Todavia, os penitentes aurorenses são delimitados como:

As ordens penitentes, em geral, contam com pouco mais de duas dúzias de adeptos, todos homens. Frequentam a Igreja, confessam-se e vão à missa. Participam das festas litúrgicas e cumprem suas obrigações de bons católicos: evitam vícios, como a bebida, o fumo e os jogos. Relações sexuais não são proibidas, desde que dentro do matrimônio, e, se possível, devem ser evitadas antes das penitências. Visitam os doentes, rezam em velórios e enterros, jejuam e participam das devoções comuns. Mas é no período da Quaresma que os penitentes se reúnem para peregrinações noturnas. Empunhando uma cruz de madeira, três ou quatro vezes por semana, os encapuzados dirigem-se para lugares ermos, nos arredores da cidade, ou para os cemitérios, onde dão início ao ritual de flagelação que deve purgar os pecados, não só dos penitentes, mas de toda a humanidade [...] (Oliveira Junior, 2014, p. 399).

Essa descrição detalhada deste pesquisador é muito interessante, pois abordam os penitentes a partir de suas conexões com a igreja católica de Aurora, suas práticas, valoriza a dimensão do catolicismo dentro das Ordens, também, preconiza os rituais dos penitentes. Ao apontar à importância da quaresma, as condutas morais, as penitências e performances como as flagelações, o pesquisador delimita os penitentes por um repertório de singularidades.

Os penitentes aurorenses, em inclusive, a Ordem da Santa Cruz possui uma forte relação com a comunidade e suas práticas, performances, crenças e existência que são

²⁴Cemitério aurorense abandonado do século passado ao qual sepultavam os mortos de cólera.

²⁵Pequena capela erguida onde a Francisca, santidade popular aurorense foi assassinada.

justificadas, elaboradas e percebidas pela própria comunidade que recorre aos terços dos penitentes nas mais variadas necessidades teológicas. Os penitentes são a ponte entre uma igreja de outrora, próxima e de uma tradição respeitada.

Portanto, os grupos de penitentes do Cariri têm em suas raízes convergentes e divergentes, uma vez que há costumes próprios e ritualísticos comuns entre estes que serão analisadas ao longo dessa discussão e serão usados, pois é necessário compreender o fenômeno do penitencialismo a partir de seus pormenores e laços.

3.4 OS PENITENTES E AS “IDENTIDADES”

Posto assim, os caminhos, possibilidades e meandros que costuram e preparam o solo desse plantio é relevante debater sobre um aspecto mais teórico e epistemológico sobre termos nada vazios ou recursos de preencher lacunas. Palavras como identidade, comunidade e tempo são veículos que conduzem essa dissertação e foram faróis na pesquisa. Bauman (2005, p. 22-23), entende a palavra identidade, como:

Minha opinião é igual a sua... Sim, de fato a “identidade” só nos é revelado como algo a ser inventado; e não descoberto; como alvo de um esforço; “um objetivo”, como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la [...].

O teórico nesse condiz que “identidade” surge como algo entrelaçado como nacionalismo, cultura de um povo e uma perspectiva mais histórica, ou seja, surge como uma necessidade de invenção e de estado. Aqui também é vista como uma necessidade de invenção do historiador e dos penitentes. No entanto, transpassando essa assertiva para uma esfera mais condizente com esta pesquisa é interessante como o teórico consegue trazer um questionamento do surgimento do termo identidade.

Muitos historiógrafos buscam tratar identidade como algo transeunte, transitório, construído, dado ou como um santo graal de uma pesquisa. Outrossim, esquecem que identidade é um sentimento de pertencimento muito subjetivo, por exemplo, por meio da cultura visual, ou seja, os acervos de fotografias ou por via da oralidade buscar elementos e códigos que delimite o ser penitente. Posso e faço isso nesta dissertação com os direcionamentos aos pormenores das imagens, mas traduzir a identidade do penitente é algo que foge à esfera da escrita.

O Decurião, por exemplo, sabe que é penitente e essa identidade é intrínseca a ele e perpassa e vai além dos rituais e performances. Está no sangue, no suor, na lida da roça e na

sua relação com sagrado. Candau (2012, p. 21), também vislumbra que esses conceitos são construções realizadas por meio de outros conceitos e são complexos no seu entendimento e descrição. Em suas palavras: “[...] as noções de “identidade” e “memória” são ambíguas, pois ambas estão subsumidas no termo representação, um conceito operatório no campo das ciências humanas e sociais” (Candau, 2012, p. 21).

Outrossim, percebe que o termo identidade em si é vasto e tem pontes necessárias e igualmente complexas com outros temas. É muito comum confundir, entrelaçar e tornar-se ambíguo o conceito de identidade com o conceito de memória e representações. Esse tripé fundamenta-se em muitas discussões profundas e rasas na academia.

Utilizam-se esses conceitos como ferramentas para a lida nessa roça que consegue traçar usos diversos e também convergentes para esse tripé. No entanto, também há construções teóricas de pontes com temas caros a essa pesquisa como o conceito usado pelos historiadores dessa seara, a exemplo, do conceito penitencialismo e religiosidade.

É complexo entender essas categorias que em suma são teóricas e subjetivas, mas são necessárias nessa pesquisa de cunho etnográfico, de análise de cultura visual e análise de textos jornalísticos. As fontes exigem assim um terreno exige cuidado antes do plantio, que esses conceitos sejam bem empregados.

O tema identidade, memória e tempo estão numa tríade relevante nessa pesquisa, pois estão ligados a preocupações e problemas comuns aos estudos dos penitentes. Como se fosse um manual ao qual sempre tem que ter uma apresentação, problematização ou reflexão e essas análises mais rasas ou profundas tocam em raízes identitárias dos penitentes ou quando costumam a dimensão do tempo e o futuro como memórias e identidade.

Nota-se nesse trecho:

O fato de se caracterizar como uma manifestação eminentemente oral não transforma os penitentes num fenômeno religioso e comunicativo anacrônico, apartado, isolado, folclórico, ao contrário, o grupo mostra-se permeável às influências diversas, inclusive, e principalmente, da cultura de massa. Contudo, esta interface não garante a preservação do fenômeno nem do repertório da Ordem, que tende a desaparecer com a morte dos membros mais velhos (Oliveira Junior, 2014, p. 399).

O pesquisador nesse trecho consegue pincelar a problematização da preocupação com a preservação e respeito com essa religiosidade, ou seja, como garantir a manutenção dessa fé, porém erram ao associar os penitentes na sua totalidade como um fenômeno oral, nota-se por meio desta pesquisa os ganhos em torno de prismas como a cultura visual.

A pesquisa sobre penitentes que usam o arcabouço da história e sua relação com a

antropologia e sua relação com metodologias como etnografia e também operam o uso do tempo presente ao qual proporciona ganhos enormes na forma pelo qual o assunto identidade, memória, tempo e performance surgem.

A citação acima tem muitas especificidades convergentes com outras leituras no campo da historiografia e como essas peculiaridades são importantes, além do texto e da pesquisa. A cultura viva dos penitentes é sempre o ponto de partida de um rol de passos. Detalhe, essa não é uma cartilha de escrita sobre os penitentes ou qualquer outra religiosidade.

No primeiro passo é comum a delimitação de preceitos de identidades para apresentação destes homens, segundo adentra-se na esfera religiosa e mística ou mágica e, por fim, chega-se na angústia com a preservação dessa cultura. Está impregnado nesta escrita a ligação entre a categoria de tempo presente e de um pesquisador não apenas observador, mas etnográfico.

Dessa maneira, conceitos teóricos neste trabalho são ferramentas que estão sempre nos bastidores ou nos palcos dessa escrita. São tão performáticos quanto às práticas dos penitentes. Doravante, há outros conceitos teóricos que orbitam esses principais que serão com seu devido cuidado também analisado ao decorrer do texto e no texto. Conceitos como performance, por exemplo, será utilizado e terá seu emprego longe de uma encenação, mas como uma teatralização dos corpos e como uma ritualística.

Os penitentes são categorias analíticas multidimensionais por apresentar uma pluralidade com seus códigos de identidades, práticas, experiências e signos, desse modo podemos citar que a Irmandade da Ordem da Santa Cruz não são “penitentes públicos”²⁶, ou seja, abertos à exterioridade, mas possuem encargos e contornos de um ser penitente. Ademais, existem singularidades significativas dessas culturas como religiosidades, historicidades, simbologias, performances e cosmogonias próprias, exploradas nos próximos capítulos.

3.5 O TEMPO NEGOCIADO COM O SAGRADO: ENTRE A DIACRONIA E A SINCRONIA

Isso aí a gente conheceu porque parti de Jesus, que tinha seus doze discípulos dele né aí quando Jesus morreu ficou São Francisco. Neste tempo, povo era pouco. Mas São Francisco era que era homem como nós mesmos né. E aí acontece o que foi passando de São Francisco passou pra outro e foi passando até por último é nós. Aí vem vindo dos maisvelhos e mais velhos e aqueles mais novo foram interessando

²⁶Tipo de penitentes que circulam entre os espaços urbanos sem preocupação em resguardar a identidade.

final deu certo, até de agora em diante que encostou, porque os novo não querem mais, os novo hoje querem a festa, quer outra coisa né! Esse negócio de religião acabou, não tem um que não saiba uma ave Maria, não vão mais atrás da igreja. Agora é a farra e a maconha, não quer saber de nada. Posso dizer que isso veio de Deus, o mandado de Deus deixou. Isso Deus deixou. Deus não deixou crente, Deus não deixou casamento civil, Deus não deixou nada disso, isso os homens formaram, mas os mandados ele deixou²⁷.

A voz de Sr. Geraldo, Decurião²⁸ da Ordem da Santa Cruz, ecoa no espaço empoeirado da sua casa, desafiando o tempo. De São Pedro a São Francisco, do começo ao “fim do mundo”, a narrativa de Sr. Geraldo faz da memória um imenso quebra-cabeça que me foi apresentado aos poucos em diversas visitas que fiz ao Sítio Salgadinho.

Outra dimensão relevante ao se pensar tempo e o penitencialismo é a categoria de diacronia e sincronia. Isso fica relevante na vasta bibliografia sobre os penitentes e suas particularidades, assim como na fala do decurião, pois como minha pesquisa e vários estudos analisam e utilizam o tempo presente por meio do arcabouço da aproximação da história com antropologia e todo arsenal teórico e metodológico da história cultural.

O recorte do tempo presente não silencia a utilidade para o historiador e seu objeto de estudo da demissão do tempo em diacronia e sincronia e sem amarras geográficas, por exemplo, referências de outrora de uma corrente de historiografia metódica busca origens e meandros objetivos são úteis nessa pesquisa uma vez que a historiografia local aurorense foi feita por muito tempo por esses pesquisadores que levavam a exacerbação das origens e iam e voltavam do tempo medieval em velocidades enormes. Os penitentes nesta historiográfica eram vistos como fanáticos medievais²⁹, antimodernidade, exóticos e folclóricos.

Em resumo, para compreender essa historicidade e vislumbrar a história dos penitentes com suas rupturas e permanências é importante adentrar um pouco naquilo que a antropologia legou ao campo da história: a imersão. Entender a cosmogonia dos penitentes é essencial para toda essa análise.

Novamente, recorro a Carvalho (2003, p. 1):

A construção do mundo religioso das Irmandades de Penitentes é marcadamente baseada numa cultura bíblica introjetada no sertão nordestino desde sua colonização, permeada por crenças, valores e princípios morais absorvidos pela cultura popular a partir de elementos europeus, negros e indígenas e propagados especialmente pela tradição oral. Estas cosmologias ganham visibilidade apresentando-se enquanto formas específicas de responder às demandas cotidianas pelo sagrado. Os valores e idéias desta determinada visão de mundo abrem um

²⁷Entrevista realizada em 16 de março de 2018 em Aurora - CE, com Decurião da Ordem da Santa Cruz registrada na monografia de minha autoria.

²⁸Líder espiritual, também denominado de mestre, que coordena as atividades da irmandade.

²⁹No próximo capítulo esse debate sobre a taxação de “medievais e resistentes à modernidade” será desenvolvido por meio da análise do discurso da mídia jornalística no tempo presente.

campo de compreensão que transcende a visão mítica, superstição ou forma primitiva de experiência fundada numa mentalidade mágica.

A cosmogonia, ou seja, o mundo para os penitentes está repleto de signos históricos e culturais que remontam a heranças europeias, catolicismo popular nordestino, cultura popular, tradição oral, uma visão mística e mágica da vida e uma simbiose com mundo da bíblia e da igreja católica. Tudo isso nas palavras de Carvalho (2003, p. 1), denotam que “[...] Desta forma, o campo religioso popular é permeado por crenças e práticas particulares (não necessariamente clericais), cuja lógica e dinamismo de seus significantes, refletem uma forma de ver e sentir o sagrado [...]”.

O penitencialismo conforme diz a pesquisadora é uma lógica própria de sentir e viver o sagrado à sua maneira. Essa assertiva dessa historiadora atravessa meus estudos como se ela diretamente conversasse com que idealizo como cosmogonia dos penitentes como uma forma única e a maneira deles de sentir, performar e aproximar do sagrado. Os penitentes estão ligados à cosmogonia, às práticas e ao tempo.

O trabalho árduo sobre tempo com penitentes está consonante com o fato deles sempre recorrem aos discursos e à imagem e feitos suas santidades precursoras como Padre Cícero. Dessa forma, não precisa-se usar das fontes orais para demonstrar como é sagrado a persona do Padre Cícero para eles, pois a sua imagem impera como escultura nos altares basta observar a foto abaixo.

Figura 7 - Penitentes perante o altar.



Fonte: Acervo pessoal (Santos, 2018).

O padre de Juazeiro do Norte é a memória desse passado que deve ser resgatado e do medo do futuro apocalíptico na cosmovisão dos penitentes. Na historiografia o passado não é resgatado. O que passou, passou.

Nota-se que a luz está no centro. Padre Cícero está no centro do altar. E todos se ajoelham para ficar abaixo do santo. Observa-se nas imagens os penitentes em comunhão com o sagrado, mas também próximo, pois há uma mistura de signos culturais como o pe. Cícero entre outros. Assim como esse ritual de madrugada, os demais rituais sempre são praticados nas noites, nas madrugadas, nos cemitérios, cruzeiros, nas casas dos populares à noite etc. Essas performances são geralmente em espaços longe dos vislumbres de curiosos, pecadores e como um pré-requisito a penitência.

O tempo conversa com esses homens seja nas ritualísticas e performances ou por dilemas pessoais como suas idades e a preocupação com a manutenção de suas práticas. Nota-se que há poucos jovens em meio aos idosos penitentes, mas existe uma juventude penitente liliputiana. Da mesma forma que o tempo dialoga com as temporalidades, práticas e performances, os espaços também conversam com esses homens, destarte, espaços como Juazeiro do Norte iam qual tencionam uma imponência como um polo ou a “Meca” para a religiosidade do Cariri cearense. Campos Salienta como Juazeiro do Norte é vista pelos mais variados penitentes e beatos:

De fato, os grupos de penitentes, beatos e romeiros no Juazeiro são heterogêneos, apresentando diferentes concepções de penitência e diversos tipos e graus de relação com a Igreja. Os peregrinos são de diferentes lugares do Brasil; algumas vezes turistas, outras vezes romeiros, muitos são residentes do Juazeiro, outros têm apenas interesses comerciais no santuário. No entanto, Juazeiro é conhecida e reconhecida pelos romeiros e penitentes como a Terra da Misericórdia, a terra da Mãe de Deus. (Campos, 2008, p. 105).

Dessa forma, Juazeiro do Norte é vista como a terra do Padre Cícero e de Nossa Senhora das Dores, ambas as entidades sagradas é também a terra da Jerusalém do catolicismo próprio. O fascínio místico e mágico por Juazeiro cria uma cosmovisão de um tempo do padre Cícero, de uma cidade sagrada e um leque de simbolismos próprios e ao mesmo tempo diversos e repletos de perspectivas particulares.

Uma vez que penitentes de Juazeiro do Norte e os penitentes “romeiros” vivenciam a cidade do “padim” à sua maneira. Tempo e espaço sagrado sobe e desce o horto e assim Juazeiro do Norte conversa com esse tempo antigo e idealizado como sagrado. Todavia, o penitencialismo é um produto, dentre muitos no Cariri cearense e demais regiões e sub-regiões desse nosso nordeste, de uma religiosidade que pulsa e vibra em anseios do

cristianismo à sua maneira. O penitencialismo no tempo presente carrega em seu cerne uma historicidade que ultrapassa o oceano atlântico e sai diretamente do velho mundo para estes sertões.

Assim, recorro novamente ao Certeau (1982) para apontar a importância do lugar social para pesquisador e a ferramenta do tempo na sua escrita. Se não tivesse esse fascínio por tudo que me atravessa na religiosidade do meu “lugar social” esse texto seria outro ou um mais um texto acadêmico.

3.6 OS VELHOS E OS NOVOS PENITENTES: O TEMPO COSTURADO E O TEMPO PLANTADO

Uma das narrativas de Sr. Geraldo, decurião, trata-se do tempo como uma corrente entre o mais sagrado e puro contexto/cronos ao fim apocalíptico do mundo, entre gênesis e armagedon. Outra preocupação temporal do decurião é a manutenção do penitencialismo futuro e a contradição entre moderno e a tradição, pois é ciente do papel importante da preservação, manutenção e memória do penitencialismo e das tensões entre o novo e o velho.

A Ordem da Santa Cruz possui narrativas próprias que são repletas de simbolismos e nuances que justificam suas práticas ao remontam a uma gênese mítica. Todavia, o velho penitente tem um discurso que ecoa na dicotomia entre profano e sagrado.

Nessa perspectiva, a juventude da comunidade experimenta um tempo presente e os penitentes um tempo sagralizado e nessa bifurcação o que preocupa algum penitente é tocante a manutenção dos grupos, resistência e desistência. Associam à juventude da comunidade as práticas como festas, drogas e afastamento da igreja, das rezas senão desses costumes. Uma narrativa de repulsa e preocupação com jovens. Os penitentes possuem um código próprio de ética (manter suas identidades resguardadas e não adotar vícios como bebidas entre outros), uma postura católica cristã e uma leitura da sua cosmogonia repleta de símbolos e representações que transitam entre múltiplas formas de crer e manipular o sagrado.

Mesmo com idades díspares o grupo é formado em sua maioria por senhores idosos, mas possuem três netos do Decurião na irmandade e estes são jovens e negociam ou vivências essas modernidades e ao mesmo tempo uma tradicionalidade. Talvez, a questão nem seja a preocupação essencial na manutenção desta “ordem divina”, passada por suas crenças por figuras míticas como São Francisco e provinda de Jesus, segundo as falas do Decurião, mas nas tensões entre o jovem e o velho.

Todavia, esse discurso é tão antigo quanto à própria gênese desses penitencialismos. O

futuro representa essa possibilidade daquele “que vem” e simboliza finalizações ou descontinuidades. Dessa forma, a juventude e quadro de modernidades são apenas antítese de uma cosmogonia e a cosmovisão desses homens de mundo. Não é à toa que penitentes fazem rituais performáticos tão enraizados historicamente.

A reflexão deve repousar sobre a visão desses senhores perante a juventude da sua comunidade rural e como elaboram visões sobre tempo. Eles tencionam a juventude, as mulheres, as ditas modernidades e o fim dos tempos como um único balaio de preocupações e penitências. O tempo de São Francisco, do Padre Cícero, de Jesus tornam-se o tempo mítico e haurível.

O tempo presente é a desagregação, tempo da juventude perdida e do caminhar da finitude. Viana (2017, p. 41), em suas pesquisas com um determinado grupo de penitentes de Juazeiro do Norte CE percebeu e salientou suas percepções em torno de temporalidades e usos de fundamentações em torno de um ideário de passado concebido pelos penitentes.

Assim, Viana (2017, p. 41), frisa que:

O tempo desejado é o tempo do padre Cícero. Não apenas na questão religiosa-ritual, mas também na vivência cotidiana com as roupas, estrutura das casas e tecnologia. O tempo do padre Cícero é, portanto, o tempo perfeito e, a partir dessa história mítico-milagrosa (...).

Nota-se que o historiador expande a sua compreensão para além das falas e escuta, ou seja, nas narrativas, pois para ele é visível que a busca por esse tempo áureo fica visível nas vivências. A preocupação do velho decurião é com as suas sociabilidades e convivência com a juventude local, com as igrejas protestantes ou mesmo com avanço das modernidades que, inclusive, já não são tão “novidades” como o “perigo” do casamento civil em substituição do religioso etc.

Além da relação complexa que o grupo estabelece com o tempo histórico (qual o “tempo” dessa narrativa?). É possível perceber uma tensão entre o “modelo antigo” de crença e fé que “deve ser seguido” e as “tentações” da modernidade: casamento civil, roupas da moda, publicidade... Como os penitentes da Ordem da Santa Cruz lidam com essas questões?

Outrossim, para usar uma expressão do sociólogo Canclini (2019, p. 19), ao qual cunha a interrogação: como essas pessoas “entram e saem da modernidade”? Em sua obra “Culturas híbridas”, Canclini (2019, p. 19), propõe que uma estratégia interessante observada por ele em várias experiências culturais colocadas diante desse desafio foi o processo de hibridação cultural, ou seja, “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e

práticas” (Canclini, 2019, p. 19).

A união da experiência dos penitentes com os “desafios da modernidade” é um ponto importante mesmo nessa forma muito embrionária, percebe-se que os integrantes dessa irmandade performam essa hibridação cultural ao mesmo tempo em que lutam por manter determinados esquemas rígidos de disciplina e fé.

Conforme, Morin (1997, p. 147), apresenta outra visão sobre essa relação intergerações, pois no outro viés do lado da juventude é costumeiro, mas não generalizando (próprio objeto de estudo tem em seu corpo alguns jovens participantes), o tempo dos “velhos, dos idosos e dos experientes” como uma categoria de adjetivos desqualificadores. Enfim, segundo Morin “(...) A experiência dos velhos se torna lengalenga desusada, anacronismo. A “sabedoria dos velhos” se transforma em disparate. Não mais uma sabedoria” (Morin, 1997, p. 147).

Apesar de que dentro do contexto do pensamento e obra do Morin (1997, p. 147), essa frase é referência de um estudo sobre cultura de massa no coetâneo ao qual o pesquisador investiga e analisa elementos sociais como mídia, cultura, espírito do tempo moderno entre outros. No entanto, quando ele apresenta essa frase em seu texto/capítulo sobre a juventude apenas evidencia o outro lado da moeda, a visão dos jovens sobre os velhos ou a velhice.

Por outro lado, quando Maffesoli (1998) estuda, analisa e compreende como a juventude, ou melhor, os “tribalismos”, possuem seus códigos, ética, costumes, experiências, ligações, sensibilidades, ou seja, aquilo que une indivíduos num coletivo colados pela sociabilidade. E para construir uma tribo, uma comunidade, uma coletividade, uma irmandade ou “uma ordem” os penitentes possuem esses signos de pertencimentos.

Não há nessa percepção diferenças entre uma tribo jovem e uma irmandade de penitentes nos aspectos dos signos constitutivos, respeitando as especificidades de grupos díspares, mas que na sua essência são tribalismo, ou seja, são uniões de indivíduos, senão construções coletivas.

O mais relevante entre os penitentes é que sua “colagem” social no que tange é revestida de uma áurea mística e religiosa, dessa maneira isso os torna reprovadores de tudo aquilo que fogem da percepção de aceitável no campo socioreligioso, assim os “jovens” são inegavelmente aberrações sociais ou religiosas.

Assim, como para alguns jovens na comunidade, os “penitentes e a autoflagelação”, são signos de bizarrice e fanatismo, perante a minhas entrevistas e alunos da localidade. Porém, é na interseccionalidade que repousa a reflexão quando surge o sujeito “jovem penitente”, a exemplo dos três rapazes citados da irmandade da Ordem da Santa Cruz e como

eles mantêm e significam suas práticas, vivências e experiências com outra geração, outra comunhão de tempo e visão de mundo.

Destarte, é necessário observar ainda a complexidade envolvida nas relações dos penitentes com a comunidade a que eles pertencem. Esses sujeitos desempenham diversas atividades em seu meio social: rituais de cura (rezas), renovações e promessas, principalmente. Apesar disso, existe uma relação de tensão entre as práticas secretas do grupo e aquilo que a comunidade considera como “socialmente aceitável”.

O maior embate refere-se aos rituais de autoflagelação que ao mesmo tempo maravilham, espantam e fascinam os olhares que percorrem entre as orações, performances e o sangue. Essas tensões são humanas e adentram na religiosidade desse catolicismo como quadros de um leque de repertórios de antigos discursos revestidos.

Portanto, essa discussão calcada no tripé: penitentes, juventude e temporalidades, tece um debate rico e apropriado entre visões e cosmogonias que existem e coexistem na zona rural de Aurora, nas ruas de Juazeiro do Norte e demais regiões que presenciam no tempo presente o fenômeno do penitencialismo. Cabe, por fim, também mencionar o caráter expositivo deste texto e a necessidade de um mergulho profundo nesses três elementos dispostos ao longo do texto e reconheço que há “não ditos” sobre essas questões.

3.7 O TEMPO DO FIM DO MUNDO

O tempo não é apenas incerto ou interpretado “nas e para” as origens perante os penitentes, mas funciona como forte elemento de manutenção e justificação de suas crenças no tempo presente como também é usado como categoria de performancidade do futuro, como uma categoria repleta de incertezas e preocupações com mistérios e do medo do apocalipse.

Assim, o fim do mundo sempre é o agora para os penitentes. Há o tempo do perdão, da penitência, do retrovisor (ao passado) e do espelho (futuro). Dessa maneira, a ideia de um fim do mundo percorre as ladainhas, flagelos e discursos dos penitentes. Em outras palavras, o tempo é performático.

A literatura clássica e até mesmo fontes como os textos jornalísticos sempre ressaltam esse malabarismo entre um passado perfeito e divino contra um futuro imoral, perto e destrutivo. O passado sendo a representação das origens e o tempo divino, em oposição, o futuro é o tempo da modernidade e o apocalipse.

Dessa forma, o tempo é uma interpretação e faz parte da cosmogonia dos penitentes. É

nítido nas imagens dispostas até então como os penitentes fazem “performances” não teatralizadas, no sentido de ficção, mas seus corpos como espaços de leituras do mundo.

É mister, uma breve pausa para proporcionar o primeiro “arado” sobre o termo “performance” nesta dissertação. Esse conceito funciona como uma agulha com linha ou como terreno fértil para este texto. Outrossim, é um conceito caro e demasiado importante para não ser pelo menos pincelado e entendido em sua complexidade e sua interface com tempo.

Assim Zumthor (2005, p. 29-30) afirma que:

A palavra não é inocente, e há cinquenta anos se arrasta no uso comum: convém atacá-la de frente antes de arriscar o seu reemprego. Embora historicamente de formação francesa, ela cabulário da dramaturgia, se espalhou nos Estados Unidos, na expressão de pesquisadores como Abrams, Ben Amos, Dundee, Lomax e outros. Está fortemente marcada por sua prática. Para eles, cujo objeto de estudo é uma manifestação cultural lúdica, não importa de que ordem (conto, canção, rito, dança), a performance é sempre constitutiva da forma. Se um fato observado em performance é, por motivos práticos, transmitido, como objeto científico, por impressão ou conferência, então de maneira indireta e segunda, a forma se quebra. Neste sentido, a performance é para esses etnólogos uma noção central no estudo da comunicação oral.

Interessante como Zumthor (2005, p. 29-30), busca nessa citação elaborar uma complexidade do tamanho do poder que cabe na percepção de performance e como este conceito teórico é operalizado na cientificidade e nos caminhos epistemológico seja como um refúgio para trazer sua aplicação primária na dramaturgia ou sua colocação na etnografia. E aqui que esse conceito interessa a este historiador e é usado como subterfúgio para entender e estender a noção de práticas e ritualísticas tão complexas e suas costuras com o tempo.

Retornando a discussão sobre o uso do tempo para os penitentes, outro exemplo de aplicação nas práticas e conversa com as imagens usadas nesta dissertação é própria autoflagelação da Ordem da Santa que ocorre na zona rural aurorense não em um dia qualquer, mas naquele de maior simbologia e representa uma áurea e mística da esperança da salvação por imitação de Cristo. A carne é potencializada e o sangue é a passagem para o bom futuro ou a salvação da comunidade.

Outra questão, em torno dos tempos para a religiosidade do penitencialismo é suas adjetivações, seus usos, desusos, apegos e desapegos passado é apego às tradições, pois o futuro é a descrença na humanidade e o presente é começo do fim.

Assim, o tempo não é apenas uma categoria de operação entre homem e a História, assim como propôs nosso mister historiador: “Marc Bloc”, pois no caso dessa dissertação a ideia de tempo foge a cronologia e recortes petrificados. Aqui o historiador elabora um tempo

próprio da escrita que mais se aproxima da cosmogonia dos penitentes, ou seja, da imagética de ponte com a missão desses homens com o divino.

A categoria do hoje, do tempo do padre Cícero e do fim do mundo são criações elaboradas no tempo presente pelo penitencialismo e o historiador como um malabarista de temporalidades sabe tecer uma escrita que esclarece a seu leitor esses meandros e interfaces.

Campos (2008, p. 166), elabora bem esses compassos com futuro na visão dos penitentes:

Mestre José me disse que o final dos tempos (o tempo do Pai e do Filho) vai chegar. O Apocalipse irá acontecer no lugar onde tudo começou: no Juazeiro do Norte. O tempo (tempo físico) terminará em colapso com o espaço, surgindo então a eternidade, onde a visão profana que separa tempo e espaço não faz sentido. A total e glorificada destruição acontecerá na “cidade quadrada”, chamada Juazeiro do Norte, a terra da Mãe de Deus.

Campos (2008, p. 166), relata como o mestre penitente visualiza o fim de Juazeiro do Norte e sua ideia de tempo físico é mostrado como uma identidade de união em torno da sacralidade dessa urbe, pois a cidade está na mística do mestre penitente a origem e o fim do mundo. O tempo do fim é um anagrama do fim específico da cosmogonia de Juazeiro, assim como o fim do mundo para a Ordem da Santa Cruz é o fim da comunidade rural.

Dessa forma, sempre usando essa diacronia do tempo sem andar em caminhos e abismos do anacronismo. O tempo presente funciona como uma relação com o tempo do agora com um tempo de curta duração, de décadas atrás e essa mistura serve como cimento na compreensão do fenômeno do penitencialismo nessas primeiras décadas do novo milênio e do século XXI. Outra questão, em torno do tempo, é a noção de medo, castigo e ira divina.

Dessa maneira, Oliveira Filho (2013, p. 6) diz que:

Fica evidente então, a força com que a ideia de castigo divino chega ao imaginário desse grupo de pessoas. Apesar de muito forte no imaginário da cristandade católica, o temor a ira divina desenvolve-se com mais eficácia nesse grupo; acreditamos que muito desse reforço aos castigos de Deus deva-se tanto aos discursos do Padre Cícero, santo de principal devoção para o grupo, tanto como pela assimilação das teorias inclusas na “Missão Abreviada”, o livro que o penitente tremia freneticamente como um escudo, citado anteriormente.

É muito importante essa idealização e captação da cosmogonia dos penitentes, pois de fato essa é a sensação que eles nutrem em torno na figura divina, ou seja, do medo dos pecados do destino da humanidade e um imaginário de purgatório, de inferno e de apocalipse.

São esses signos ou dogmas que desenham um futuro perdido e por isso que suas práticas são justas no tempo presente porque representam uma vontade divina e uma

subordinação às vontades de Deus. O tempo do medo não é certamente o tempo deles, mas chegará a terra e o papel dos penitentes do tempo presente e é pelo corpo, pelo sangue e pela oração que irão acalmar a ira divina. Eles são donos dessa missão. Todavia, não fazemos história da previsão ou do futuro, mas não podemos negar a preocupação de uma cultura com uma ideia de futuro e como sua performance está presente na carne e no sangue desses penitentes.

O tempo se faz presente nas imagens não como algo alegórico e subjetivo, mas perceptível, pois basta entender esses rituais como práticas que ocorrem sempre nas madrugadas e vestido de uma mística local. O tempo das madrugadas é signo do misterioso. O futuro é a força motriz dos penitentes, assim como o tempo passado é regrado das tradições, das memórias, das oralidades, pois o cronos do futuro movimenta os penitentes por causa de certa melancolia e tristeza direcionada sobre um fim do mundo, senão dos humanos.

3.8 O TEMPO DO PE. IBIAPINA E DO PE. CÍCERO

Assim, como o trecho da fonte jornalística acima relata a figura relevante do Pe. Ibiapina como agente essencial na construção e disseminação do penitencialismo nos sertões nordestino há um tempo próprio em torno dessa figura. Sobre essa pedra fundamental muitos historiadores frisam seu papel de líder religioso e fervoroso e com uma visão de uma igreja católica mais ortodoxa. Signos que marcam até hoje o penitencialismo.

Para Oliveira (2012, p. 10) há uma rede de personagens que preenchem essas lacunas nas mnemônicas dos penitentes, pois:

Nessa rede de construções mnemônicas, o mesmo sujeito tem a memória disputada por grupos discordantes e sujeitos com atuações convergentes em alguns pontos não ocupam os mesmos lugares nas memórias dos narradores/construtores. E, ainda, alguns aspectos dos “heróis” precisam ser esquecidos ou não-ditos para que sua memória possa servir como instrumento de legitimação dos projetos em fase de elaboração.

Entre esses “heróis” que transitam nas histórias, narrativas dos penitentes, textos jornalísticos e referências de cunho acadêmico encontra-se facilmente o nome do Padre Ibiapina, a exemplo, das pesquisas de Oliveira (2012, p. 10) com grupo de penitentes de Barbalha ao qual frisam que a persona é um fundador dessa religiosidade.

Ibiapina é uma figura tão sacra quando mnemônica. Esse sacerdote adentrou no imaginário dos penitentes de forma intrigante ao quais são grupos heterogêneos, distantes e com práticas diferentes como os penitentes de Barbalha, Juazeiro do Norte ou de Aurora, pois

todos elaboram a imponência das pregações do Pe. Ibiapina na construção de suas práticas.

Novamente, ressaltando as especificidades, por exemplo, as vestimentas e rituais dos penitentes de aurorenses estão ligados mais a figura do São Francisco e na cosmogonia deles foi este santo como a primazia de seus atos. Mesmo assim é nítido como interseccionalidade em torno dos penitentes na figura mística do sacerdote Ibiapina.

Por isso que Castro (2003, p. 11), menciona o papel de Ibiapina nos sertões:

A atuação missionária de Ibiapina nos sertões da Província do Ceará, que se estendeu até 1880, concentrou-se em Sobral, Santana do Acaraú e, extremo oposto, na região do Cariri. Apesar da distância entre as áreas que receberam Ibiapina como missionário, ambas se destacavam como os maiores centros de desenvolvimento econômico na Província.

Muito interessante como o sacerdote tinha toda uma rede de deslocamento e de fato esteve em muitas regiões que atualmente são ricas em catolicismo popular como os penitentes e como suas palavras ecoam ao longo do tempo e justificam essas práticas até no tempo presente.

Pe. Ibiapina tornou-se uma figura tão relevante no campo do penitencialismo e nos mais variados estudos sobre penitentes este personagem foi recorrente nas minhas leituras bases para essa dissertação e da mesma forma como Pe. Cícero. São figuras constantes entre penitentes. Ambos em sentidos diferentes, mas importantes em suas searas, pois estes padres fundadores ou pregadores dessas práticas edificaram suas missões em imaginário popular e crenças.

O padre Ibiapina foi uma figura relevante de fato porque foi próximo aos sertanejos no seu contexto e ofereceu meandros de salvação de acordo com uma cosmogonia desses homens e teceu seus sermões ou missões. E sobre esses encontros entre sacerdote e o povo, Ribeiro (2003, p. 11) diz:

Em curto espaço de tempo, o nome de Ibiapina começa a correr o sertão, quando então o missionário passa a ser convidado pelos grandes proprietários do interior da província a estabelecer missão. Interessava ter por perto um sacerdote com razoável capacidade oratória, que costumava levar os fiéis às lágrimas quando defendia obstinadamente a ordem social. Esse interesse se torna mais compreensível quando se sabe que todo o discurso do sacerdote priorizava o trabalho como veículo para a sedimentação deste ideal de sociedade.

Conforme a citação de Ribeiro (2003, p. 11), os discursos de Ibiapina eram uma oratória sedutora, fascinante e repleta de nuances social. No entanto, foi realce que este pesquisador lança sobre associação entre “salvação e trabalho” que mais conversou com essa dissertação, pois como um historiador etnográfico sempre sentia que a sensação que os

penitentes enxergam Deus como um patrão. Sempre ouvia nas preces, ladainhas e alertais a expressão “cumprir os mandatos de Deus”.

Por meio, dessa assertiva da historiadora foi possível compreender a imponência do Ibiapina que seduzia a todos com suas falas e conversavam diretamente com os agricultores, e principalmente com os homens uma vez que o Padre priorizava o discurso do trabalho.

Entende-se como a figura desse sacerdote é mais uma bula de negociação com o tempo. Pois a o tempo do Padre Ibiapina, um tempo próprio desse homem, sem datas, mas com certezas que foi este sacerdote um pilar do penitencialismo.

Outra figura imponente na religiosidade como um todo no Cariri cearense, o padre Cícero, é uma personalidade da religiosidade que fundiu sua imagem, vida, missões e pregações ao imaginário popular e a própria cidade de Juazeiro do Norte. Dessa maneira, seja na casa do decurião ou nos comércios, praças ou cordéis sempre tem a presença do “padim Ciço” na região do Cariri e em especificamente na cidade Aurora, pois encontra-se o padre em muitos espaços e nas crenças como penitentes, rezadeiras etc. Não seria também incomum ver este sacerdote no rol de pessoas responsáveis, precursoras ou como fundadores do penitencialismo.

O sacerdote é uma figura tão sagrada na religiosidade local que seu nome por si só justifica muitas práticas. O Cícero é usado como justificativa como símbolo, como pilar da cosmogonia da religiosidade e como um espelho de santidade.

E Juazeiro do Norte-Ce como um centro de uma fé, viva e presente, ao quais os penitentes da região como um todo se encontram entre romeiros, turistas, rezadores etc. A Ordem da Santa Cruz reza em praças que têm a imagem do padre e no município possuem duas³⁰ ou mais localidades com estátuas do sacerdote. Dessa maneira, a figura do Padre Cícero adentra nas casas, nos altares, nas crenças e no tempo.

O tempo do Padre Cícero é o mesmo tempo dado ao Pe. Ibiapina, pois ambos são pilares do penitencialismo local e regional, ou seja, do resgate das origens. Destarte, a mídia também usa demasiado essas entidades da religiosidade como ponto de explicações sobre a religiosidade ou pelo menos como a manutenção de signos no tempo presente. Perceba-se como a reportagem do “Diário do Nordeste” expõe a figura do padre Ibiapina como o precursor dessa religiosidade, senão, patriarca. E mesmo assim recaem no erro de apenas ou com intuição de indicar um passado medieval aos penitentes. Ademais sobre Pe. Cícero e o

³⁰Mesmo sendo uma irmandade de zona rural e com suas identidades resguardadas, estes penitentes aurorenses vão costumeiramente em outros espaços rurais e urbanos. Salienta-se a praça do padre Cícero na vila Tipi e a praça do padre Cícero no bairro Araçá, em Aurora CE.

penitencialismo:

À medida que me aproximava mais do cotidiano dos P.P.P. percebi a forte relação dessas pessoas com uma cultura escrita. A maioria dos ritos públicos que presenciei foram conduzidos através de um conjunto de livros que funcionavam como um manual não apenas para as celebrações mas também para a vida cotidiana. A maioria desses livros havia pertencido a Mestre José e foram adquiridos no seu esforço de tentar reconstruir o passado primoroso vivido “nos tempos do padre Cícero” (Oliveira Filho, 2017, p. 3).

Os P.P.P.³¹ são os penitentes públicos de Juazeiro do Norte, ou seja, de exposição cotidiano suas identidades como penitentes bem diferente dos penitentes da Ordem da Santa Cruz que baseia-se nesse texto. Os aurorenses são homens que escondem suas identidades como penitentes da comunidade, apenas o líder funciona nesse elo ou ponte com o público, mas a idealização entre tradicionalidade e santidade faz-se na imagem do Padre Cícero também.

Observa-se entre os elementos dessa citação acima: a importância de livros ou manuais para estes penitentes, infelizmente os penitentes aurorenses não tem essa tradição, pois são muitos reservados e usam uma liturgia passada de forma oral e também nota-se o uso do termo “nos tempos do Padre Cícero”.

Ademais, esses manuais adiante terão uma discussão mais profunda sobre estes textos, pois o importante neste momento é a análise do termo “tempos”. O tempo do Padre Cícero para este grupo de penitentes é aquele que eles têm de guardar, salvar, reviver, memorizar e preservar. É um tempo glorificado digno do seu simulacro. O Padre Cícero é a interface desse passado de origens, de disseminação, de uma vida religiosa fervorosa etc.

Campo (2008, p. 146), também salienta que:

[...] o processo de enraizamento da tradição religiosa da penitência no Juazeiro do Norte, Ceará – um dos maiores centros de peregrinação do Brasil. A penitência foi trazida para o Juazeiro pelos primeiros missionários, tendo sido parte da visão de mundo de muitos dos líderes religiosos que viveram e andaram pelo sertão (por exemplo: Padre Ibiapina, Antônio Conselheiro, Padre Cícero, Beato Zé Lourenço e outros).

Este historiador é mais assertivo ao expor um rol de personalidades históricas que contribuíram para a criação ou perpetuação das práticas de penitencialismo, pois ele atenta que o fenômeno dessa religiosidade tem híbridas, plurais e constantes origens ou bases de fundações e cada um dessas entidades é um tijolo a mais ou um barro a mais nessa casa de

³¹Oliveira Filho, usa essa sigla para designar: Penitentes peregrinos públicos. São penitentes que circulam em público em Juazeiro do Norte. Por exemplo, a ordem da santa cruz não é uma irmandade pública, pois seus rituais são escondidos nas madrugadas e lugares ermos.

taipa. E assim, do Antônio Conselheiro aos beatos, perpassando, por Padre Cícero e Padre Ibiapina, todos contribuíram, ou senão, são postos como precursores dessas práticas e fundamentam até hoje esses signos.

[...] E sobre padre Cícero ele frisa em outro momento que: Padre Cícero deu continuidade ao trabalho de Ibiapina, todavia à sua maneira. A continuidade da tradição, evitando a perseguição da Igreja, exigia mudanças. Apesar das beatas de Padre Cícero fazerem o voto de castidade, elas não viviam enclausuradas, ou sob o mesmo teto, afastadas de suas famílias. Ao contrário, viviam em suas próprias casas, algumas trabalhavam para sua sobrevivência, outras recebiam ajuda financeira de Padre Cícero [...] (Campos, 2008, p. 146).

Na cosmogonia dos penitentes a imagem de Padre Cícero funciona como uma manutenção, continuidade e fervoroso signo de tradição. O sacerdote funciona como um espelho, um exemplo, aos beatos, beatas e penitentes.

Neste caso, Padre Cícero funciona na cosmovisão como um símbolo de resistência, de pregação e de manutenção dessas práticas antigas. E assim que tempo e pessoa do Padre se fundem e o tempo do Padre Cícero é o tempo de um passado não denegrido, pelo contrário, é o tempo da salvação e a modernidade é o tempo dos fins, da besta fera e do apocalipse.

3.9 AS INTENCIONALIDADES DO USO DO TEMPO E O TEMPO ESCRITO: OS MANUAIS DOS PENITENTES

Retornando ao trecho que inicia esse capítulo é justo apontar que o uso da categoria de um “tempo medieval” é um recurso fácil, de apelo e um vocativo, mesmo que a própria reportagem no mesmo parágrafo atente a explicar o solo fértil do Cariri Cearense para o surgimento dessas crenças no século XIX e XX.

Mesmo assim o título da reportagem também, infelizmente, denota erros anacrônicos e intencionais ao associar um grupo do tempo presente a práticas antigas do medieval. Junta-se, portanto, uma imagem ultrapassada na historiografia do medieval com um ideal preconceituoso de fanatismo religioso, mesmo que esse fanatismo fique entre os não ditos do dito texto.

Essa análise exergética é importante para buscar na genealogia das palavras e dos discursos uma discussão que leve ao debate sobre tempo e cultura dos penitentes e porque também é na interpretação e na intenção da fonte jornalística que se constroem as narrativas e seus contornos, pois uma pessoa comum pode apenas pelo título associar ou acrescentar suas tonalidades aos termos que ligam diretamente o penitencialismo ao medieval.

O título do “Diário do Nordeste”: “Penitentes têm atos medievais” é um colóquio entre inúmeras outras iniciativas midiáticas de abordagem dos penitentes e sempre erram nas suas tonalidades de explicação sobre essa religiosidade. Essa reportagem foi produzida sobre uma análise de um grupo de penitentes de Barbalha na região do Cariri. Porém é comum ter muitos textos jornalísticos, de historiografia e demais pesquisadores que ainda caem nos erros anacrônicos, preconceituosos e históricos.

A própria historiografia aurorense ainda infelizmente pequena sobre os penitentes, exclusivamente sobre a Ordem da Santa Cruz, coloca os penitentes não como meandros da cultura local, mas como um apêndice de um rol de crenças populares e uma espécie de folclore. Talvez, isso ocorra porque a historiografia local ainda é refém de historiadores, sem cursos de história ou de historiadores amadores que usam as técnicas da historiografia metódica.

A noção e as leituras sobre a interface entre história e antropologia e os ganhos da história cultural servem neste caso na construção de um texto que busca a todo custo respeito a seu Geraldo, decurião e a sua confiança nesse pesquisador. Estes penitentes estão cansados de ser palcos dessas produções que prejudicam ou apenas usam estes como espelhos de anseios que não condiz com a cosmovisão dos próprios penitentes.

Outra peculiaridade midiática é sempre ampliar o penitencialismo e selecionar grupos da região mais central do Cariri, ou seja, o Crajubar. Pouco se fez em reportagens, registros e filmagens de penitentes de Aurora, Lavras da Mangabeira, Cedro etc. De fato, assim como acontece com a Ordem da Santa Cruz, essas cidades pequenas são esquecidas ou menosprezadas na mídia que por muitas vezes são relicários de reportagens ou jornalistas da capital.

Enfim, mesmo os penitentes de Barbalha quando são vistos e descritos sofrem com essas representações midiáticas. Percebe-se nas palavras Munhoz e Rossetti (2014, p. 4), de como foi prejudicial uma reportagem de uma TV:

Os dois grupos restantes da cidade de Barbalha, o Sítio Lagoa, liderado pelo Olímpio, e o Sítio Cabeceiras, hoje liderado pelo Chico Severo, são apresentados como o grupo dos penitentes de Barbalha no ano de 2007, na reportagem do programa SBT Repórter, episódio denominado como “Os prazeres da carne”. São demonstrados no programa, nas partes 1/4 e 2/4, os dois grupos desta cidade, discutidos neste trabalho. Para se fazer uma interpretação do filme, a reportagem do SBT participou no dia da apresentação dos penitentes na Semana Santa, na cidade de Barbalha. Dessa forma, acompanharam os penitentes em grupos, demonstrando seus hinos, sua forma de andar, o ritual e uma conversa com o líder de cada grupo na sua casa.

Esses pesquisadores têm um texto ao qual saiu esse trecho como uma dissecação de

uma experiência trágica de uma exposição sem cuidado dos penitentes como diz o título da filmagem “Os prazeres da carne”. Destarte, cabe aos meus pares tecerem críticas a essa abordagem e como está poderia a luz do respeito e de uma experiência que fosse mais etnográfica poderia melhor explicar e expor as práticas dos penitentes na tv.

A reportagem não se atenta a riqueza das irmandades e não em uma visualização ampliada do penitencialismo. E mesmo assim com a intenção de uma produção de um texto mais cuidadoso e rico em discussões ou mesmo aprofundado e produzido por um pesquisador que entende de etnografia há erros ou deslizes não intencionais.

Veja o caso relatado nesse trecho abaixo:

[...] uma noção complexa de tempo – pedra de toque também em documentaristas como Pablo García, Mercedes Alvarez, Kanerva Cedeström – deveria nortear o duplo propósito geral do documentário etnográfico contemporâneo, ou seja, de, por um lado, metalinguisticamente investigar os procedimentos de registro etnográfico de manifestações de natureza tradicional e imaterial e, por outro, evidenciar a natureza pluriforme das práticas culturais, como o que se pretende fazer com os penitentes de Aurora, município com aproximadamente 26 mil habitantes, localizado no sertão do Cariri, região sul do Estado do Ceará (Oliveira Junior, 2016. p. 4).

Oliveira Junior (2016, p. 4), tem uma iniciativa e possui bases epistemológicas, empíricas, teóricas e metodológicas para produzir filmagens que de fato sejam uma experiência de caráter etnográfico e a todo o momento em seu texto se nota essa preocupação, mas o meu par cai no erro da montagem de suas filmagens o uso exacerbado de equipamentos eletrônicos que certamente deve ter assustado ou mudado complementarmente as performances dos penitentes frente as lentes das câmaras.

De acordo com suas próprias palavras, foram usados: “Câmeras, cabos, luzes, microfones, rebatedores, grua, dolly, steadycam, técnicos... Nenhum elemento estranho à vida cotidiana dos entrevistados deve ser velado (Oliveira Junior, 2016. p. 393). Essa descrição contribui para entender como esta pesquisa foi invasiva e prejudicial na imersão, no respeito e na compreensão daquela cultura como ente que não merecia uma espetacularização, tão costureira no passado.

Mas o pesquisador, para além dessas críticas demonstra interesse em mudar de rotas comuns como estudos de penitentes de Juazeiro do Norte e Barbalha e vão até a zona rural de Aurora, seus estudos recaem em outro grupo e não a Ordem da Santa cruz, porém sua escrita é assertiva na construção de uma abordagem etnográfica diferentemente das abordagens das mídias que usam o penitencialismo como arcabouço de atrasos, de práticas antigas ou de um rol de adjetivos em desuso como fanatismos e carregam nas tintas na exibição dessa

religiosidade e demais crenças do catolicismo popular.

Essa construção dos penitentes via historiografia ou mídia tem também suas rupturas, alguns tentam de fato buscar novas abordagens, o uso da etnografia, de um estudo mais aprofundado e também uma historiografia crescendo em torno de novos pesquisadores, profissionais, textos jornalísticos, documentaristas etc. Portanto o tempo midiático é sempre da intencionalidade.

Em outra seara, encontra-se o tempo dos manuais, pois alguns grupos de penitentes usam manuais antigos, diários, cânticos, preceitos religiosos e textos bíblicos específicos como pilares orientadores, todavia, a Ordem da Santa Cruz possui seu leque de religiosidade e práticas provindo de uma tradição oral. Destarte, esses textos são importantes para entender o campo epistemológico, teológico e religioso que fundaram e fundamentam o penitencialismo até no tempo presente. Entre esses textos os historiadores salientam o tripé: Bíblia Sagrada, A missão abreviada e a Machadinha de Noé:

Para Oliveira Filho (2012, p. 1), esses três textos referentes são importantes, pois:

São três olhares contemporâneos que dialogam criticamente com textos religiosos (Bíblia Sagrada, A Missão Abreviada, A Machadinha de Noé), com fontes hemerográficas (por exemplo, O Araripe de João Brígido), da literatura (Os Sertões de Euclides da Cunha serve de referência para discussões), com leis de patrimônio cultural e com a produção cinematográfica recente sobre o Cariri cearense e seus penitentes.

São obras que segundo as próprias palavras do pesquisador denotam e vislumbram olhares contemporâneos ao fenômeno dos penitentes. E mesmo que este texto não adentre em um mergulho necessário sobre essas sagradas escrituras, porém tem como base compreender como o tempo é apresentado para penitentes que utilizam esses livros sagrados.

Outrossim, fiquei “intrigado” com o relato do pesquisador ao mencionar o livro clássico da literatura brasileira, “Os sertões” de Euclides da Cunha (2003), como um referencial para os penitentes. Todavia, os grupos aurorenses e os demais que na região não são presos ou devotos a figura do Antônio Conselheiro, personagem importante no livro e na história nordestina, apesar deste está inerente e consoante com a religiosidade do catolicismo dito popular. A Ordem da Santa Cruz busca em “São Francisco” uma figura fundadora e próxima dos penitentes.

O tempo bíblico é sempre o tempo de Cristo, do começo do mundo ou do fim do mundo. Ele representa o campo da simbologia do que foi e do que virá. Os penitentes sempre direcionam suas práticas a uma orientação bíblica não canônica e justificam suas práticas ou reflexos desta perante as escrituras.

A própria experiência da autoflagelação é uma releitura deles sobre o papel purificador do sacrifício judaico do carneiro. O sangue lava o tempo, a carne e os pecados, a exemplo, do sacrifício de Cristo, no entanto, cabe às dores do flagelo remeter esse rito do real cordeiro nessa crença. Isso tudo ainda atrelado à concepção de um futuro apocalíptico. Dessa forma, a bíblia é um elemento de fortificação, espelho e apego ao cristianismo.

Oliveira Júnior (2013, p. 6), menciona a função e origem do livro “A missão abreviada”:

O livro supracitado foi escrito em 1859 pelo padre Manoel Gonçalves Couto, e usado com muita frequência pelos missionários jesuítas e capuchinhos que vieram para o nordeste com ânsias à catequização. Muito do aparato ideológico das comunidades religiosas não oficiais, que surgiram no nordeste, está ligado diretamente a Missão Abreviada, um livro que tinha o propósito de “despertar os descuidados, converter os pecadores e sustentar o fructo das missões”.

Um livro de finalidade de catequese e propagação da missão da evangelização da igreja Católica que aponta os pecadores e seus descuidos religiosos seja tão antigo, e ainda assim, atravessar o “ethos” e chegar até o tempo presente como um manual de observação, leitura e interpretações de grupos penitentes. Esse fato só fortalece a concepção que os penitentes em sua pluralidade cultural possuem ganhos e raízes distintas e frutos idem.

O terceiro livro é uma relíquia ligada diretamente à figura do Padre Cícero e seus deixados. O “machadinho de Noé” é muito importante para os penitentes juazeirenses, pois:

Para os penitentes, o Padre Cícero age como uma espécie de profeta e que seus ensinamentos devem ser seguidos sem contestação. O principal documento deixado pelo Padre Cícero que os penitentes seguem é a “Machadinha de Noé”; uma carta que avisa aos seus “filhinhos” sobre a iminência do fim dos tempos, e a constante vigilância que deve ser colocada em prática (Oliveira Junior, 2013, p. 7).

Percebe-se como o tempo é um artifício de concentração da fé dos penitentes, pois o tempo é a representação daquilo que do desconhecido é uma ferramenta de salvação. Não é à toa que o Padre Cícero, autor atribuído a esse escrito, traz em seu cerne a vigia do tempo, como um manual de comportamento para sobreviver aos tempos apocalípticos. Os penitentes buscam com tempo ressignificar e significar suas práticas.

Os grupos de penitentes aurorenses não possuem esses livros canônicos próprios, mas possuem uma tradição-oral que além do conhecimento dessas obras, eles compreendem a teologia, de catolicismo, de benditos, de rituais católicos, de santidades canônicas e não canônicas como os mártires locais e tem a sua leitura de cosmogonia e tempo a sua maneira.

Alguns possuem diários como é o caso dos penitentes do Sítio Espinheiro com benditos e orientações. Porém a Ordem da Santa Cruz possui em seu favor a memória de

homens que nem precisam ler esses escritos para compreender a dimensionalidade do tempo, de suas práticas e performances.

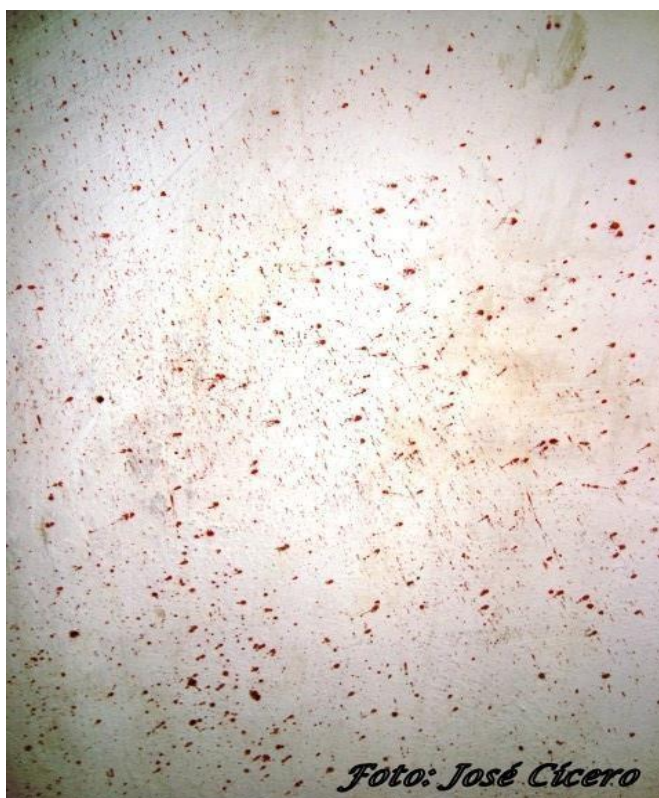
4 A COSMOGONIA, OS SÍMBOLOS E AS PERFORMANCES DOS PENITENTES

“Acaso não sabem que o corpo de vocês é santuário do Espírito Santo que habita em vocês, que lhes foi dado por Deus, e que vocês não são de vocês mesmos? Vocês foram comprados por alto preço. Portanto, glorifiquem a Deus com o seu próprio corpo”. 1 Coríntios 6:19-20.

4.1 PERFORMANCE E RELIGIOSIDADE: A TEATRALIZAÇÃO DA FÉ DOS PENITENTES

As duas fontes históricas a seguir conversam entre si no campo das simbologias e também interagem na subjetividade e no limiar entre “não ditos e ditos” do texto jornalístico e no texto visual. Dessa forma, o âmbito sagrado do ritual da autoflagelação está na parede, no texto, na alma e na performance do corpo. Entre a parede da casa de taipa e sua leitura sobre autoflagelação e a descrição do texto jornalístico existem signos históricos que concomitantemente conversam sobre o mesmo ritual de maneiras simulacras.

Figura 8 - Sangue dos penitentes numa parede, após ritual de autoflagelação.



Fonte: registro de José Cícero. Disponível em: <https://blogdaaurorajc.blogspot.com/2013/03/penitentes-de-aurora-realizar-o.html> acesso: 23/02/23.

“Aurora. De todos os rituais mantidos pelos irmãos da Ordem da Santa Cruz, um em particular chama a atenção, especialmente pelo excesso de realidade que encerra: a autoflagelação do corpo como um mergulho no fundo da alma — uma atitude pela qual a irmandade dos penitentes acredita poder redimir-se de toda e qualquer forma de pecado. Acreditam estar aplacando a própria ira de Deus³² [...]”.

Essa reportagem tem um cuidado muito notável na explicação da autoflagelação e da Ordem da Santa Cruz, pois utiliza signos de sacralidades como alma, elevação espiritual e não busca na superficialidade expor corpos e sangues, tão pouco colorir o ritual como algo medievalesco. As palavras do jornalista e a imagem dizem muito sobre o enfoque e contornos simbólicos da autoflagelação dos penitentes.

Tais fontes denotam o cuidado do pesquisador em visualizar aquilo que não entraria facilmente no leque de fotografias etnográficas e tão pouco esmero do historiador poético com as explicações deste ritual que envolve corpo, alma e vida. Ambas as fontes históricas têm olhares apurados perante este ritual dos penitentes aurorenses. Certamente, intrigam-se como as fontes se comportam, conduzem e tecer discussões distintas, a primeira reportagem³³ busca na ideia do tempo a explicação dos penitentes e a segunda reportagem³⁴ percorre um caminho mais complexo e pelo simbolismo. E por meio e munido com essa imagem, entre outras a seguir, é costurada algumas reflexões por concepções teóricas com performances, corpos, imagens e conceitos epistemológicos em busca da cosmogonia desse ritual.

Antes de tudo, ou seja, do mergulho nos conceitos e nas fontes para essa discussão é necessário uma análise sobre o tripé: performance, religiosidade e historicidade do penitencialismo de Aurora CE. Destarte, os caminhos epistemológicos dessa análise são as vias da história, da teatralização do sagrado e do conceito de performance.

Dessa forma, no âmbito da religiosidade dos penitentes é importante uso de conceitos como catolicismo e penitencialismo e para essa explanação é necessário entender a esteira de produções e estudos dos seguintes historiadores dessa seara. Todavia, esta análise busca entender os meandros de simbolismos, histórias e representações dos penitentes perante sua fé, corpos e experiências socioculturais e tem sua contribuição perante aos meus pares.

³²Trecho do jornal Diário do Nordeste, reportagem da redação de 07 de abril de 2007. “**Autoflagelação do corpo integral ritual**”. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/autoflagelacao-do-corpo-integra-ritual-1.602878>. Acesso: 22/02/23.

³³Trecho do jornal: Diário do Nordeste, reportagem da redação de 22 de março de 2008. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/penitentes-tem-atos-medievais-1.658794>. Acesso: 22/02/23.

³⁴Trecho do jornal: Diário do Nordeste, reportagem da redação de 07 de abril de 2007. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/autoflagelacao-do-corpo-integra-ritual-1.602878>. Acesso: 22/02/23.

Todavia, nessa labuta de análise do campo é mister o uso do apoio das discussões do historiador Chartier (2011) e seu conceito de representação, para além de uma citação do autor sobre o que considera “representação”, ou sobre autores que tecem explicações sobre o conceito, mas usá-lo como uma ferramenta agrícola, uma enxada para este historiador, pois instrumentalizar um conceito teórico é impor eles nas entrelinhas.

Diante dessas questões, o recorte do tempo presente é uma ferramenta necessária e imponente de acordo com as escolhas teóricas e metodológicas dessa pesquisa ao qual caminha pelo binômio: história e antropologia. Portanto, essa junção ajuda em dos entendimentos possíveis sobre essas práticas, performances, religiosidade e seus significados.

É difícil não focar e tecer uma discussão sobre a religiosidade aurorense em três dimensões específicas: fé, corpo e como constroem narrativas em torno de “religiosidade, ou seja, performances e identidades”. E os meandros entre essas três categorias analíticas são de suma importância na utilização e compreensão da cultura visual.

Antemão, conhecer o cenário dessas histórias e experiências religiosas é de relevância no entendimento da significação dessas práticas rituais e crenças. O município de Aurora está localizado na região sul do estado do Ceará ou “Cariri cearense”, possui assim como toda essa territorialidade uma áurea mística, mítica e de uma religiosidade efervescente. E como uma das cidades em torno e com a influência de Juazeiro do Norte e sua consonância com a figura do padre Cícero, outrossim, tem um acervo de religiosidades como rezadeiras, benzedeiras, penitentes e mártires.

A riqueza da imagem focada no sangue da parede é a complexidade ritualística, seu resultado é o sangue explanado na parede como um cordeiro sacrificado. É nesse palco ao qual a plateia funciona como atores do espetáculo que surgem muitas dimensões como campos de interseccionalidades, espaços de particularidades e de ressonâncias. Um teatro em que atores, plateia e palco são sujeitos do mesmo ato.

Portanto, para a costura dessa discussão utilizo como aporte de leituras sobre corpo, religiosidade e aporte da história cultural, além das análises de fontes históricas, como fotografias, orações e referencial bibliográfico. Destarte, o recorte temporal remonta ao coetâneo. Observa-se que o fato dos flagelos são significativos e são redutos de um palco divino, pois para os penitentes seus corpos são templos, senão, palcos.

A dor funciona como um elo de alcance do divino, um pedágio ou imitação da paixão de Cristo, resguardando as especificidades da religiosidade e dos corpos, os penitentes emulam a morte, ou pelo menos a dor, de Cristo e se aproximam de Deus, por meio dessa performance, como uma ponte construída com intencionalidades, a exemplo, do perdão.

4.2 OS CORPOS E AS DORES: UMA TEATRALIDADE CARNAL E ESPIRITUAL

A religiosidade aurorense, aliás, de todo Cariri sempre de uma forma contínua busca na dor, sofrimento, penitência e martírio como uma elevação espiritual. E isso não é exclusivo dos penitentes. Essa relação é vista e bastante estudada nos fenômenos das mártires locais.

Ademais, sobre essa relação do feminino e a religiosidade no Cariri, dizem que:

Estudos sobre Feminino e Santidade têm conquistado a atenção de estudiosos de várias áreas que têm se voltado a esse fenômeno na tentativa de compreender essa realidade e poder contribuir para os estudos de gênero. Sobre isso, podemos citar o trabalho de Álvaro Dellano Rios Morais (2008) que, na Sociologia, estudou o processo de “canonização espontânea” de Mártir Francisca em Aurora, na região do Cariri cearense; no campo da História, o trabalho de Cícero Joaquim dos Santos (2009), que enveredou pelas tradições orais que permeiam a morte de Rufina, em Porteiras, também no Cariri - CE. (...) Edianne dos Santos Nobre (2014) estuda a experiência religiosa e mística do “corpo sofredor” a partir dos eventos ocorridos em Juazeiro do Norte (Cariri), envolvendo a Beata Maria de Araújo (Barreto, Holanda, 2019, p. 38).

Para esses pesquisadores essa região é repleta dessas experiências com sagrado e o feminino, pois há muitos exemplos alusivos ou parecidos como ao caso de Francisca³⁵ e inúmeras abordagens que debruçaram na compreensão desses fenômenos. A religiosidade em torno do feminino visto como um repertório de mártires. Percebe-se como signos simbólicos fortes em torno dos corpos femininos alusivos ao adjetivo de “sofridos” são aspectos comuns nessas pesquisas. O sagrado e os corpos dialogam nesses ritos, penitentes e mártires.

Todavia, a palavra “dor” entra no gênero masculino com outro significado, pois para os penitentes não há sofrimento, mas uma livre vontade de imitar o sacrifício divino feito por Cristo. Assim, na religiosidade a dor da mulher manifesta-se pelo infeliz ritual de martírio e penitentes pelo flagelo.

A dor purifica os pecados, senão livra-os na concepção dos penitentes. A dor, para as mártires, é signo de vida ceifada.

Dessa forma, corpo, vida, morte e religiosidade vão assumindo papéis nas crenças de acordo categorias como gênero. Todavia, será na oração que encontraremos essa simbologia em torno do tripé: corpo, dor e sacralidade. Nota-se trechos como este: “Pelos onze facadas que lhe fizeram tombar ao chão sem vida, valei-me Mártir Francisca”³⁶ (Quezado, 2001, p.

³⁵Uma mártir aurorense, também cultuada por penitentes, beatos, rezadeiras etc. A mártir Francisca entra na triste lista de moças que passam por uma canonização popular, ou seja, tornam santas para o povo depois de um assassinado cruel na década de 50 do século passado em Aurora, CE.

³⁶Trecho da oração da Mártir Francisca.

17). É notório como a prece rememora o sofrimento da vítima em pró de uma benção. Toda oração de mártir Francisca é a sua encenação de morte, devoção e vida.

Os penitentes tem em suas práticas religiosas necessidade do uso do corpo como ferramenta de penitência, de sacrifício, de submissão e diálogo com o divino. E sua relação com feminino possui um leque de especificidades tocante questões de religiosidade e gênero. Nas palavras de Santos (2012, p. 33): “(...) No tocante aos grupos de penitentes, podemos rememorar a própria incorporação de mulheres. Logo, desde seu surgimento no Nordeste, tradicionalmente apenas os homens tinham o poder e a aceitação para participar dos rituais”. Ou seja, é negada a atuação feminina entre-esses homens.

Os penitentes da Ordem da Santa Cruz reservam lugares do feminino ao patamar de santas e seus altares, não deixam ou não abrem espaços para a ideia de mulheres penitentes. Inclusive até mesmo a mártir Francisca adentra nesse posto de sacralidade apenas quando associam sua imagem, culto e persona as santas clássicas do catolicismo ou mesmo a virgem Maria, ou seja, o feminino deve ser casto, virgem, religiosa e exemplos de fé.

Por isso que as pesquisadoras Barreto e Holanda (2019, p. 41-42), frisam que:

As mulheres santificam-se por excelência na esfera privada enquanto aos homens a Santidade se eleva por seus feitos na esfera pública, uma relação clara das funções definidas socialmente para o gênero. O controle do corpo feminino é claramente uma bandeira hasteada pela literatura cristã e outros institutos formais erigidos com esse fim.

Nesses espaços sacros como nos altares, benditos e orações mulheres são permitidas, mas nos cultos, nos autoflagelos, nas rezas e na cosmogonia de irmandade, o feminino é visto como perigo, impuro e inapropriado.

Uma dialética do masculino frente ao feminino na religiosidade local percorre esses meandros de bifurcação: mulher do altar e mulher da vida real. Por isso, o grupo é composto por homens, entre outras características. E igualmente, ao fenômeno da mártir Francisca, os penitentes são grupos que estão organizados em ordens ou irmandades espalhados pela região do Cariri e sertão afora.

Da mesma forma que Cariri está repleto de mártires também é de penitentes. Até mesmo dentro do município de Aurora existem outros grupos de penitentes, rezadeiras, mártires etc. Essas discussões de gêneros na religiosidade precisam de um esmero e aprofundamento colossal, no entanto, no campo da performance o corpo feminino e o corpo masculino, na cosmogonia desses penitentes, possuem lugares fixados em meandros de paternalismo, machismos etc.

Todas essas práticas também dialogam com pressupostos que adentram na seara das questões de corpo e performance. Categoria masculina é essencial para eles uma vez que na sua cosmovisão o feminino é repleto de signos de pecados, impurezas e detentora de outra missão na terra.

Nessa complexa seara, aos homens penitentes cabe a missão do clamor e sacrifício divino, pois o corpo e o sangue funcionam como interfaces dessa fé manifestada no binômio: dor e elevação. O ritual acontece também em data muito significativa ao catolicismo, pois a noite da sexta-feira santa é um marco na crença do sacrifício divino que ocorreu nesse momento. A representação do Cristo como cordeiro, oferece o poderio ao corpo e seu sangue como simulacros da missão. Dessa maneira, estes homens buscam ter suas práticas revestidas de sentidos místicos e não solicitam o fim dos pecados deles, mas do mundo e isso carrega um peso de simbologia, de analogias e cosmovisão.

Destarte, em suma são homens que usam seus corpos, suores e sangues em uma labuta direcionada ao clamor pelo perdão dos pecados e bênçãos divinas. Na próxima imagem percebe-se que todos são homens e a parede de taipa juntamente com o pequeno oratório salvaguardam os únicos lugares para corpos femininos no altar como santas reverenciadas. É notório que os corpos dos penitentes são espaços de entrega ao divino, na perspectiva da religiosidade local.

Todavia, não está repousado todo debate apenas na dimensão dos “corpos”, pois há um exercício de expansão do debate em torno da categoria de teatralização perante o campo da religiosidade, da história cultural, da história local etc. A corporeidade desses sertanejos conduzem esses rituais. Observa-se a riqueza de santidades na imagem abaixo:

Figura 9 - Imagem de um altar na casa do Decurião.



Fonte: Acervo pessoal (Santos, 2018).

Nota-se que além do feminino na imagem de Nossa senhora, outra especificidade é necessária para análise é as vestimentas dos penitentes no altar e seus capuzes como resguardo de identidades e as vestes que são repletas de cruzeiros vermelhas de diferentes formatos. Eles estão em uma oração na “sexta-feira santa” que antecede o ritual de autoflagelação. Todo ritual é fabricado por uma série de preparações como rezas de terços, separação entre mulheres e homens etc.

Eles estão em purificação espiritual antes de adentrar na purificação carnal pelo sangue. Cada ritual dos penitentes simboliza as travessias para alcançar o divino, entre essas negociações estão as incansáveis súplicas de perdão, sangues, suores, missões, benditos e rezas de terços nas madrugadas. O ato é acompanhado com bonitos cânticos de suplício por perdão. É um ritual ímpar que entrega a uma fé que ultrapassa signos de outrora comum mencionados em pesquisas como: horror, espanto, bonito, belo etc. Esses adjetivos não conseguem representar a real dimensão desses atos envolvidos no feltro de santidade.

No entanto, como observa-se nas imagens a seguir, o corpo é usado como subterfúgio de imitação da paixão de Cristo. Muitos pesquisadores associam o flagelo na “sexta-feira santa” com apenas esse significado. Interpreto como um ritual como corpóreo de submissão e

de missão divina, ou seja, uma performance e a teatralização da paixão de Cristo.

Figura 10 - Imagem de um ritual da autoflagelação antes da pandemia.



Fonte: Acervo pessoal (Santos, 2018).

Essa imagem é relevante em perspectivas de análises, no entanto, focalizando no ritual como uma performance é intrigante perceber que pessoas com idades tão díspares creem nessas simbologias de uma prática tão antiga.

O tempo presente não é o tempo do medievalismo e nem eles sabem ou pensam que seus rituais lembram algo medieval, mas são atos performáticos para Deus, ensinados pelas entidades populares como padre Ibiapina e padre Cícero. A autoflagelação é a performance para tempo, para supraterrâneo e para a manutenção dessa cosmogonia.

Observa-se também que os senhores mais idosos costumam sangrar e o ritmo de autoflagelação não é o mesmo, pois a reiteração anualmente desse ritual possibilita nesses senhores resistência às lâminas e os mais jovens sangram-se rapidamente. Ademais, o fato estarem com rostos cobertos com os capuzes que impede visualizar os olhares de dores, ascensões ou performances. Entender como na atualidade essas práticas são (re)significadas e justificadas a partir dos diálogos com o meio social rural e como a escrita da história local apresentam esses sujeitos, outrossim, essa reflexão ajuda a identificar os simbolismos, representações e a religiosidade desses homens agricultores crentes que são donos de uma missão atemporal. São ritos que percorrem corpos e lugares de performances.

Essa dor não é bela, fascinante ou exótica, mas intrigante e representa uma longa história de permanências. São representações de virtudes para o sagrado e a manutenção de

coisas que fogem a noção de tempo e dessa terra. No próximo registro visualiza como a manta torna-se uma espécie de manto sagrado que cobre as feridas. Continuam mesmo após o ritual com capuzes.

No tempo presente tais práticas resistem e persistem encobertas de premissas de uma cosmovisão desenhada por um catolicismo que carrega em si um lugar desprestigiado nos cultos e ritos da Igreja católica oficial. No entanto, mesmo com esse distanciamento todos os penitentes da Ordem da Santa Cruz vivenciam sua religião e religiosidade de acordo com as suas convicções e elaboram pontes entre a igreja e suas práticas. A intuição deles é reservar o penitencialismo longe dos olhares curiosos e da ortodoxia da igreja de agora.

Figura 11 - Registro após fim da autoflagelação.



Fonte: Acervo pessoal (Santos, 2018).

Nota-se também que populares após o ritual adentram a sala e fazem referência ao altar. O sangue vai sumindo como um mistério e um encantamento. E a dor não é vista nos semblantes dos senhores que já se retiraram da sala. Após o ritual da autoflagelação, o decurião e os penitentes mais idosos conversaram comigo e com outro pesquisador. Solicitou

respeito com que acabamos de presenciar e falam das origens desses atos como uma esteira de precursores e um mandato divino.

A dor, o corpo e o sangue constitui-se a tríade da ritualística da autoflagelação juntamente com a cosmogonia, simbolismos e performances. Esses encontros constroem o penitencilismo, as identidades e a cultura em torno dessas práticas. O sentido é edificado ou arado perante a significação e a crença nesses atos.

4.3 A SUBLIME DOR: A PERFORMANCE DA AUTOFLAGELAÇÃO

A imagem a seguir é uma grande força motriz, pois possui um ganho enorme ao demonstrar a autoflagelação por outro olhar via cultura visual, etnografia e história Cultural. Nota-se a disposição e as idades diferentes, quatros penitentes no ângulo da fotografia, outro cenário, os capuzes que escondem as feições e nota-se o vai e vem dos flagelos, o desenho das cruzes vermelhas nas vestimentas, cabeças cabisbaixas e corpos inclinados para frente.

Figura 12 - Registro de autoflagelação de um historiador local.



Fonte: Registro de José Cícero. Disponível em: <https://blogdaaurorajc.blogspot.com/2013/03/penitentes-de-aurora-realizar-o.html>. Acesso: 23/02/23.

O penitente no primeiro plano da fotografia possui em sua sangria o cumprimento de sua função mística, mágica e supraterrena. O sangue estará nas paredes também estará na sacralidade, nessa performance e na construção de um rico campo místico de experiência com

sagrado.

Destarte, sobre as ritualísticas, cada grupo penitencial possui suas particularidades, nem todos fazem autoflagelação como denota a imagem. A autoflagelação percorre vias de acesso ao divino em um processo de código com o sagrado, pois não há dores, se existem são suplantadas pelos mistérios de Deus. Na imagem percebe-se o flagelo, a carne, o sangue e a performance (aquilo que liga esses elementos).

Para Oliveira Filho (2013, p. 5), “Os rituais de penitência modificam-se no tempo, contexto e localidade. Alguns se flagelam com objetos cortantes enquanto cantam, outros carregam objetos pesados em longas caminhadas, dançam exaustivamente, privam-se de bens materiais e confortos “terrenos”. Conforme o que menciona o pesquisador há mudanças sociais, de contexto e temporais em torno desses grupos e suas práticas. Então não há um penitencialismo, e sim, penitencialismos num espectro múltiplo igualmente contornos próprios para outras ritualísticas de sangue e corpo.

Dessa maneira, os penitentes reproduzem visões outrora foi pregado catolicismo oficial e hoje cria um “catolicismo diferenciado” como prega a historiadora Carvalho (2007, p. 63), “O catolicismo diferenciado é a categoria que mais se destaca por apresentar um número significativo de adeptos e pelos rituais que estão inseridos nessa ordem” [...]. Esse termo foi usado no primeiro capítulo, como um guarda-chuva epistemológico, para explicar esse catolicismo que é tão comum nesta região não cessa e nem explica tais nuances.

Essa categoria de catolicismo diferente é outra abordagem que distancia da simples denominação catolicismo popular. Todavia, esses homens possuem um código próprio de ética (manter suas identidades resguardadas e não adotar vícios como bebidas entre outros), uma postura católica cristã e uma leitura da sua cosmogonia repleta de símbolos e representações em consonância com o catolicismo dito “popular”.

Todavia nas questões de corpos a categoria masculina é posta na religiosa com signos fortes e refém muitas vezes de uma visão errônea concebida como homens excêntricos, bizarros ou fanáticos, por exemplo, da autoflagelação. Tais adjetivos podem ser produtos ou subterfúgios dessas definições sobre esse catolicismo.

Concepções enraizadas devem ser arrancadas, pois esses homens que existem e persistem no coetâneo possui cultura, a religiosidade e suas identidades aliada a uma cosmogonia repleta de leituras do mundo terreno e supra-terreno, sobretudo, de uma identificação com uma missão sacra (penitência para livrar os pecados da humanidade/imitação da paixão). Portanto, há um catolicismo próprio, performático e plural.

Doravante, antes dessa dissertação não tinha contato com conceitos teóricos

relevantes na graduação como performance, mas após leituras e descobertas obtive acesso a esse conceito e consegui perceber, como estas “enxadas” epistemológicas, poderiam enriqueceram esta pesquisa e ampliar esta análise sobre tais práticas, pois funciona além de uma ferramenta teórica ou metodológica, mas como uma enxada que “limpa” bem o solo fértil e ajuda na manutenção da preocupação com as roças divinas e a colheita do pós-vida dos penitentes. Ou seja, são chaves de acesso que levam as imagens e demais fontes ao campo da aproximação e imersão.

O conceito de performance possui um leque enorme de teóricos, mas na visão de “turneriana” funciona como uma espécie de limite entre corpos e atos, senão, como limiares entre seus usos e não usos:

O conceito de performance em Victor Turner (1920-1983) resulta da convergência entre as pesquisas antropológicas do autor sobre os rituais - considerados capazes de suspender o fluxo da vida cotidiana e de desestabilizar relações pré determinadas pela estrutura social - e o seu interesse pelo teatro como fonte de conceitos e metáforas para entender a vida social. É buscando transpor o modelo de análise dos rituais em sociedades pré-industriais para sociedades em larga escala que Turner se volta para as performances culturais, que reencenam modelos tradicionais de representação e dão lugar a uma criatividade que desestabiliza esses mesmos modelos (Borges, 2019, p. 1).

O conceito apresentado por Borges (2019, p. 1), de “performance” de Turner tem uma grande conversação com esta pesquisa na busca da construção de uma visualização de uma série de práticas religiosas míticas e místicas entre elas a autoflagelação como um mecanismo de “performancidade”. Um limiar antropológico entre corpos, sujeitos, apresentação e história.

Dessa forma, o conceito de teatralização aqui utilizado não é aquele visto de forma superficial e nem correlato com um espetáculo ensaiado, dirigido e com papéis interpretados, uma vez que esses atores apesar do espetáculo divinizado do corte do corte e sangria da alma, não possuem a característica do ator que após a encenação volte ser si. O penitente não teatraliza no falsear dessa performance, ao contrário fazem uma teatralização de uma performance crente-e necessária.

A ontologia do penitente, sua identidade, seu ser social e religioso é um serpentear entre um penitente, um agricultor, um sujeito sociocultural e místico, ou mesmo uma hibridização desses elementos encaixados na mesma legião de soldados de Cristo.

E conseqüentemente ao fim do ritual da autoflagelação ou qualquer outra performance eles continuam sendo agricultores, senhores responsáveis pela missão de pedir perdão. A retirada da vestimenta não retira ontologias. Não existem identidades transitórias uma vez

que próprios penitentes vivenciam códigos internos além dos rituais como uma vida regrada, católica e longe de vícios visto como modernidades e negações de tradicionalidades.

Dessa maneira, o conceito de teatralização aqui utilizado não é aquele visto de forma superficial e nem correlato com um espetáculo ensaiado, dirigido e com papéis interpretados, uma vez que esses atores apesar do espetáculo divinizado do corte do corte e sangria da alma, não possuem a característica do ator que após a encenação volte ser si.

É necessária outra janela nesse texto e até tardiamente, pois peço desculpas aos moldes acadêmicos tradicionais e aos pares que buscam uma linguagem inalcançável de tão rebuscada e não se colocam como sujeitos de produção de conhecimentos e um grau de linguagem academicista. Ainda sou o menino que olhava os penitentes nas brechas das janelas com fascínio e medo nas madrugadas na casa dos meus avós do Sítio Tipi.

Posto isso, é interessante como os rituais dos penitentes e até mesmo suas vestimentas são alegorias de signos judaico-cristãos, só basta imaginar grau de purificação da imitação do sacrifício do cordeiro e o contentamento dos penitentes em realizar essa teatralização-ou memorização do tempo, dos ditos dos antepassados e de uma cosmogonia. Nota-se nas imagens essas concepções e o uso constante do corpo como uma categoria de purificador seja pelo sangue ou pela oração.

Outra denominação que sempre me inquietava era uma problematização do termo catolicismo que abarcasse o conceito de penitencialismo e não como um galho a mais da árvore católica. A igreja católica possuem muitas performances em suas ritualísticas e não é atoa que os penitentes também possuem suas leituras e suas formas de entender mais a performance de práticas relevantes na cosmogonia deles e de alguma forma conversam e não anulam as expertises, vivências e práticas perante as demais práticas católicas, como rezar terços, fazer renovações, rezar em doentes etc.

Todavia, essa-angústia de fato compreender como catolicismo foge da oficialidade veio com este trecho:

(...) Plástico e mutável, esse catolicismo vivido pelo conjunto dos fiéis tende a acompanhar de perto o desenho hierárquico da sociedade colonial, fruto de um processo de formação histórica transcorrido ao longo de seus primeiros séculos de existência. Adquire, assim, ao longo do tempo, um “sabor” local que o diferencia de seus pares em outras partes do mundo, graças ao tempero fornecido pela convivência de “irmãos em Cristo” divididos entre si de acordo com critérios econômicos, políticos, jurídicos, étnicos e culturais. Incorporando, em seu devir diário, as modalidades de distinção social mais valorizadas à época, não as respeita plenamente, contudo, dando ensejo a um sem número de sincretismos a aproximar, nos sentimentos e atitudes em face do sagrado, ricos e pobres, poderosos e desvalidos, homens livres e escravos, além de indivíduos identificados pelos mais variados tons de pele e formas de herança cultural (Chahon, 2014, p. 86).

Este pesquisador veio saciar essa fome de pesquisador, pois em suas colocações os “sabores” do catolicismo colonial é redesenhado e configurado desse lado do oceano Atlântico e mesmo com essas inegáveis raízes medievalistas europeias, as práticas penitentes aqui ganham contornos próprios, e já não são do mesmo modelos, outrora, praticado lá no velho mundo.

Por isso incomoda sempre resumos ou apenas por em manchetes dos jornais, textos acadêmicos anacronismos históricos os penitentes são delimitados e apresentados, pois não são medievais, uma vez que eles significam essas práticas no tempo presente e nem anacrônicos. Este ritual de autoflagelação não é um ritual “medieval” nem no sentido mais estereotipado de não-historiador pseudo-medievalista.

A “performance” é um conceito que atravessa corpos, imagens e simbologias e por isso tornou-se uma ferramenta de plantio desse texto. Todavia, não é um conceito teórico-metodológico comum no ramo da historiografia mesmo assim quando empregado e quando dialoga diretamente com a proposta do historiador é uma enxada bem afiada e capaz de escavar os mais distintos terrenos. Assim, como este conceito tem uma longa historicidade entre antropologia, artes cênicas e demais ciências sociais.

No Brasil este conceito ganha contornos próprios, historicidade, nuances, análises com os pesquisadores brasileiros e as interpretações. E sobre as possibilidades da proposta de Santos (2008, p. 10) diz:

A partir de agora, faremos um breve passeio pelo espaço labiríntico da performance no mundo e no Brasil até alguns de seus múltiplos desdobramentos contemporâneos. Citaremos seus representantes mais significativos, sem perder de vista que nosso estudo está centrado no universo das artes visuais com suas respectivas especificidades. Propomos uma análise da performance com ênfase na forma apresentada; na imagem em detrimento da palavra; na simultaneidade das ações em detrimento de uma estrutura linear; na presença do corpo em detrimento da expressão corporal estilizada, característica no teatro e na dança modernos; e, principalmente, na ênfase dada à apresentação a despeito da representação.

Dessa maneira, no contexto das pesquisas brasileiras, o conceito tem suas fortes consonâncias com corpos, representações, imagens e múltiplas abordagens. A riqueza do conectivo respalda-se na sua servidão como um conceito que espelha nessa pesquisa aquilo que estivesse intrínseco com gestual dos corpos, ritualísticas, simbólicas e teatralidades, destarte, entre leituras e conversas acadêmicas sou atravessado por esta ferramenta epistemológica que, aliás, contornou toda essa pesquisa e escrita.

Assim, concomitantemente, embutido de um estudo da irmandade de penitentes atentando às minúcias epistêmicas em torno de “vistos e não vistos” como: a riqueza da

fotografia das gotas de sangue na parede e os signos restritos às vestimentas como as cruzes vermelhas nas vestes brancas, os capuzes na cabeça que separa penitente dos olhares, da distribuição desses homens nos rituais em uma espécie de exército romano ao quais os senhores líder é o decurião e os demais centúrias, as riquezas dos detalhes dos altares, da cortina que separa as mulheres do ritual e das construções simbólicas do tempo etc.

Existem outras nuances imponentes perante essas observações como os penitentes comungam em contextos simples, longe de espetacularização ou teatralização de suas práticas, pois todas são sempre em lugares longínquos, casas com poucas pessoas, zonas afastadas, estradas de terras, madrugadas etc.

Todos esses detalhes são relevantes na compreensão de ritualísticas que atravessam tempos, corpos e cosmogonias. E fazem dessas fotos fortes repositores de simbologias e resguardo do mínimo possível diante de uma cultura enormemente viva e repleta de nuances epistemologicamente, mítica, histórica, antropológica etc. No entanto, é necessário delimitar também os contornos de cada epistemologia.

Nota-se na imagem abaixo a cortina ao qual simboliza a separação entre a sacralidade do ato da oração e o mundo, os perigos e principalmente os “perigos” nas mentalidades deles dos corpos femininos. A cortina na próxima imagem é uma separação simbólica entre pecado original, na visão desses penitentes personificado na mulher e na performance da missão de livramento desse fardo. A imagem em si demonstra como a questão de gênero necessita de mergulhos nessa religiosidade.

Figura 13 – Cortina que separa os penitentes das mulheres da casa.



Fonte: Acervo pessoal (Santos, 2018).

Apenas com um olhar atento e com um historiador que experimentar e não apenas “fotografar” ou torna-se um olhar distante e imparcial, mas com seu olhar e sua experiência desfoca as fotos, recorta as imagens e está atenta-se aquilo que não é primazia, como esta cortina ou as gotas de sangue nas paredes, mas que diz muitas coisas ligadas às memórias e participação do historiador, além dos pesos simbólicos.

Há não ditos em forma de gritos quando percebe-se estes elementos como a cortina, a separação de espaços e distanciamento entre masculino, feminino, copos e lugares. Isso tudo são detalhes que enriquecem por meio da valorização da cultura visual e do manuseio de conceitos teóricos como a performance. Alguns penitentes amarram suas vestes brancas agora tingidas de vermelho do sangue em seus corpos conforme a imagem, outrossim, nota-se que os flagelos “cicatrizam” rapidamente. A performancidade do ato traz ao penitente a garantia que essa dor é mínima comparada ao sacrifício de Cristo, mas fortemente necessária e cíclica. A autoflagelação é como o “inverno chuvoso” sempre acontece assim como a quaresma e demais datas do calendário católico. Eles exibem suas feridas com orgulho na sala como demonstra a imagem.

Figura 14 - Penitentes na performance da autoflagelação.



Fonte: Acervo pessoal (Santos, 2018).

Outra particularidade da teatralização dos penitentes no ritual da autoflagelação, assim como os demais ritos, a exemplo, das peregrinações em estradas de terras, renovações da comunidade, nos “alertais” e demais ritualísticas está embutido o papel da distribuição dos

membros, está uso do corpo como instrumento de penitência e da busca da discricção.

Nota-se na imagem os três corpos distribuídos e com estágios diferentes de sangria. As feições escondidas podem está separando do outro a dor ou a satisfação dessa imitação da paixão de Cristo. Os cortes do penitente no primeiro plano é forte, sangrento e cabisbaixo, ao fundo, percebe-se penitentes velhos em dificuldade de produzir suas sangrias, ou melhor, seus pedágios divinos.

Dessa forma, é muito complexo entender como esses rituais, essas pessoas e suas crenças atravessaram tempos, elaboram seus tempos e suas cosmogonias e essa dissertação é apenas um roçado diante de incontáveis colheitas epistemológicas. Os penitentes da Ordem da Santa Cruz são marcos de resistências, de permanências, e ressignificações, de elaborações de pontes com sagrado, de rupturas, de costuras e uma religiosidade que persiste apesar da pandemia do covid-19, do tempo, da modernidade ou pela modernidade. São homens que à sua maneira estão no tempo presente vivenciando em suas carnes, almas, suores e sangues um mandato divino. Todavia, esses penitentes, este texto e toda minha carreira acadêmica, até então como historiador, serve como colossal fonte para saciar aquele Paulo, criança, que tinha medo, fascínio, enxerga esses homens como místicos e mágicos.

4.4 A FORÇA DOS SACRIFÍCIOS NO PENITENCIALISMO

O sacrifício está presente no rol de entendimento sobre as práticas do penitencialismo, ou seja, entre as manifestações das práticas como um elemento essencial e pode ser edificado além da autoflagelação, pois não é apenas correlata com esse ritual.

A ideia de sacrifício surge em primazia na elaboração de um reflexo bíblico e judaico-cristão, uma vez que na origem dessa crença a proporção ou peso do sacrifício está presente como ferramenta de eminência, transcendência e diálogo divino. Dessa maneira, a religiosidade bebe dessa fonte para saciar aproximações entre penitentes e o Deus, além de justifica-se pelo critério do tempo e da tradicionalidade do sacrifício.

A aproximação e a elevação ao divino acontecem por meio do concreto sacrifício, tal como um pedágio, por isso que a carne do carneiro (do sacrifício judaico) e seu sangue simbolizam essas duas dimensões em torno do sagrado.

No penitencialismo, fruto de uma longa história e resistência, a noção de sacrifício funciona como um selo garantidor da cosmogonia, da salvação e limpeza de pecados. Assim, o conceito, a prática e a metodologia em torno dos sacrifícios estão em perpétua sintonia com os penitentes, que, aliás, tem em sua denominação uma concepção de sacrifício.

A penitência surge como garantidor ou simulacro com o sacrifício, ou seja, interfaces entre práticas e intenções. Dessa maneira, ser penitente é também “ser um sacrifício” em pessoa, em palco do espetáculo divino e na promessa de salvação. A penitência funciona como um simulacro do simbolismo da ressurreição e da pureza pela dor ao qual tem ser alcançada através do palco do corpo.

Por isso que a manifestação do sacrifício se faz na essência, na etimologia e nos rituais. Ademais, não é inclusivamente dos penitentes, beatas e mártires caririenses essa dimensionalidade amplificada em torno do sacrifício. Santos (2012, p. 47), relata como alguns sergipanos faziam ritos de sacrifícios, no século XIX:

É nesta perspectiva que o homem sergipano comum do século XIX entra em cena. O espetáculo manchado de sangue tem como atores principais os anônimos, homens e mulheres simples do semiárido que saiam de seus casebres para expressar as suas dores em público. Várias perspectivas estão presentes na curta assertiva de Tobias Barreto: o ritmo, a melancolia, os gemidos, os espectadores, os atores, os cenários. Enfim, um drama. Era uma tragédia que se desenrolava pelas precárias ruas de Campos, sob a vistosa proteção da matriz Nossa Senhora Imperatriz. O enredo era conhecido da população, mas mesmo assim causava as mais impressionantes sensações. As cortinas se abriam para o espetáculo da Paixão.

Por este ângulo, nota-se como intuitivamente no âmbito popular o conceito de sacrifício como um leque de possibilidades de representações do espetáculo da paixão, do sacrifício de Cristo e da necessidade de replicar essa benção e na valorização deste sacrifício primordial. Assim, como os penitentes aurorenses, tal rito é uma teatralidade da dor, da melancolia, da sintonia, da aproximação, do êxtase e da elaboração de um divino próximo e isso aproxima, encanta e instiga o ser apartado ou etnográfico.

As performances remontam o sacrifício cristão e também significam a participação do corpo, do espírito e do sangue, pois penitência é fazer contínuos sacrifícios para apaziguar e garantir o mundo, a salvação e a própria história/tradição. Rezar constantemente, cantar benditos toda uma madrugada, andar em peregrinação, flagelos, renovação carismática e entre outros ritos são edificados na concepção de um mundo messiânico, sacrificador e sacrificante.

A ideia do sacrifício como esse fruto mantenedor de uma aproximação com o divino, torna-se seu ato algo significativo no supraterrâneo e intraterrâneo, seja na comunidade da Ordem da Santa Cruz, de Aurora ou na ideia do paraíso divino, o sacrifício é o passaporte, senão, a passagem para uma vida e um tempo de bonanças. No entanto, o tempo é uma costura que também significa e dá tonalidades às penitências.

Dessa maneira tempo, cosmogonia, performances e teatralidade formam-se um palco

para sacrifício de sangue, de palavra ou de carne. O penitencialismo, assim, é entendido como um reflexo da valorização da concepção mística, transcendente e divina no ato da entrega, da dor, da devoção e da elaboração de um tempo que justifica tais sacrifícios humanos.

4.5 SACRIFÍCIOS COMO PAGAMENTO: NEGOCIAÇÕES E BURLAS

Sacrifícios não são emitidos como elementos forçados, pressionados ou apenas simbólicos, pois são negociações necessárias na mentalidade dos penitentes, portanto, para os penitentes algo concreto e preciso. Nesse entendimento, compreende-se que são atos dignos de pureza e tem uma função na manutenção da cosmogonia divina.

O sacrifício seja delimitado pelo tempo, pela penitência, pela dor ou pela entrega carnal e espiritual possuem em si a noção da aproximação, da manutenção da ordem natural e da tradicionalidade. Não trata-se de uma melancolia, uma dor ou uma penitência, mas uma missão.

No decorrer das fotografias nesse texto e até mesmo nas matérias jornalísticas o entendimento da autoflagelação, entre os demais rituais, está como um sacrifício de êxtase, de sacralidade, de mistério e de mística. Esse pedágio, não apenas funciona como moeda de troca, mas como o próprio palco desse espetáculo. O abrir das cortinas se faz na carne cortada, nos benditos, nas súplicas, nas orações e nas caminhadas.

No entanto, essas práticas não eram entendidas como negociações, fascínio e um sacrifício por ou para todos, pois era comum na mídia, na comunidade e na própria historiografia o estranhamento em torno desse pedágio. Santos visualiza essa perspectivas em torno dos atos quaresmais sergipanos do século XIX ao qual assemelha-se com a penitência.

Dessa forma, a religião cristã teria se tornado uma religião de pecadores. Essa sua convicção, somada às lembranças de sua juventude, fortalecia a sua argumentação à medida que expressava o seu repúdio às práticas sacrificiais. A sua posição diante da ideia de pecado do cristianismo foi explicitada em diversos momentos no ensaio, com frases impactantes como “é uma coisa hedionda a religião assim compreendida”, ou com termos como “tenebrosos espetáculos”, “idiotas religiosos”, “quadro repugnante”. Foi tentando comprovar os supostos espetáculos de sandice humana que Tobias Barreto se referiu à encomendação das almas de sua terra natal, guardada na memória de sua infância. Ele buscou registrar a manifestação em seus mínimos detalhes, talvez com o intuito de ridicularizar, mas que resultou num valioso registro acerca da prática (Santos, 2012, p. 51).

O personagem que registra os atos praticados na quaresma vislumbra tais performances com “tenebroso”, “idiotices”, “repugnantes” entre outros adjetivos usados no trecho. Em paralelo a essa descrição encontra-se o penitencialismo no tempo presente ainda

tentando se desvencilhar-se dos signos como medievais, fanáticos, cultura impactante ou um olhar sobre uma espetacularização do sangue e da carne. Os verdadeiros ditos e não ditos lutam para surgir em textos jornalísticos e historiográficos, por exemplo, o entendimento da sacralidade, do sacrifício, da historicidade dessas práticas etc.

Nenhuns dos penitentes enxergam o sacrifício como prisão, malefício ou doloroso, mas como justificativa ascensão e aproximação no mínimo de dor, paixão e sacrifício de Cristo. Sangue, os cortes e as orações levam os penitentes numa viagem no tempo, no espaço e colocam-nos diante de Jesus. Nota-se nas vestimentas os capuzes que escondem os rostos dos penitentes e eles gostam desse mistério e mística em torno da mágica desse bendito pedágio.

4.6 SACRIFÍCIOS COMO ALIMENTO, OS OBJETOS DE SACRIFÍCIOS E OS SACRIFICANTES

O sacrifício como alimentação é a compreensão que os penitentes têm como representante divino na terra a igreja católica e sua ortodoxia religiosa, pois na missa e na criação das irmandades providas das missões de sacerdotes como padre Ibiapina a vigência de uma fé que tem o seu deus transformado em pão, vinho ou simulacro da carne e do vinho, ou seja, dessa maneira emulam o rito da missa.

É essa construção do divino como alimento da alma e do corpo os ritos dos penitentes também enxergam esse campo da transformação da autoflagelação em uma interface e imitação da alimentação do corpo e da carne em troca do fim dos pecados e da salvação. De certo, o que significa sacrifício e como conceito teórico e metodológico na epistemologia e na religiosidade, Mauss e Hubert (2017, p. 15), oferecem uma explicação:

A palavra sugere imediatamente a idéia de consagração, e poder-se-ia pensar que as duas noções se confundem. Com efeito, é certo que o sacrifício sempre implica uma consagração: em todo sacrifício um objeto passa do domínio comum ao domínio religioso - ele é consagrado. Mas as consagrações não são todas da mesma natureza. Há aquelas que esgotam seus efeitos no objeto consagrado, seja ele qual for, homem ou coisa. É o caso, por exemplo, da unção. Na sagração de um rei, somente a personalidade religiosa do rei é modificada; fora dela nada é alterado. No sacrifício, ao contrário, a consagração irradia-se para além da coisa consagrada, atingindo, entre outras coisas, a pessoa moral que se encarrega da cerimônia.

Eles elaboram uma conceitualização pautada na construção do sacrifício como uma idealização da consagração e na passagem do comum ao religioso. Essa definição é a melhor que se aplica na análise dos penitentes aos quais são consagrados, por uma tradicionalidade e

uma longa construção imagética e mística deste do padre Cícero, a São Francisco e por pelo Deus, como entes fornecedores de um sacrifício de consagração deles, eles como palcos da salvação e emulação da paixão de Cristo.

Essa é a missão desses homens de perpetuar essa linda, dramática, melancólica e tradicional missão. Os objetos de sacrifícios nas religiões ou religiosidades são elementos de construção e de amparo físico da ritualística do sacrifício.

Nos penitentes se manifesta no corpo, no sangue, nas orações, nas caminhadas, na cruz de madeira, nas vestes brancas, na cruz, na devoção dos santos e na manutenção dos mistérios.

Nas imagens que percorrem esse texto é observável que as performances dos penitentes possuem poucos objetos ou materialidades, pois o elemento mantenedor dessa fé está na missão, na cosmogonia e na leitura do tempo e do mundo.

Sobre a delimitação de tais objetos de sacrifícios, Mauss e Hubert (2017, p. 16), dizem que: “[...] Chamaremos "objetos do sacrifício" essas coisas em vista das quais o sacrifício é feito. Aliás, é importante assinalar que também o sacrificante é atingido, até mesmo em razão de sua presença no sacrifício e de sua participação ou interesse nele [...]”. Objetos de sacrifícios, sacrifício e sacrificante não podem ser naturalmente correlatos ao processo de sublimação como oferendas, pois na concepção deles há distinções entre essa trindade perante o fenômeno da oferta, assim:

Com efeito, não há oferenda em que o objeto consagrado não se interponha igualmente entre o deus e o oferece dor e em que este último não seja afetado pela consagração. Mas se todo sacrifício é, de fato, uma oblação, há oblações de espécies diferentes. Às vezes o objeto consagrado é simplesmente apresentado como um ex-voto: a consagração pode afetá-lo no serviço do deus mas não altera sua natureza pelo simples fato de fazê-lo passar para o domínio religioso - caso das primícias apenas trazidas ao templo e que ali permaneciam intactas e pertencentes aos sacerdotes. Outras vezes, ao contrário, a consagração destrói o objeto apresentado: no caso de um animal apresentado ao altar, a finalidade buscada só é atingida quando ele foi degolado, esquartejado ou consumido pelo fogo - em suma, quando foi sacrificado. O objeto assim destruído é a vítima (Mauss e Hubert, 2017, p. 17).

Nesse entendimento, há uma cisão entre objeto consagrado e objeto de sacrifício, usando essa perspectiva a própria delimitação de objetos de sacrifícios apresentada no parágrafo anterior precisa ser redefinida como objetos de consagração como as fitas, roupas, cruzeiros, capuzes, santos e ex-votos, em contrapartida, objetos de sacrifício no penitencialismo é performance da carne em sangria, ou seja, a autoflagelação.

O sacrificante é também o sacrificador, e essa ambivalência é o mais fascinante nos dos penitentes, ou seja, o palco que ensaia e teatraliza o sacrifício e performance o

sacrificador será o mesmo que edifica o sacrifício. As caminhadas, os flagelos, as orações e penitências ou romarias são simulacros entre sacrifício, sacrificante e sacrificador. Essa tríade está unida nessa religiosidade como uma colagem e base, pois o penitente só tem suas ritualísticas praticando penitência e a penitência se justifica na performance de seu ato.

Para Mauss e Hubert (2017, p. 16), o sacrificante é “Chamamos "sacrificante" o sujeito que recolhe os benefícios do sacrifício ou se submete a seus efeitos. Esse sujeito é ora um indivíduo, ora uma coletividade [...]”. Visualizam ser sacrificante como indivíduo ou grupo que submete ao sacrifício e seus benefícios. Dessa forma, os penitentes são sacrificados e sacrifícios na mesma função religiosa.

4.7 RITOS E SUAS EMULAÇÕES: CORPO, ÊXTASE E PERFORMANCE

Os ritos dos penitentes constroem o mundo, outro e a si. Os penitentes só são penitentes, pois estão crentes que precisam saciar uma longa história de tradição, de construção e de uma missão perpétua. O corpo funciona como ente de sacrifício, de performance e de palco. Assim não dá para separar corpo, êxtase e religiosidade. Mauss e Hubert (2017, p. 19), também edificam-se em síntese o que entendem por sacrifício e sua relação com sacrifícios pessoais.

Chegamos então à seguinte fórmula: o sacrifício é um ato religioso que mediante a consagração de uma vítima modifica o estado da pessoa moral que o efetua ou de certos objetos pelos quais ela se interessa. Para brevidade da exposição, denominaremos sacrifícios pessoais aqueles em que a personalidade do sacrificante é diretamente afetada pelo sacrifício e sacrifícios objetivos aqueles em que objetos, reais ou ideais, recebem imediatamente a ação sacrificial.

O ato da penitência é pensado como um sacrifício pessoal, mas o corpo como palco e como performance é neste entendimento, também visível nas fotografias e na própria delimitação de textos jornalísticos como sacrifício de vida, pois estes ritos encantam e até causam estranhamento perante as suas funções no tempo presente, e por isso, que anacronismos são feitos e refeitos.

Este ritual funciona no tempo presente porque também é fruto desse tempo, não apenas como um ato pessoal, mas comunitário e humano. Até mesmo a ideia de tempo é uma negociação entre Deus, mundo e penitentes, ou seja, mais um palco, mais uma performance e uma identidade dos penitentes tudo em pró da salvação da humanidade.

O êxtase da autoflagelação não só funciona como um ápice do ritual do sangue e na emulação da paixão de Cristo, porém tem em seu recorte uma aura mística, transcendente e

eminente com divino, funciona como a experimentação por meio do sangue, do sacrifício e da consagração a mais real aproximação com Deus.

Tais palcos, espetáculos, bastidores, performances e teatralidades fazem parte intrinsecamente da construção do penitencialismo e sua marca na religiosidade. No entanto, não é apenas seres de sacrifícios, de penitências, de objetos de consagração ou de agricultores com uma missão divina, este texto busca analisar e demonstrar os penitentes como relíquias de uma fé ímpar, plural, dinâmica e com seus códigos.

Os penitentes peregrinam na historiografia entre uma infinidade de concepções, conceitos, tipos de abordagens e formas de contemplação de seus ritos, de sua existência, de suas resistências e suas emulações entre corpos, êxtases e performances que não estão cerceados por uma texto com delimitações do historiógrafo, dos recortes, das leituras, da sua feitura etc. Por isso, estudar sobre os penitentes é vislumbrar-se com um campo de incalculável desenvolvimento. Esse texto funciona como um quadro com pinturas, rascunhos e lacunas que fogem ao manuseio do historiador, mas funciona como uma apresentação do tamanho epistemológico, historiográfico e de historicidade em torno dos penitentes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa sobre a Ordem da Santa Cruz e seus contornos, rituais, performances e simbologias nasce com uma perspectiva de delimitar fascínios, especificidades e vislumbres sobre essa religiosidade e seu contexto, ou seja, proporcionar algumas reflexões sócio-históricas sobre os penitentes do sítio Salgadinho no em torno da Vila Tipi.

Dessa maneira, é, sobretudo, uma caminhada na esteira de uma vida acadêmica pautada no fascínio inesgotável nos estudos sobre penitentes, penitencialismo, religiosidade e o simulacro entre história e antropologia. Destarte, compreendo que todo texto é um tempo e um diálogo entre leitor e escritor, história e historiador, todavia, foi necessário também delimitar campos de reflexões como a cosmogonia dos penitentes, relação entre tempo e religiosidade e rituais e performances. Outra perspectiva foi construir olhares sobre os penitentes por meio de um historiador que presencia e está próximo dessa religiosidade, mas nunca esquecendo a primazia do objeto de estudo.

Essa dissertação está repleta de colocações do historiador ativo e não de um historiador imperceptível a sua escrita, pesquisa e trabalho árduo. Todavia, os caminhos teóricos e metodológicos possibilitam abrir alguns leques analíticos reflexivos sobre o infindável terreno fértil e as inúmeras possibilidades, além desse “caminho”, para estudar a Ordem dos penitentes da Santa Cruz ou outras irmandades.

Dessa maneira, mesmo ciente das lacunas essa pesquisa buscou a luz do tempo presente e do roçado frutífero da antropologia, da história, da cultura visual e de conceitos caros e significativos como “performance” e entender por meio dos corpos, dos rituais e identidades dos penitentes da comunidade preterida como eles fazem sua cosmogonia. Temas que foram pincelados e precisam de aprofundamentos como a questão de gênero e o feminino da religiosidade dos penitentes e demais ramos da fé na cidade de Aurora e no Cariri cearense.

Outra grande possibilidade ou lacuna dessa dissertação é uma pesquisa que consiga esmiuçar esse catolicismo que não é mesmo do oficial, mas caracterizá-lo como híbrido, próprio, quimérico, rural ou diferente e que fogem a esses adjetivos e ganha nos corpos desses homens dores, clamores, vivacidade, paixão e suor. O tema sobre esse catolicismo é igualmente desafiador na sua construção e manutenção no tempo presente.

Outra categoria que semeia essa dissertação é a plantação sobre a ideia de tempo ou tempos em suas dimensões sacras, humanas e midiáticas, porém para isso foi essencial traçar rotas de acessos a problemática cerne de aceitação, análise e percepção de elementos

significativos no tempo presente que mantém vivos não apenas o penitencialismo, ou seja, a dimensão cultural rica dessa religiosidade e sua ponte com tempos elaborados pela mídia, pelos penitentes, historiadores e pela bíblia.

O tempo funciona nesse texto como bússolas identitárias e performáticas, pois o tempo do pe. Cícero, do fim e do começo do mundo não é cronológico, mas crível na cosmogonia dos penitentes. Essa dissertação usou o tempo como uma enxada e uma foice.

Entre essas vias de acesso foi utilizado o uso das fotografias e uma linguagem que possibilitasse uma fronteira entre o religioso e o agricultor ou senão do religioso-agricultor. Outrossim, outro caminho importante foi uso de jornais que fizeram e fazem suas leituras anacrônicas ou superficiais e ainda persistem no erro da apresentação dos penitentes como uma vertente folclórica.

No entanto, foram significativos os ganhos analíticos por meio do manuseio de textos jornalísticos que ofereceram uma compreensão sobre essas primeiras décadas do século XXI, e como ainda existem leituras desviadas e vazias sobre os penitentes. Houve uma breve explanação como a mídia ainda retrata os penitentes. Observa-se pelo uso de conceitos cruciais como tempo e as categorias como “medievais”, excêntricos e resquícios de uma cultura condenada à morte. Tais colocações explícitas ou não, entre os não ditos, oferecem os contornos expositores e vias sacras para os penitentes. Espero que a historiografia e principalmente historiografia da Cultura não caia nessas premissas errôneas.

O conceito de performance foi um guia para essa pesquisa e funciona como um farol deste texto, além de outros conceitos teóricos como identidade, cultura, simbolismo, entre outros, que enriquecem e tornam esse texto não uma "penitência" academia, mas um doce deleite entre pesquisa, histórica, objeto de estudo e teoria sobre os penitentes, comunidade e o sagrado.

Assim, é relevante apontar que as lacunas são vias para outros roçados acadêmicos deste historiador ou de futuros pesquisadores da área ou não. O tema penitencialismo tem uma rica possibilidade analítica que pode ser facilmente guia para estudos de áreas variadas.

O não uso da história oral não foi apenas uma escolha acadêmica ou empobreceu este, texto ao contrário, poderia ser outro texto igualmente ou superior a este. No entanto, diante das especificações de um grupo de senhores idosos receosos do pós-pandemia de COVID-19 ficaram isolados e reclusos.

Assim, como sofreram com pesquisas que nunca proporcionaram respaldo digno, pois eram olhares simplesmente curiosos. E a somatória desses valores, aliado, a uma rica possibilidade compreensiva da história cultural, por meio de uma cultura visual juntamente

com textos jornalísticos e a grandiosa produção bibliográfica em torno da temática possibilitaram essa dissertação.

Não nego o valor da história oral e oralidade, mas não afasto e nem retiro a coragem dos futuros pesquisadores da Ordem da Santa Cruz no uso correto dessas ferramentas metodológicas, campo teórico importante e enorme carga analítica sobre a religiosidade, performance, identidade e memória destes senhores idosos, donos de uma cosmogonia única e diversa. Sempre tenho cuidado de especificar e delimitar as particularidades dessa irmandade e da riqueza de culturas entre penitentes e suas práticas.

A história oral sempre tem uma lição, seja no seu debate como epistemologia, como teoria, ou como metodologia, ou ambas, e para além dessas concepções, sempre tem um arcabouço enorme em torno de seu uso e discussão epistemológica. Todavia, a cultura visual como fonte histórica não é uma irmã velha e pobre de uma princesa da Disney, ao contrário possibilita textos, pesquisas e análises profundas.

Diante do que foi dito nas considerações iniciais, compreende-se essa dissertação como uma escrita com suores, sangues e olhares de admiração. Espera-se que meus erros, descaminhos, penitências e lacunas direcionam novos textos e historiadores, assim como meus acertos, vias sacras e ganhos epistemológicos também entusiasme algum outro historiador ou historiadora de Aurora e demais regiões.

Há temas urgentes em torno do penitencialismo ao qual nunca um texto poderá cessar como: os receios dos penitentes diante dos olhares externos, fim ou manutenção dessas religiosidades, estudo mais aprofundado sobre as tensões entre moderno e as tradições e os penitentes como sujeitos de uma história pública, de uma história digital e como sujeitos de valores e incentivos públicos ou políticas públicas que consiga dialogar e preservar essa cultura. Existem tantas possibilidades quantas marcas nas mãos dos agricultores e penitentes.

Uma única rica memória, experiência e um texto que nunca saiu ou sairá da minha história, da minha ontologia, da minha vida, assim nunca sairá da mente aquele garoto que sentado no "alpendre" à beira da estrada da Vila Tipi ouvia os benditos dos penitentes ao longe e sentia aquela mistura entre medo e fascínio. Atualmente, como historiador, ainda tenho deslumbre sobre esses homens e suas performances, vidas e crenças.

Tenho maior respeito, admiração por cada homem humilde que ainda sob a luz desses dias fazem ritualísticas que remontam ao tempo do padre Cícero, do padre Ibiapina e do tempo imprescindível ou sem cronologia, ou seja, tempo divino. E ainda são significados, fazem suas performances e tem suas tensões e apropriações de Deus, da vida e do tempo. Esse texto é um “pote de barro” de casa de avô, ou seja, uma memória ou experiência visual e

sensorial ímpar que atravessa uma vida inteira, como uma água inesquecível.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JR, D. M. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 2 ed. Recife:FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.
- AMARAL, A. A. Penitentes: devoção e autoflagelo. **Revista de Aracaju**. Aracaju: Prefeitura Municipal de Aracaju. Ano 60, nº 10, p. 185-191, 2003.
- AZZI, R. **O catolicismo popular no Brasil: aspectos históricos**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- BARRETO, P. L. N.; HOLANDA, P. H. C. Gênero e educação: o feminino santificado no cariri cearense. **R. Inter. Interdisc. INTERTHESIS**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 37-56, 2019.
- BARROS, L. **A terra da Mãe de Deus**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- BATISTA, C. A. A. **Breve história dos municípios do Cariri cearense: fatos edados** [livro eletrônico] / Célio Augusto Alves Batista, Halley Guimarães Batista. - Fortaleza:INESP, 2020.
- BAUMAN, Z. **Comunidade: A busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Tradução Plínio Dentzien: Zahar, 2003.
- BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução de Carlos Alberto Medeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.
- BEZERRA, C. P. A. **Outras histórias: memórias e narrativas da Irmandade da Cruz – Barbalha/CE** / Cícera Patrícia Alcântara Bezerra. Recife: O Autor, 2010.
- BITTENCOURT JÚNIOR, A. **A Procissão dos Penitentes do Senhor dos Passos: um estudo de comunicação na religiosidade popular na cidade de São Cristóvão no Estado de Sergipe**. Rio de Janeiro, 2003. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura). Universidade do Brasil, 2003.
- BLOCH, M. **Os reis taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio**. França e Inglaterra. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- BORGES, L. G. **Performance - Victor Turner**. In: Enciclopédia de Antropologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2019.
- BOURDIEU, P. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.
- BURKE, P. **Hibridismo cultural**. Trad. Leila Souza Mendes. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2010.
- CAILLÉ, A. Dádiva e associação, in Paulo Henrique Martins (org.), **A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social**. Petrópolis: Vozes. 2002.

CALIXTO JR, J. T. **A Venda Grande d’Aurora**. 1. Ed. Fortaleza. Expressão gráfica Editora, 2012.

CAMPOS, R. B. C. Como juazeiro do norte se tornou a terra da mãe de deus: penitência, ethos de misericórdia e identidade do lugar. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 146-175, 2008.

CAMPOS, R. B. C. Contação de ‘causos’ e negociação de verdade entre os Avesde Jesus, Juazeiro do Norte – CE. **Etnográfica** [Online], v. 13, n. 1, p. 02-10, 2009.

CAMPOS, R. B. C. **Quando a tristeza é bela**: o sofrimento e a constituição do social e da verdade entre os Ave de Jesus (Juazeiro do Norte- CE). Recife, Ed. Universitária da UFPE, 2013.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas**: Estratégias para entrar e sair da modernidade. 2. ed. São Paulo: Edusp, p. 384, 1998.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. Joel Candau ; tradução Maria Letícia Ferreira. - !.ed., 3a reimpressão. - São Paulo : Contexto, 2016.

CARVALHO, A. C. F. Fé e Tradição Oral: Práticas Mágico-Religiosas Presentes nos Rituais das Irmandades de Penitentes do Cariri Cearense. IN: Oralidades: **Revista de História Oral** / Núcleo de Estudos em História Oral [do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo]. -- Ano1, n. 1, São Paulo: NEHO, 2007.

CARVALHO, A. C. F. **Sob o signo da e da mística**: um estudo das irmandades de penitentes no Cariri Cearense. 1. Ed – Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.

CARVALHO, A. C. F.. As irmandades de penitentes do Cariri Cearense e as práticas mágico-religiosas na (re) construção de bens simbólicos de salvação. **ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA** – João Pessoa, 2003.

CAVA, R. D. **Milagre em Joazeiro**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, p. 279, 1976.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CERTEAU, M. A Operação Historiográfica. In: CERTEAU, M. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CERTEAU, Michel de. **História e psicanálise**: entre ciência e ficção. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

CHAHON, S. Visões da religiosidade católica no brasil colonial. **Revista Digital Simonsen**, ANO I - Nº 1 - DEZEMBRO – 2014.

CHARTIER, R. “Cultura popular”: revisitando um conceito historiográfico. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 179-192, 1995.

CHARTIER, R. **História Cultural** – Entre práticas e representações. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, R. Práticas da Leitura. **Tradução de Cristiane Nascimento**: Introdução de Alcir Pécora. 5o. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

CHAVES, A. S. Religiosidade católica num contexto de transição rural- urbano. **Cadernos Ceru. Chaves. Pmd.** v. 23, n. 1. 09, p. 206, 2013.

COUTO, M. J. G. **Missão Abreviada**: para despertar os descuidos, converteros pecadores e sustentar o fructo das missões. 6.ed. Porto: Tipografia de Sebastião José Pereira, 1868.

CUNHA, E. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

DAWSEY, J. C. Schechner, teatro e antropologia. **Cadernos de campo**, São Paulo, n. 20, p. 1-360, 2011.

DELLA CAVA, R. Milagre em Joaseiro. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2014. Tradução Maria Yedda Linhares, 2014.

DELUCA, T. R. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. Fontes históricas / Carla Bassanezi Pinsky, (organizadora). — 2.ed., I a reimpressão.— São Paulo : Contexto, 2008.

DELUMEAU, J. **A história do Medo no Ocidente** (1300 – 1800). São Paulo. Paz e Terra. 4º Edição: 1999.

DEMO, P. Pesquisa qualitativa. Busca de equilíbrio entre forma e conte do. **Rev. latino-am.enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 89-104, 1998.

DUARTE, T. O surgimento da ordem da penitência de São Francisco: Novas Contribuições Para a História de Suas Origens. **OPIS - Revista do Niese**, v. 2, N.J, Jan/Jun, 2002.

FERNANDES, J. G. S. **O boi de máscaras**: festa, trabalho e memóriana cultura popular do Boi Tinga de São Caetano de Odivelas, Pará. EDUFPA, Belém, 2007.

FERREIRA, J. C. C. **Entre o rosário e a missão**: análise sociológica do movimento milenarista Aves de Jesus. 2003. 170 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia, Ciências Sociais, Ufpa (universidade Federal da Paraíba), João Pessoa, 2003.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Tradução: Maria Betânia Amoroso, 2006.

GINZBURG, C. **Os andarilhos do bem**: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

HARTMANN, L.; LANGDON, E. J. Tem um corpo nessa alma: encruzilhadas da

antropologia da performance no Brasil. **BIB**, São Paulo, n. 91, p. 1-31, 2020.

HOORNAERT, E. **Formação do catolicismo brasileiro - 1550-1800**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

KOSELLECK, R. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2006.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LOIZOS, P. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, Martin W. GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som**: um manual prático I Martin W. Bauer, George Gaskell (editores); tradução de Pedrinho A. Guareschi.- Petrópolis, RJ : Vozes, 2002.

LUCA, T. R.; PINSKY, C. B. **O Historiador e suas fontes** / Carla Bassanezi Pinsky e Tania Regina de Luca (orgs.). 1. ed., 1ª reimpressão. - São Paulo Contexto, 2011.

MACEDO, E. U. Religiosidade popular brasileira colonial: um retrato sincrético. **Revista Ágora**, Vitória, n. 7, p.1-20, 2008.

MACHADO, J. R. M. **Entre cantos e açoites**: memórias, narrativas e políticas públicas de patrimônio que envolvem os penitentes da cidade Barbalha-CE / Jana Rafaella Maia Machado – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2014.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades demassa, Tradução: Maria de Lourdes Meneses, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MARIN, L. **Ler um quadro** – uma carta de Poussin em 1639. In: CHARTIER,. Roger. Práticas da Leitura. tradução de Cristiane Nascimento: introdução de Alcir Pécora. 5o. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

MARTINS, P. H. A sociologia de Marcel Mauss: Dádiva, simbolismo e associação. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 73, p. 45-66, 2005.

MAUSS, M.; HUBERT, H. **Sobre o sacrifício**. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Ubu editora, p. 144, 2017.

MORAIS, Á. D. R. **O povo fez sua santa**: canonização espontânea nas narrativas dos devotos de Mártir Francisca de Aurora. 2008. 125f. Dissertação (Mestradoem Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza - CE, 2008.

MORAIS, Á. D. R. Santa do povo: comentários sobre a devoção à mártir Francisca de Aurora. **Trajeto Revista de História UFC**, Fortaleza, v. 4, n. 8, p. 147-161, 2006.

MORIN, E. **Cultura de Massas no Século XX**, O espírito do tempo, Neurose, Tradução: Maura Ribeiro Sardinha. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

MULLER, R. P. Ritual, shechner e performance. **Horizontes Antropológicos**, Porto

Alegre, ano 11, n. 24, p. 67-85, 2005.

MUNHOZ, M. M. **A comunicação do ritual do autossacrifício do corpo: os penitentes de Barbalha - CE / Marcos Martinez Munhoz.** - São Caetano do Sul: USCS/ Universidade Municipal de São Caetano do Sul, 2013.

MUNHOZ, M. M.; ROSSETTI, R. **O impacto da mídia no ritual religioso de autopenitência do corpo na comunidade dos penitentes da cidade de Barbalha no Ceará.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – João Pessoa - PB – 15 a 17/05/2014.

NETO, S. L.; RAMOS, V. S. História do Tempo Presente, diálogos com a História Pública e com o ensino de História: uma experiência exploratória. **Aedus**, v.6, n°15, 2014.

NOBRE, E. Incêndios da Alma: **A beata Maria de Araújo e o milagre de Juazeiro** - Brasil, Século XIX. Rio de Janeiro: Multifoco, 2016.

NOBRE, E. **O Teatro de Deus: as beatas do padre Cícero e o espaço sagrado de Juazeiro.** Fortaleza: IMEPH, 2011.

NOBRE, E. S. **“Caminhos e sujeitos da historiografia do Padre Cícero”** In: BUARQUE, V. A. C. (org.). História da historiografia religiosa. Ouro Preto: Edufop/PPGHIS, 2012.

NOBRE, E. S. Festas e práticas religiosas no Cariri Cearense nos relatos de viagem (século XIX) - anais do III Encontro do GT História das religiões e religiosidades. IN: **Revista Brasileira de História das Religiões.** Maringá (PR). v. 3, n. 9, 2011.

NOBRE, E.; ALEXANDRE, J. F. A missão abreviada: práticas elugares do bem-morrer na literatura espiritual portuguesa da segunda metade do século XIX. **Revista Brasileira de História das Religiões.** ANPUH, Ano IV, n. 10, 2011.

OLIVEIRA FILHO, R. V. A outra face de Deus: as representações da ideia de castigo divino no grupo “penitentes peregrinos públicos” em Juazeiro do Norte. **XVIII Simpósio Nacional de História**, 13, 2013, Natal. Anais... Natal: ANPUH, 2013.

OLIVEIRA FILHO, R. V. **Passado perpétuo: os penitentes Peregrinos Público e o catolicismo penitencial em Juazeiro-CE (1970-2016).** 153 f. 2016. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande - PB, 2017.

OLIVEIRA JUNIOR, A. W. **Aurora dos penitentes: ensaio sobre metodologia da pesquisa etnográfica e produção audiovisual documentarista no caso das ordens de penitentes no cariri cearense.** IN: Cultura, política e identidades: Ceará em perspectiva. Org Igor de Menezes Soares; Ítala Byanca Morais da Silva. Fortaleza: Iphan, 2016.

OLIVEIRA, C. S. Olhares contemporâneos sobre as irmandades de penitentes do Cariri cearense. **Anais do III Seminário Internacional História e Historiografia.** X Seminário de Pesquisa do Departamento de História - UFC Fortaleza, 01 a 03 de outubro de 2012.

OLIVEIRA, P. R. **Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo**

romanizado no Brasil. Petrópolis, Vozes, p. 357, 1985.

PASSOS, Luiz Paulo. **Pelo amor que lhe tenho, você vai morrer:** uma análise de crimes passionais na Cidade de Aurora (Ceará, anos 1950). 2016. 104f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, Paraíba, Brasil, 2016.

POMPA, C. **Leituras do ‘Fanatismo Religioso’ no Sertão Brasileiro**, in **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, v. 69, p. 71-88, 2004.

PRIORE, M. D. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo, Brasiliense, 136 p.1994.

QUEZADO, R. **Paixão e Sangue de Mártir Francisca**. Fortaleza: ReB Comunicação. 2001.

RIBEIRO, J. M. C. **Entre a penitência do corpo e o corpo em festa:** uma análise das missões do padre Ibiapina no Ceará (1860 – 1883) / Josiane Maria de Castro Ribeiro. - Fortaleza, 2003.

RIBEIRO, R. **Antropologia da religião e outros estudos**. Recife, Fundação Joaquim Nabuco/ Massangana, p. 310, 1982.

RODRIGUES, C. M. S. O tempo das irmandades: cultura, celebração e religiosidade na encruzilhada da história. **Proj. História**, São Paulo, v. 28, p. 3339- 360, 2004.

ROUSSO, H. **A última catástrofe:** a história, o presente e o contemporâneo. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016.

SANTOS, C. J. A cruz que alumeia o mundo: narrativas memoráveis sobre os penitentes e a devoção à Cruz da Rufina, no sul do Ceará. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. v. 4, n. 7, 2012.

SANTOS, C. J. A cruz que alumeia o mundo: narrativas memoráveis sobre os penitentes e a devoção à Cruz da Rufina, no sul do Ceará. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 4, n. 7, 2012.

SANTOS, J. M. P. Breve histórico da “performance art” no brasil e no mundo. **Revista Ohun**, ano 4, n. 4, p.1-32 , 2008.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Entre navalhas, velas e matracas: os flagelantes da vila de Campos no século XIX. **Revista de História**, v. 4, n. 1, p. 44-67, 2012.

SANTOS, P. S. S. **Oração e sangue: análise histórica da Ordem da Santa Cruz, os penitentes do Sítio Salgadinho, Aurora (CE) (2015-2018)**. Monografia UFCG- CFP. Cajazeiras PB, 2018.

SCHECHNER, R. O que é performance? Tradução: Dandara. **Revista de Teatro, crítica e estética** • ano Li· Nil 12. 2003· Departamento de Teoria do teatro do Programa de Pós-graduação em teatro da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro-Unirio. 2003.

SÉRVIO, P. O que estudam os estudos de cultura visual? **Revista Digital do LAV**, v. 7, n. 2,

p. 196-215, 2014.

SILVA, A. M. V. **Na intenção dos penitentes e do Judeu traidor:** discussões acerca da penitência pela trajetória das irmandades da cidade de Cedro-CE. 2021. 131f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, Paraíba, Brasil, 2021.

SILVA, B. R. Manual de confesores e penitentes de Martín de Azpilcueta Navarro. **Um olhar sobre a confissão auricular durante a Primeira Modernidade Católica. Confissão pessoal:** verdade de si e autodisciplina Monografia para conclusão de curso (graduação em História)–Universidade Federal de São Paulo. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2021.

SILVEIRA, É. S. História Oral e memória: pensando um perfil de historiador etnográfico. **MÉTIS: história & cultura**, v. 6, n. 12, p. 35-44, 2007.

SOUSA, E. J. F. O catolicismo popular brasileiro: notas em torno da sua invenção historiográfica. *Temporalidades. Revista de História*, Edição 36, v. 13, n. 2, 2021.

SOUZA, L. M. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz:** feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

TAVARES, A. G. **Aurora: História e Folclore.** 2a Ed. João Pessoa PB, Avantes. 1999.

TEIXEIRA, F. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. **REVISTA USP**, São Paulo, n. 67, p. 14-23, 2005.

TURNER. V. W. **The anthropology of performance**, New York, PAJ Publications, 1988.

VELHO, G. **Individualismo e Cultura:** notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VENSON, A. M.; PEDRO, J. M. Memórias como fonte de pesquisa em história e antropologia. **História Oral**, v. 15, n. 2, p. 125-139, 2012.

ZUMTHOR, P. **A letra e a voz:** a literatura medieval. São Paulo, Companhia das Letras, p. 324, 1991.

ZUMTHOR, P. **Escritura e Nomadismo:** entrevistas e ensaios. Cotia: Ateliê Editorial. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Sonia Queiroz. 2005.